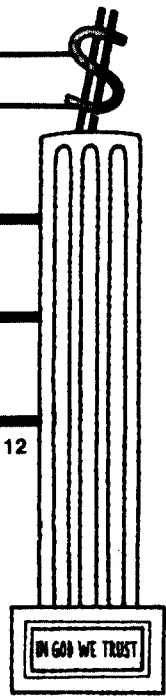
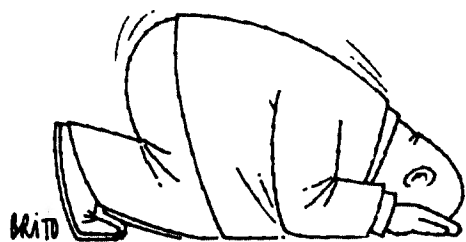


*Um recorde à margem  
das Olimpíadas*

**Dólar salta  
barreira  
dos 150\$00!**

Pág. 12



## Abriu "caça" aos fogos

- *Ainda ardem matas em Oleiros e Monchique*
- *Suspeitas de fogos postos em Belas e Idanha-a-Nova*

Os bombeiros portugueses abriram este fim-de-semana a «caça» aos fogos em diversas zonas do País. Oleiros, no distrito de Castelo Branco, e serra de Monchique, no Algarve, foram os pontos mais massacrados pelas chamas, que causaram prejuízos incalculáveis nas florestas. Hoje de manhã, estas duas áreas continuavam a mobilizar numerosas corporações de bombeiros. Na serra de Mougueiras, corporações de Castelo Branco e Santarém enfrentam a

última frente ainda activa. Em Monchique, o incêndio chegou a ser dado como extinto esta madrugada, mas voltou a recender-se ao começo da manhã devido ao vento forte que se faz sentir. Entretanto, outros dois sinistros — em Belas e Idanha-a-Nova — terão tido, segundo os bombeiros, origem criminosa. Na serra de Sintra, um incêndio de pequenas proporções, foi igualmente dominado ontem por quatro corporações da zona.

Pág. 9

**Satisfazer  
aspirações  
da juventude  
e criar  
projectos  
para o futuro**  
— *defende Eanes*



O calor «levou» o casaco do Presidente

Pág. 20

**Em Coimbra  
vidreiros  
da Fontela  
estragam  
festa  
de Soares**

Pág. 6

**O "caso"  
Telmo Moreno**  
**Guerra  
de galos  
no PSD  
de Bragança**

Pág. 5



Michael Gross, da RFA, percorreu os 200 metros estilo livre em 1.47,44, fixando uma nova marca mundial (Telefoto UPI/NP/DL)



O americano John Moffet não atingiu a marca mundial do seu compatriota Lundquist, (1.01,65), mas alcançou um novo recorde olímpico nos 100 metros bruços com o tempo de 1.02,016 (Telefoto UPI/NP/DL)



O chinês Li Ning foi o ginasta mais em evidência no primeiro dia de provas obtendo classificações máximas — 10 — em dois exercícios (Telefoto UPI/NP/DL)

**Os primeiros  
recordes  
já começaram  
a cair**

Págs. 14/15

# Terras abandonadas

Antunes da Silva

Com a tão conhecida crise económica e de identidade que avassala o País e apoquento o povo, chega a parecer inacreditável que se verifique, como se fosse uma banalidade, o abandono de largas faixas de território no Alentejo e Ribatejo, quando tantos produtos alimentares se poderia produzir se a mentalidade de certas pessoas fosse outra. Portanto, não tínhamos a necessidade de recorreremos a tão frequentes importações, que continuam a perturbar o nosso equilíbrio financeiro.

O homem comum, que não conhece bem em profundidade as técnicas agrícolas ou a origem e recrudescimento de focos de epidemias, tem, porém, a noção instintiva das grandes realidades nacionais, e a ideia simples, mas clara, lógica e sagaz de que, por exemplo, uma área de bom sol, mas sem água, não pode ser arável e torna-se num lugar difícil de viver. Logo, pensa: se as pequenas albufeiras esgotam os seus caudais em anos de seca, porque teimosos embriagados dos poderes públicos não se guarda a água numa grande barragem? E nota também que se não faz uma coisa, nem outra, nestes tempos pouco comuns que andamos atravessando...

... esta situação é impossível que se mantenha

As terras retiradas às cooperativas agrícolas, que mesmo sem a as ajudas do Estado delas tratavam, produzindo o possível, deram em ser entregues aos seus antigos proprietários ou a outro género de pessoas que têm o culto mui cioso da propriedade, mas se desinteressam das coisas do campo, originando, com o seu absentismo, sérios atritos económicos e profundas tensões sociais no Alentejo. Sucede que muitos dos donos das terras, não cultivando as fazendas ao seu dispor, se aproveitam somente do que vinga à sombra protectora da Natureza, como seja a cortiça, a caça, os eucaliptais plantados muitas vezes em zonas ubérrimas, etc. Se o povo, em geral, não tem o Governo qualificado que merece, os absentistas e os intermediários, por sua vez, estão a ter o Governo que lhes convém. E a verdade é que não podemos continuar a viver assim! Porque os milhares de hectares retirados às UCP's e cooperativas que não recebem sementes desde a data em que os trabalhadores foram esbulhados dos frutos pendentes que prepararam, das cabeças de

gado que multiplicaram e das máquinas que dificilmente adquiriram, andam abandonados e por isso o clima das relações humanas piorou. Estamos a voltar aos princípios medievais do tratamento da gleba. Esta situação é impossível que se mantenha. Temos de mudar o rumo da nossa sociedade agrícola. Com eficácia, se quisermos produzir o que bem podemos e que actualmente compramos nos outros países.

... o problema do Alentejo é a falta de água

Sabêmo-lo bem. Diria um dia destes e com carradas de razão o eng. Renano Henriques, nas breves respostas que deu ao jornal «Expresso», mais ou menos isto: **...o problema do Alentejo é a falta de água, e, enquanto não for construída a barragem de Alqueva, é escusado pensar numa boa agricultura.** No mesmo jornal também se noticiava que a Cooperativa «1.º de Maio», de Avis, e outra cujo nome não nos ocorre neste momento, não hoje um esteio de boa gestão e de plena produtividade. A primeira, deu-se ao luxo de comprar recentemente uma herdade no valor de 40 mil contos, cujo aproveitamento tem sido exemplar. Para além de uma sensata administração, tem as águas da barragem do Maranhão ao pé, e, por tal motivo, o técnico atento e competente e o tal homem comum, ambos pensam que se Alqueva for construída, para benefício dos que efectivamente trabalham ou investem na terra, a linha prodigiosa irá enriquecer agros até ao concelho de Alter do Chão e correrá para as áreas ressequidas do Algarve, fabricando electricidade, dando ao húmus das terras sequiosas o seu alimento natural, que é a água, sempre a água, raiz e fonte da nossa libertação económica. Logo, muitas cooperativas se somariam à «1.º de Maio», de Avis, no aspecto das boas médias de produção e da criatividade cooperativista.

Isto chega a ser incrível

Mesmo as pessoas de mediana cultura pressentem que tal facto aconteceria, mas o empreendimento do Alqueva está parado, (por alvedrio da CEE ou do FMI, das sempre inoportunas e abusivas imposições estrangeiras?), enquanto mais de 400 herdades dos distritos alentejanos se encontram ao abandono, com as casas dos «montes» derruídas e grandes matagais a rodeá-las, como numa selva e como se todos os homens tivessem sido di-

zimidados pela peste!...

A verdade é que grassa no Alentejo uma intensa onda de desemprego rural e a fome já ronda as vilas. O motivo é o não aproveitamento dos solos, que ocasiona a falta de trabalho, para além de não se reproduzir riqueza. E o governo pouco ou nada faz para debelar tão crítico estado de coisas. Não ajuda e antes persegue quem trabalha e produz, e deixa, por falta de meios, voluntária incapacidade ou oportunismo eleitoralista os mandriões e os saboteadores descansados. Isto chega a ser incrível!

Ainda nestes casos tão influentes na vida da Nação, incidem os insensatos ajustamentos partidários, os velhos e actuais privilégios que se defendem, as disputas e os azedumes pessoais que se reforçam, a boa-vida que se leva e se deseja por banda de alguns senhores que só se importam de receber os réditos fáceis das terras onde nada investem, em vez de se conjugarem esforços e se erguerem as estruturas atinentes a multiplicar a produção agrícola e a dar trabalho a quem o

não tem. Porque os grandes lavradores que investem e trabalham têm o nosso respeito, desde que não sejam exploradores do trabalho alheio.

O Governo não vê isto?

Porque as cooperativas da Reforma Agrária estarão dominados pelo PC e nalguns casos pelo PS, isso não invalida que se processe um esquema, seja ele qual for, de credível e eficaz — de patriótico — para bem do País. Com o propósito de guardarmos as nossas águas e em tempo oportuno põ-las a correr, as máquinas a moverem-se, o pessoal a trabalhar, as terras a dar fruto. Assim é que não pode ser! Mas como até aqui não fomos capazes de guardar as águas nos campos do Sul, se as secas vierem a eclodir de novo, infelizmente é o mais natural, muitos dos nossos melhores terrenos agrícolas caminham fatalmente para a desertificação...

O Governo não vê isto? O Governo não repara que tem um ministro da Agricultura pouco eficaz ou nada atento à evolução dos novos tempos?

Que não se importa absolutamente nada com o Alentejo, porque nem para lá se volta, nem lá vai? Que é isto? O que anda esse sujeito por aí a fazer? Naturalmente a preparar uma nova lei da Reforma Agrária, constitutiva do mando e à maneira do PSD? (credo! Abrenúncio!)

...O Governo erra quando ausculta o pensamento dos adversários de Alqueva

O Governo não repara que Portugal não se afoita e se afunda cada vez mais, devido ao desprezo a que está votada a agricultura? O Governo ainda não reparou (referimo-nos às hostes socialistas) que tanto o PSD como o CDS não lhes servem e não têm figuras psicologicamente bem dimensionadas do ponto de vista pedagógico e social para gerir a pasta da Agricultura? Todavia, ganhan-

do o PS as últimas eleições, deixa-se enleiar por uma direita re-vanchista e teima em colocar lá, a seu lado, as tais figuras pouco vocacionadas e é o que se tem visto! O Governo não repara que há absoluta necessidade de construir Alqueva e guardar toda a água possível, a fim de ser aproveitada? Não pelos absentistas que nem gastam água nenhuma e por isso são tenazmente contra a barragem, na medida em que os caudais de Alqueva, amanhã, por ventura, lhes irão inundar as inevitáveis coutadas de caça — mas guardar a água, sim, para os agricultores sérios ou para todos os que na verdade trabalham a terra e contribuem para o bem-estar da nação! O Governo erra quando ausculta o pensamento dos adversários de Alqueva, e não se importa com os verdadeiros especialistas de barragens, técnicos reputados, ou os que, apesar de não se inserirem nos seus grupos de influência, são os mais capazes de organizar planos de trabalho e discernir o que está certo do que está errado.

... andam a perpretar verdadeiros atentados contra os interesses nacionais

Por outro lado, as terras abandonadas ficam à mercê das celulosas, que parecem ter apostado em tornar o Alentejo num ninho de lacraus, numa imensa floresta de eucaliptos, sem homens, nem aves, nem qualquer outra espécie de animais a habitá-la.

As terras abandonadas violentam a noção de civismo e de concórdia social. Voluntária ou involuntariamente, certos proprietários de terras andam a prepetrar verdadeiros atentados contra os interesses nacionais!

Mas fiquemos certos de uma coisa muito simples: havermos de construir Alqueva, haja o que houver, o tempo o dirá! Pôr água nos lugares certos, entregar a terra a quem a trabalha, para nosso sustento, mediante rendas, contratos, correspondentes ajusta-

mentos, ajudas técnicas, administrativas e financeiras. Seja o que for, mas construir Alqueva é fundamental para a nossa vida, sem estarmos à mercê de grupos de pressão, ou às ordens de instituições estrangeiras, só porque não lhes convém que produzamos mais milho ou beterraba, mais lacticínios ou carne. Se houver uma infelicidade qualquer, um cataclismo nuclear ou outro nos EUA, ou a Comunidade Económica Europeia se romper vamos alimentar-nos do quê? Onde estão as estruturas da nossa agricultura, onde arrecadamos a água, como iremos sobreviver?

...não acreditamos em miraculosos surtos económicos

Só produzindo mais na terra, se poderá admitir que os portugueses regulem a sua existência colectiva e consigam adquirir os bens essenciais para se poderem nutrir no futuro, sem estarem sujeitos aos mandos e directivas lá de fora. Se tal não acontecer, se persistirmos em hipotecar a nossa independência nacional, não acreditamos em miraculosos surtos económicos, senhores governantes! Nem ao uso e abuso de panaceias que estão fartas de se frustrar em governos mais ou menos de cariz liberal, que tudo têm complicado, assacando depois as asneiras aos outros, e então, todos os sacrifícios serão inúteis e o mal-estar irá agudizar-se.

Sim, há necessidade de termos no Ministério da Agricultura homens competentes, democratas verdadeiros, bons patriotas e que não olhem para o seu partido como para um talismã, mas para os interesses da pátria, como um dever sagrado. Homens que sejam capazes de acabar com as terras abandonadas no Alentejo, de punir os absentistas. Que fossem capazes de dar luz verde, com a congregação de esforços dos colegas de Ministérios diferentes ao empreendimento de Alqueva.

Isto, a verificar-se, seria um acontecimento muito importante!



## INFORMAÇÃO À CLASSE MÉDICA

AOS DOENTES CONSUMIDORES  
DE REUMON-GEL e BIALZEPAM

(todas as apresentações)

Informamos que o abastecimento destes nossos produtos no mercado está a ser feito normalmente através dos Srs. Armazenistas e Farmácias, que o solicitam.

19-Julho-1984

Laboratórios **Bial**

## O funil do vinho do Porto

# Haverá corrupção?

Luis de Carvalho e Oliveira

A rádio de dia 7 de Julho de 1984 fez um extenso programa sobre a corrupção em Portugal.

Foram ouvidas organizações e individualidades tendo sido tiradas algumas conclusões sobre a corrupção em si e as suas causas.

Quanto à corrupção em si, tentou-se uma definição, mas não se chegou a formular-se embora tenha havido um esboço entre aqueles que disseram que constitui também a corrupção a pressão exercida sobre as autoridades para se obterem determinados resultados favoráveis, a cunha e tudo o resto que não se traduz senão em influência, havendo ou não passagem de dinheiro.

No que respeita à dinâmica própria dos órgãos encarregados da luta contra a corrupção quis-nos parecer que, de uma maneira geral, estavam à espera da denúncia para depois agir.

Não sabemos como as coisas se passam nos outros países, mas entre nós a denúncia responsável, a denúncia subscrita por alguém com o seu próprio nome do bilhete de identidade é raríssima. As pessoas usam ir falando, falando em todo o lado, omitindo por vezes nomes e casos concretos, por tal forma que um ou outro que conheça fica no incógnito, impossibilitando a acção persecutória. Parece-nos assim que seria indispensável que os órgãos incumbidos do combate à corrupção usassem um outro método de trabalho e buscassem eles próprios as situações anormais e estas facilmente as encontrariam porque é mais próprio da generalidade das pessoas falar delas que propriamente denunciá-las.

Evidentemente que a situação anormal pode existir sem corrupção, mas seria método a utilizar, sempre que a anormalidade de qualquer caso fosse conhecida proceder a uma investigação.

Trazemos à baila, sem com isto sequer nos insinuar que exista corrupção, mas existe anormalidade. O que se passa no Alto Douro desde o projecto do Desenvolvimento Integrado de Trás-os-Montes até ao plantio de vinha para produção de Vinho do Porto.

O assunto foi já extensa e largamente tratado em variados jornais, sendo conhecido publicamente por tal forma que qualquer investigação se tornaria simplificada, embora viesse a não ser concludente quanto à existência de corrupção.

Mas mesmo que concludente não fosse, o simples facto de o conduzir por essas vias, de o trazer à luz do dia nos aspectos que estão além dos limites do conhecimento daqueles que dele se têm ocupado, já seria um meio de intimidação para que outros pensassem duas vezes sobre a maneira de trabalhar por forma não só a se afastarem de tudo quanto seja corrupto como ainda a de serem mais cuidadosos para não deixarem dúvidas sobre a limpeza das suas actuações.

Repetimos que nem de longe fazemos a insinuação de que a portaria 685/82, de 9 de Julho, assinada por Basílio Horta seja produto de corrupção, mas muito e muito tem de absolutamente estranho.

Começa por tal portaria se integrar no Projecto de Desenvolvimento de Trás-os-Montes legislando sobre o Alto Douro que nada tem a ver com Trás-os-Montes a não ser na vizinhança.

Primeira pergunta: Porque foi metido o Alto Douro num projecto de desenvolvimento transmontano?

Segunda Pergunta: porque, sendo muito mais necessário corrigir o minifúndio em Trás-os-Montes do que no Alto Douro, já que o minifúndio em Trás-os-Montes é muito menos rendoso que no Alto Douro, mercê da cultura do Vinho do Porto, a Portaria 685, que se diz integrada no Projecto de Desenvolvimento de Trás-os-Montes, veio atacar exactamente o minifúndio, no Alto Douro esquecendo o transmontano?

Terceira Pergunta: porque, ao mesmo tempo que se ataca o minifúndio no Alto Douro, se permitem plantações de latifúndio na mesma região, o que implica uma expropriação do direito de fabricar Vinho do Porto aos pequenos e médios proprietários para o entregar aos grandes proprietários?

Quarta Pergunta: Porque, sendo o Alto Douro toda a região ao xisto dum e doutro lado do rio Douro até à altitude de 650 metros segundo demarcação que vem desde 1921 veio a portaria estabelecer a altitude máxima para produção de Vinho do Porto em 450 metros, deixando reservada para tal produção exactamente a zona onde as multinacionais e os grandes estão instalados.

Quinta pergunta: Porque se eliminam as propriedades com menos de três hectares contínuos para produção do Vinho do Porto se é certo que nelas se pode produzir a mesma qualidade das grandes propriedades e melhor ainda, se reunidos os pequenos e os médios proprietários em cooperativas?

Sexta pergunta: Para expropriar o direito de plantar vinhas para produção de Vinho do Porto acima de 450 metros (entregando de mão beijada tal direito aos grandes, normalmente multinacionais) que dados científicos e técnicos foram utilizados?

Sétima pergunta: Foram implantados campos experimentais a cima de 450 metros e tais campos foram entregues a pessoas honestas e desinteressadas que avaliassem os resultados com vista a bem conhecerem as qualidades do Vinho do Porto aí produzidas?

Oitava pergunta: É verdade o que se diz no «Expresso» de 9 de Junho de 1984 que as Brigadas de Fiscalização que tinham sido deslocadas para a zona de Vila Flor (onde se encontram as plantações ilegais das multinacionais) foram colocadas em campos experimentais ao serviço das próprias empresas exportadoras (as multinacionais) quando as novas dessas multinacionais não foram elas propriamente transformadas em locais de ensaio com cobertura

oficial?

Nona pergunta: É verdade que a portaria 685/82 de Basílio Horta foi gizada sobre os dados fornecidos exclusivamente por esses campos experimentais privados das multinacionais?

Décima pergunta: É verdade, como diz o mesmo «Expresso» que os 2500 hectares de plantação de vinhas autorizadas pela portaria 685/85/82 serviram para cobrir plantações em terras que sob o rótulo de mortórios nunca tinham dado um bago de uva?

Décima primeira pergunta: e que essas novas plantações ameçam os benefícios antigos de muitos milhares de pequenos e médios produtores? (de Expresso de 9 de Junho de 1984, III).

Décima segunda pergunta: É verdade que esta situação reduz à miséria 25 000 pequenos e médios produtores de vinho do Porto, dos 29 000 existentes?

Décima terceira pergunta: É verdade o que se diz no Diário Popular de 14 de Junho de 1982, que as multinacionais continuam a fazer plantios ilegais?

Décima quarta: Que medidas tomou o Ministério da Agricultura para impedir tais plantações que são frontalmente contrárias à lei portuguesa sobre plantio de vinha?

Décima quinta pergunta: A portaria 685/82 selecciona apenas cinco castas para enxertia de videiras para produção de Vinho do Porto. Elimina muitas outras até agora tidas como muito boas.

É verdade que essa selecção se fez na base dos tais campos experimentais das multinacionais e segundo os seus próprios interesses, eliminando as castas que aí produzem pior e levando à portaria as que mais rendimento lhes podem proporcionar?

Décima sexta pergunta: É verdade que as conclusões dos campos experimentais dessas multinacionais não podem ser generalizadas para toda a região do Alto Douro e para a produção do Vinho do Porto pela diversificação de clima, aliás microclimas, exposições, naturezas do solo, etc. E que mesmo assim a portaria a generalizou impondo-as a toda a restante região e para expropriar o direito de fabrico de Vinho do Porto aos pequenos e médios proprietários, entregando-o aos grandes?

Décima sétima pergunta: Porque veio a portaria 685/82 de Basílio Horta, como ela própria diz, em defesa da qualidade do Vinho do Porto, se tal qualidade não tinha sido posta em causa e a portaria apareceu após os anos de maior comercialização do Vinho do Porto de que há memória?

Décima oitava pergunta: Pela portaria 685/82 prevê-se uma reconversão das vinhas do Alto Douro. Porque foi atribuído bónus apenas para as reconversões dos que são autorizados a produzir Vinho do Porto, não se tendo concedido igual bonificação para aqueles que com a portaria virão a perder o direito de fabrico de Vinho do Porto vindo o seu rendimento reduzido por isso mesmo?

Décima nona pergunta: Que critérios foram seguidos para que assim acontecesse, ajudando-se economicamente os que tiram mais vantagens e não se prestando igual ajuda aqueles a quem tais vantagens são retiradas?

Vigésima pergunta: Se a área mínima para plantação de vinha para produção de Vinho do Porto foi estabelecida como início de uma espécie de reforma agrária na região do Douro porque não veio a estabelecer-se igual área mínima para as vinhas produtoras de vinho comum?

Vigésima primeira pergunta: Será que os três hectares mínimos e os 450 metros de altitude funcionam apenas como artifício para retirar o direito de fabrico de Vinho do Porto a 25 000 pequenos e médios produtores de Vinho do Porto, aproximadamente, para o entregar a reduzido número essencialmente estrangeiros que são as firmas exportadoras em número de 54 ou 55?

Vigésima segunda pergunta: Porque se inicia a defesa da qualidade tão estranhamente e por caminhos tão invios e indirectos que nem meios de defesa de qualidade constituem, antes de se evitarem as verdadeiras causas do prejuízo na qualidade do Vinho do Porto e que são entre outras, a entrada de uvas de fora da região para os lagares das firmas, facto publico e notório na região; porque não se adoptou para toda a região uma regra de enxertia com castas efectivamente escolhidas mas com critério, não segundo interesses de alguns?

Vigésima terceira pergunta: Porque se continua a exportar Vinho do Porto a granel, permitindo-se a falsificação no local de destino ou até antes?

Vigésima quarta pergunta: Porque continua a ser uma actuação eficiente da parte das entidades portuguesas a falsificação no estrangeiro, na Califórnia, na Austrália, na União Soviética, e no Iraque, além de outros (António Barreto, «O Jornal» n.ºs 2 a 6 de Julho de 1984)?

Vigésima quinta pergunta: E porque, em nome da qualidade, vem a Portaria em referência com toda a sua tropelia sobre os pequenos e médios produtores, sem, antes demais, prestar atenção ao grave problema das aguardentes, procurando resolvê-lo?

Estas apenas algumas das questões que levantam graves suspeitas a quem conhece minimamente o problema.

E de admitir que haja pressões estrangeiras para que assim aconteça, mas ceder a pressões seja de quem for, e principalmente estrangeiras, é não mostrar dignidade para governar, para estar à frente de uma pasta de ministério.

Não queremos, reafirmamo-lo insinuar sequer que haja corrupção, embora nós tenhamos como corrupção a cedência a compadrios a influências, a potências, etc. mas o caso poderia bem ser objecto da acção dos organismos que lutam contra a corrupção em Portugal.

A questão é que fossem à procura do lume onde aparece o fumo.

Aqui fica uma sugestão.



## Ainda o fomento marítimo

Carlos Amado Reis

Já noutro dia escrevi acerca do fomento marítimo; volto a escrever porque é enorme a importância do mar para Portugal.

Parece razoável prever-se que se aproxima o tempo em que a energia das ondas será dominada, com a energia das ondas se obterá energia eléctrica abundante e com parte dessa energia eléctrica se fará a electrificação da água; o hidrogénio assim obtido poderá ser utilizado como combustível, com a enorme vantagem de a sua combustão não originar poluição.

Os transportes marítimos poderiam ser uma fonte de divisas para Portugal, se além das suas mercadorias os seus navios transportassem as de outros países.

As pescas têm grandes possibilidades de expansão.

A construção de navios, a transformação de parte do peixe capturado e a sua comercialização, e outras actividades relacionadas com os transportes marítimos e com as pescas também poderiam aumentar muito de importância.

Tudo o desenvolvimento possível parece, porém, travado pelo facto de haver um erro grave na orgânica da Administração Pública: — Desde 1974, se estou bem lembrado, que não há Ministro da Marinha, mas a Direcção-Geral do Fomento Marítimo continua na dependência do Ministério da Marinha; as funções de ministro são preenchidas, na prática, pelo Chefe do Estado-Maior da Armada (CEMA), mas este certamente não considera como parte importante das suas funções ocupar-se de actividades civis. Criou-se o Ministério do Mar, mas a Direcção-Geral do Fomento Marítimo não foi abrangida por este. O resultado é que não há fomento marítimo.

O «Diário de Lisboa» publicou em 18/7 palavras acerca da Marinha Mercante que não será excessivo que sejam repetidas. Procurei num sindicato a confirmação dessas palavras, e obtive-a. Para quem não leu tenha oportunidade de ler, aí vai a repetição:

Os sindicatos do sector da Marinha Mercante anunciaram que Portugal está a gastar anualmente mais de 75 milhões de contos em fretes marítimos e em afretamento de navios estrangeiros. Em conferência de imprensa, as estruturas sindicais do sector referiram que a par desta situação existem marítimos portugueses no desemprego e quase um milhão ameaçados de despedimento.

«Ao mesmo tempo — explicaram — as empresas nacionalizadas do sector empregam perto de 1500 marítimos estrangeiros a quem pagam quase quatro vezes mais que aos portugueses».

Afirmaram também que os prejuízos acumulados pela Companhia Nacional de Navegação (CNN) e pela Companhia de Transportes Marítimos (CTM) nos últimos cinco anos é menos de metade do que o valor que o País está a pagar por ano em divisas para fretes e afretamentos marítimos.

Os dirigentes sindicais acusam ainda o Governo de não ter

uma política concreta sobre a renovação da frota mercante e revelar que as entidades que se encontram a efectuar fretes para Portugal são na sua maioria armadores piratas.

Os sindicalistas afirmaram também que o Governo não tem autoridade legislativa para impor regimes sucedâneos de trabalho na CTM, abaixo dos mínimos estipulados pela OIT «que consagram condições de trabalho mais gravosas do que as existentes há 25 anos atrás».

Acrescentaram que na CTM e na CNN existe um montante de cerca de 300 mil contos de prestações remuneratórias em dívida aos trabalhadores.

Os representantes sindicais referiram que esta situação começou a verificar-se em 1981, que o sector se encontra votado ao abandono desde então e que a frota mercante portuguesa «os barcos que ainda não foram vendidos, têm uma média de idade de 10,1 anos».

Afirmam que «a reestruturação prevista pelo Governo para o sector não vem aliviar o Estado de qualquer tipo de carga financeira e que a sua inércia está a agravar a situação».

Os sindicalistas revelaram também apreensão pelo futuro do departamento oficial da CTM e denunciaram a situação de vacuidade nas equipas dos conselhos de gerência das empresas do sector».

Quanto à pesca seguem-se informações acerca de «um pequeno pormenor».

Existe uma espécie entre os peixes, conhecida por apará-lápis mas mais conhecida pela designação, de origem espanhola, de trombeteiro, que apenas serve para a produção de farinhas para a alimentação de animais e para extracção de óleo mas que é extremamente abundante na costa portuguesa. Pescadores de Setúbal, consultados, afirmam que é mais abundante do que a sardinha; interrogado um mestre de arrastão acerca da possibilidade de se obterem umas 200 mil toneladas, respondeu que deve ser possível mais do que isso; interrogado sobre a razão pela qual não se pesca, praticamente, o apará-lápis, respondeu que é proibido pescá-lo para além da distância de 6 milhas da costa, e que é a mais de 6 milhas que ele abunda. Simplesmente espantoso!

Ao apará-lápis é atribuído um baixo valor por aquilo. O pouco que se apanha vai directamente para as fábricas, sem passar pela lota (pelo menos em Setúbal, segundo as informações obtidas), e para efeito de remuneração dos pescadores atribui-se-lhe o valor de 3\$40 por quiló; mas seria muito grande a poupança de divisas, pela diminuição de importação de alimentos para o gado, que a captura anual de cerca de 200 mil toneladas de apará-lápis originaria.

Não faltam outras possibilidades de expansão das pescas; mas não é minha intenção tentar esgotar o assunto.

Parece-me que uma das causas da inexistência de fomento marítimo reside no facto de a Direcção-Geral do Fomento Marítimo continuar integrada num «Ministério» que não há, que é o «Ministério da Marinha».

## AOS SRS. EMIGRANTES E NÃO SÓ

OFERECEMOS-LHE A OPORTUNIDADE DE INVESTIR  
O SEU DINHEIRO NUMA GRANDE PECUÁRIA.

**DAMOS UM LUCRO IMEDIATO**

**PODE IR ATÉ 60 % AO ANO**

**PAGO MENSALMENTE E COM GARANTIA ABSOLUTA**

**PARA MAIS INFORMAÇÕES CONTACTAR COM OS**

☎ 84 38 60 E 82 73 45

RUA ILHA DO PRÍNCIPE, N.º 2, R/C. DTO. LISBOA

**ATENDEMOS TAMBÉM AOS SÁBADOS**

**INSCRIÇÕES EM NÚMERO LIMITADO**

## VISITE A U.R.S.S. EM 1984

*e veja você mesmo.*

VIAGENS E ESTADIA EM HOTEIS DE 1ª CLASSE

|                                                                |           |
|----------------------------------------------------------------|-----------|
| 8-21/8 Moscovo-Kieve-Kitchineve-Odessa-Rostov-Simferopol-Yalta | 105.000\$ |
| 8-21/8 Moscovo-Volgograd-Kieve-Leningrado                      | 105.000\$ |
| 15-28/8 Moscovo-Bratsk-Irkutsk-Tashquente-Alma Ata             | 117.500\$ |
| 22/8-4/9 Moscovo-Alma Ata-Ashkhabad-Tashquente-Dushanbe        | 116.000\$ |
| 5-13/9 Moscovo-Tailin-Leningrado                               | 86.000\$  |
| 5-18/9 Moscovo-Volgograd-Kieve-Leningrado                      | 105.000\$ |
| 5-18/9 Moscovo-Leningrado-Kieve-Minsk                          | 105.000\$ |
| 12-25/9 Moscovo-Leningrado-Kieve                               | 105.000\$ |

VIAGENS E ESTADIA EM HOTEIS DE CLASSE TURÍSTICA

|                                    |          |
|------------------------------------|----------|
| 15-21/8 Moscovo-Leningrado         | 61.500\$ |
| 29/8-11/9 Moscovo-Kieve-Leningrado | 78.000\$ |

PREÇOS C/TUDO INCLUIDO

**DESCONTO  
5.000\$  
POR PESSOA**

PARA CASAS OU  
GRUPOS

Informações e inscrições no  
Departamento de Turismo da

Com o Apoio Técnico da

**ASSOCIAÇÃO  
PORTUGAL  
URSS**

Rua de S. Caetano, N.º 30/1200 Lisboa  
Tels. 60 11 99 - 60 10 99



**MUNDIRAMA**  
VIAGENS E TURISMO LDA  
Operadora Turística, Lda  
R. Cr. 1200, 33 1000 Lisboa  
Tels. 340 002 - 328856

## ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE INFORMÁTICA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

### CONVOCATÓRIA

Nos termos do Artigo 24.º dos Estatutos, convoco para as 21.00 h do dia 16 de Agosto de 1984 na sede da Associação, uma Assembleia Geral Extraordinária com a seguinte Ordem de Trabalhos:

**Ponto Único - Suprimir ou adaptar disposições estatutárias (nomeadamente os artigos 53.º e 54.º) ao requerido legalmente no Código Civil.**

Se, nos termos do Artigo 53.º, à hora indicada não estiverem presentes, pelo menos, 2/3 dos sócios no pleno uso dos seus direitos, a Assembleia Geral reunirá em segunda convocação, meia hora depois, desde que esteja presente metade dos sócios efectivos no pleno uso dos seus direitos.

Não se verificando qualquer destas condições, convoco nova Assembleia Geral para as 21.00 h do dia 24 de Agosto de 1984, no mesmo local, com a mesma Ordem de Trabalhos.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral  
Mário Dinis Carrinho



**EVITE**

locais pouco frequentados

## Eleições na Mútua dos Pescadores

# Lista "A" vai à frente com mais 500 votos

A lista «A», afectada à CGTP, concorrente à eleição para os corpos gerentes da Mútua dos Pescadores, apurava até ao fim da manhã de hoje cerca de 3758 contra os 3258 favoráveis à lista «B», apoiada pela UGT.

No entanto, estes resultados estão longe de ser definitivos não só porque ainda se está a proceder à contagem de votos dispersos por muitos pontos do País, mas também porque se deverão disputar, em princípio no próximo domingo, eleições em várias localidades.

Com efeito, o encerramento da mesa de voto que funcionava na Docapesca, decisão tomada pelo respectivo presidente a pretexto da ausência do representante da lista «B», impediu muitos associados da Mútua de exercerem o seu direito de voto e provocou vivos protestos por parte da lista «A».

Também nas ilhas do Pico — onde não apareceu o capitão do porto (que deveria presidir ao escrutínio), nem os votos nem os cadernos eleitorais — e no Faial também sem votos e

sem cadernos eleitorais — não foi possível a realização de eleições.

De qualquer forma, e segundo apurou o «DL» junto do porta-voz da lista «A», outras «irregularidades» foram detectadas, designadamente na Póvoa do Varzim, não só «na contagem dos votos mas também por impedimentos de votação por credenciais que tinham sido anuladas pela comissão administrativa». Vivamente contestada é a elaboração dos cadernos eleitorais feita pela actual comissão administrativa nomeada pelo Governo que, de acordo com aquele porta-voz, enferma de «vários vícios». O facto de terem sido preenchidos na base de relações de embarcação, de Abril e Maio o que «nem sequer cumpre os estatutos», de não terem sido incluídos muitos pescadores que descontam em nome individual e de não ter sido feita nenhuma conferência mínima aos cadernos eleitorais nem por parte da comissão administrativa nem sequer da comissão eleitoral, são alguns dos principais «vícios» apontados.

tados.

Segundo apurámos junto do delegado da lista «B» à comissão eleitoral, existe uma «certa especulação quanto à existência de uma fraude que ainda não se provou». Em sua opinião «isto em nada contribui para um clima de pacificação e para que a Mútua tenha os seus legítimos representantes».

Quanto à não abertura das mesas de voto no Pico e no Faial e ao encerramento da Docapesca defendeu a realização urgente de novo acto eleitoral e quanto às de S. Jorge, Graciosa e Flores revelou que, por proposta da lista «A», aceite pela lista «B», «não deveriam abrir porque não existiam votos por procuração».

Quanto aos votos condicionados, que permitirão anular a votação de associados que tenham os seus direitos suspensos, aquele elemento afecto à lista «B» defendeu que «devem ser contados como válidos todos aqueles que até à data do acto eleitoral se prove que tenham efectuado todos os descontos».

# Concentração do pessoal da "José Alves"

Os trabalhadores da empresa José Alves, do Porto, concentraram-se sexta-feira frente às instalações da fábrica reclamando o pagamento de parte dos salários. Um comunicado do Sindicato

dos Trabalhadores das Indústrias de Construção e Madeira diz que está também em causa o pagamento dos retroactivos de Janeiro e Fevereiro de 1983.

O texto, subscrito por mais dois

sindicatos, repudia a atitude da empresa «em não receber os representantes dos trabalhadores» para tentar resolver a situação e diz que já foi solicitada uma reunião ao Ministério do Trabalho.

# UGT empenhada em melhorar texto do PRFE

A UGT manifestou hoje a sua «frontal oposição» a uma filosofia de recuperação económica em que os «interesses dos trabalhadores são considerados sempre em último lugar».

Em comunicado onde divulga a sua posição sobre a reestruturação do sector financeiro prevista pelo Plano de Recuperação Financeira e Económica (PRFE), aquela central sindical declara-se empenhada na procura de soluções que corrijam e melhorem o texto do projecto e assegurem uma maior eficácia económica e social.

mica e social.

Nesse sentido defende a necessidade de uma reestruturação da banca nacionalizada — opondo-se contudo ao reforço da centralização e politização do sector — assim como à celebração de contratos, o saneamento económico-financeiro e activação de um Conselho Nacional Bancário onde estejam representados sindicatos, utentes e gestores.

A UGT defende ainda a manutenção do Instituto de Seguros como órgão de coordenação e

fiscalização da actividade seguradora e a recuperação económico-financeira das empresas do sector.

A nomeação de gestores eleitos pelos trabalhadores, tanto na banca como nos seguros, é apontada também como necessária para uma maior eficácia do projecto de recuperação.

A introdução de instrumentos de gestão dos recursos humanos na banca nacionalizada e na indústria seguradora que garantam na sua globalidade todos os custos de trabalho, são igualmente defendidas pela UGT, que

considera indispensável assinar que a reestruturação do sector financeiro tem a ver com um aumento de competitividade, desejada também pelos trabalhadores.

Empenhada na procura de soluções que «melhor sirvam a economia nacional», a UGT acusa o Governo de ser o responsável por não ter avançado ainda a reestruturação e modernização das empresas públicas do sector bancário e de seguros, «há muito reclamada pelos sindicatos», afirma.

## Nova greve dos ferroviários de estação

O Sindicato Nacional dos Ferrovieiros de Estação entregou um novo pré-aviso para uma greve de 24 horas a realizar no próximo dia 3 de Agosto.

Como o «DL» noticiou, os associados do SINAFE cumpriram uma paralisação na passada sexta-feira que afectou parcialmente a circulação dos comboios.

Os objectivos destas acções de luta destinam-se a pressionar a administração da CP a negociar o regulamento de carreiras, o respeito pelos regulamentos internos, o cumprimento integral dos compromissos assumidos pela empresa há dois anos, a atribuição de um subsídio de falhas e impedir o preconizado encerramento de estações ferroviárias.

## Hoteleria

Também os sindicatos do sector hoteleiro, afectos à CGTP, anunciaram a realização de greves «na primeira quinzena de Agosto por períodos e datas a anunciar».

Estas acções não merecem a adesão do sindicato da hotelaria filiada na UGT, que considera «inexpressivas» as paralisações efectuadas no fim-de-semana que terminou em 16 de Julho.

## Metalúrgicos recebidos em Belém

A Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal (FSMMMP) foi recebida a semana passada pela Presidência da República.

De acordo com uma informação sindical, os três sindicalistas que representaram a Federação tiveram ocasião de expor os «mais prementes problemas do sector», recentemente analisados numa reunião de dirigentes sindicais, assim como as conclusões do 3.º Congresso da FSMMMP.

## ÁSIA CENTRAL

- Moscovo, Tachkent, Achkhabad, Duchambé (Rússia, Usbequistão, Turcomenistão, Tajiquistão)
- Zona do Pamir, no coração da Ásia, junto às fronteiras da China, Afeganistão e Irão
- Partido: 5/9 (2 semanas)
- Pensão completa, espectáculo, visitas sociais
- 94 000\$00 • Desconto familiar

**AEROFLOT**

- Voando com a
- Peça programas detalhados.



**Agiturismo**  
Rua da Glória, 43  
(aos Restauradores)  
1200 Lisboa  
Tels. 373110/1  
Alv. Op. 414

## Médicos

O Ar Condicionado é indispensável a sua vida profissional e ao seu conforto pessoal. Instalamos ar condicionado no seu escritório ou em sua casa com qualidade e rapidez. Fornecemos orçamentos sem encargos. Pagamento após instalação e com desconto de 10% para pagamentos a pronto.



Somos

**Tepclima**

R. Arco do Carvalho, 235-C - 1300 LISBOA  
Consulte-nos pelos telefones: 655502 • 654105 • 656728 • 658385 • 658401



Bragança: "vai ao ar", "não vai ao ar"...

# O jogo do governador civil

A arte do palhaço vai mais longe do que habitualmente se pensa. O palhaço é simultaneamente o espelho cômico da tragédia e o espelho trágico da comédia.

André Suarés («Remarques»)

- «Vai ao ar, digo-te...»
- «És maluco, não vai nada. Queres uma aposta?...»

A falta de distrações e de via-rápida que acabe de vez com o seu ancestral isolamento, Bragança inventa jogos. Aquele que neste momento ali faz furor é o jogo do governador civil. «A cabeça do governador vai rolar», apostam uns. Outros, aumentando a parada, ripostam: «não vai nada». O tempo passa e, por agora, a vantagem é dos últimos.

«NEGOCEIAM-SE lugares políticos como trapos na feira!». Foi a partir desta frase, pronunciada há cerca de um ano, que o seu autor — Telmo Moreno, governador civil de Bragança —, começou a ver a sua vida andar para trás.

Em Lisboa começou-se a tecer a teia da sua substituição. Em Bragança, olhos gulosos voltaram-se num ápice para um lugar apetitoso. Cerca de um ano depois, Telmo Moreno ainda resistiu. Por quanto tempo?

Foi um ano rico em peripécias, todas elas favoráveis aos desígnios dos adversários do governador civil. A peripécia decisiva ocorreu quando do Congresso do PSD, em Braga, antes e durante o qual o militante Telmo Moreno cometeu um crime de

lesa majestade — não apoiar o líder Mota Pinto.

## Os cavaleiros do apocalipse

Em vésperas do início dos trabalhos do último Congresso do PSD, Calvão da Silva, secretário de Estado adjunto do vice-primeiro-ministro, Carlos Mota Pinto, resolve fazer uma ronda pelos governadores civis inscritos como militantes no PSD.

Por telefone, informa-os do interesse do líder Mota Pinto em os ter como apoiantes declarados da sua moção de estratégia. Quase todos correm a assiná-la, num gesto bem significativo do apego que nutrem pelo cargo que ocupam. Destoando, Telmo Moreno não assina. A sua alma e

coração estão com Mota Amaral, rei açoriano e rival do lente coimbrão.

«Como pode um governador civil colocar-se na posição de adversário do Governo, quando é líquido que um governador civil deve ser sempre uma pessoa da confiança do Governo que o nomeia?», questionam-se, espantados e revoltados, dirigentes do PSD/Nacional.

Sob o charivari desse protesto geral, o desenlace final parece não deixar dúvidas — Telmo Moreno vai ser posto na ordem.

É evidente que ninguém tentou fazer a destrinça entre questões partidárias e questões de governo, em saber se Telmo Moreno ao não apoiar Mota Pinto como líder partidário estava, de facto, a mostrar qualquer hostilidade em relação ao Governo.

Calvão da Silva, Eugénio Nobre, dirigente do PSD e secretário de Estado das Obras Públicas, Ângelo Correia, também dirigente dos sociais-democratas e Duarte Lima, deputado pelo círculo de Bragança, são os cavaleiros do Apocalipse que deitam ombros à tarefa de pôr Telmo Moreno na ordem. Razões não lhes faltam para empreenderem tal missão.

Calvão da Silva, braço direito de Mota Pinto, pretende lavar a

afronta que Telmo Moreno fez ao seu mestre e senhor ao não assinar a moção vencedora do Congresso de Braga.

Eugénio Nobre, um homem com grandes interesses económicos e políticos na região transmontana, verifica que Telmo Moreno não oferece as «contrapartidas esperadas» a quem, segundo o apoiante do secretário de Estado, «tanto fez e tanto faz pela região».

Ângelo Correia parece guiar-se por laços de solidariedade para com Duarte Lima, adversário declarado de Telmo Moreno e ex-braço direito do actual vice-presidente do PSD quando este assumiu, num dos Governos AD, a pasta da Administração Interna.

Duarte Lima corre por mero espírito de clan e não por ambição do cargo de governador civil, o qual não está ao alcance das suas potencialidades. Para ele, Telmo Moreno é um adversário — ainda por cima derrotado em Braga —, e como tal, há que o apear.

## Substituto procura-se

O quarteto lança mãos à obra e tenta, em Trás-os-Montes, arranjar substituto para a pessoa que não lhe convém.

Não foi e prevê-se que não vai ser fácil encontrá-lo. Apesar de se assistir, nomeadamente em Bragança, ao espectáculo de um PSD «excepcionalmente dividido» (a expressão não é nossa); apesar da existência de muita

gente interessada em arranjar achas para «a fogueira onde Telmo Moreno há-de arder» (a expressão também não é nossa), poucos se mostraram interessados em dar a cara nesta altura.

Bragança sabe bem que «no PSD tudo é possível», tem consciência de que «de um momento para o outro pode haver grandes convulsões e reviravoltas dentro do partido».

Por isso, e no que respeita ao campo dos opositores de Telmo Moreno, os ambiciosos fazem um compasso de espera, aguardam para ver, refreiam ímpetos para mais largos voos.

Outros há que, numa aparente preocupação com «a salvaguarda da unidade do partido», moderam as suas críticas ao governador civil e vão ao ponto de afirmarem que a substituição de Telmo Moreno pode ter «consequências imprevisíveis, já que foi até ao momento mal conduzida».

A hora é de prudência e também de divisão e comédia, as quais são, no PSD, o mero cumprimento de um circuito fechado, condenado à exibição de si próprio. Por outras palavras: em Bragança como em Lisboa, nada de novo na actividade cinematográfica dos sociais-democratas. No écran, «Divisão e Comédia» continua em exibição, todos os dias, quer em *matins* quer em *soirés*.

Manuel Anta

Amanhã:

A guerra de dois galos

## Gonella em Madrid para discutir saúde

O ministro português da Saúde, Maldonado Gonella, encontra-se em Madrid para uma visita oficial de três dias a Espanha.

No aeroporto de Barajas, Maldonado Gonella, que viajou acompanhado pelos directores-gerais de Primeiros Cuidados e da Farmácia e ainda pelo director da Escola de Saúde Pública, foi recebido ontem pelo seu homólogo espanhol Ernesto Lluch.

O ministro português declarou aos jornalistas que a sua visita a Madrid era o complemento da primeira luso-espanhola de Novembro do ano passado em Lisboa, durante a qual foi assinado um acordo de cooperação entre os dois países.

Maldonado Gonella referiu que nas suas reuniões com os representantes espanhóis serão estudadas a criação em Portugal de uma escola de saúde, a questão dos medicamentos onde Portugal e a Espanha querem chegar a um acordo para evitar que alguns medicamentos proibidos na Espanha possam ser vendidos livremente em Portugal e o estudo da possibilidade de que as populações das zonas fronteiriças utilizem os hospitais mais próximos, dos seus respectivos pontos de residência.

Além destes aspectos, será também analisado o apoio de Portugal à candidatura da Espanha às próximas eleições na Organização Mundial de Saúde e a participação dos dois países na reunião sobre população, a celebrar no México.

As reuniões das duas delegações começaram hoje na capital espanhola e prolongar-se-ão até ao próximo dia 1 de Agosto.

Hermínio Martinho à Rádio Renascença...

## Nada obriga Eanes a deixar Belém

O engenheiro Hermínio Martinho, que tem aparecido ultimamente como porta-voz da ex-CNARPE, excluiu antontem a hipótese, «pelo menos em circunstâncias normais», de o Presidente da República renunciar ao mandato para vir a liderar o chamado partido Eanista.

Estas palavras foram produzidas durante uma entrevista concedida ao programa «Cartas na Mesa», da Rádio Renascença. Referindo-se à possibilidade de ocorrerem «circunstâncias anormais» que levassem Ramalho Eanes a deixar Belém, Hermínio Martinho afirmou não ser hoje previsível acontecer tal coisa. No entanto, «a título meramente pessoal», o entrevistado considerou que uma hipótese de renúncia poderia ocorrer se, por exemplo, a lei de Segurança Interna viesse a ser aprovada com algumas passagens que contêm e que «contrariam o espírito da Constituição da República Portuguesa».

«Esperamos que Eanes venha a ser o líder do movimento na altura oportuna. Neste momento ainda não é, e o que pretendemos dele é que continue a desempenhar o seu cargo com a isenção com que o tem feito, e a ser o presidente de todos os portugueses», afirmou o antigo mandatário de Eanes no distrito de Santarém.

Nas suas declarações, Hermínio Martinho revelou não ter havido qualquer contacto ou reunião com o general Ramalho Eanes antes dos encontros de Tomar e Abrantes, onde foi aprovado o texto-base que os aderentes da ex-CNARPE estão a pôr à discussão em todo o país. Acrescentou

que «por cortesia» o documento fora depois mostrado ao Presidente Eanes, mas que ainda não lhe haviam pedido «para se pronunciar sobre ele».

Quanto às próximas eleições presidenciais, Hermínio Martinho desmentiu que o movimento tenha já tomado posição sobre o candidato a apoiar, acrescentando não estar sequer decidido se deva ser um civil ou um militar. Disse, no entanto, que tal questão é considerada «fundamental para a concretização do projecto a apresentação de um candidato presidencial».

O entrevistado afirmou depois que a escolha só deverá fazer-se depois de o documento ser suficientemente debatido. Todavia, não deverá ser ainda em 30 de Setembro — data marcada para a próxima reunião nacional do movimento — que o movimento defina «o perfil ou nome do candidato».

Nas suas declarações Hermínio Martinho não fez quaisquer previsões quanto à melhor altura para a criação do novo partido. «Até agora a nossa preocupação não foi criar um novo partido, mas lançar um projecto que corresponda às realidades do país mobilizando os portugueses para a resolução dos seus problemas». «Claro que em democracia isso implicará uma formação partidária, mas ainda é cedo para falar da altura em que ela deve surgir», disse.

Quanto ao enquadramento ideológico do novo partido, Hermínio Martinho afirmou que se trata de um projecto «essencialmente português, que corresponde às realidades históricas e culturais do País».

Para a agência alemã-federal DPA

## A questão de Timor-Leste saiu do esquecimento mundial

A situação em Timor-Leste parece ter atraído novamente as atenções mundiais nas últimas semanas, saindo do esquecimento em que se encontrava juntamente com outras injustiças internacionais, refere uma análise divulgada no sábado pela agência alemã-federal DPA.

Tanto o Papa João Paulo II como o secretário norte-americano de Estado, George Shultz, durante a sua visita a Jacarta, ou o secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, chamaram a atenção, através de pontos de vista diversos e com intensidades várias, para a ocupação indonésia do território português invadido em 1975, escreve a DPA.

O Partido Trabalhista Australiano condenou a invasão e o Governo de Portugal, potência administrativa, divulgou um comunicado manifestando a sua preocupação pela integridade, identidade cultural e dignidade de um povo com o qual manteve cinco séculos dos mais profundos e estreitos laços de convivência, adianta a agência alemã-federal.

## Ofensiva militar da Indonésia

Na perspectiva das responsabilidades históricas que impendem sobre ele, Portugal reafirma o seu empenho na concretização do direito inalienável do povo de Timor-Leste à autodeterminação, segundo referiu o Governo português.

Porém, além de manifestar o seu apoio à causa de Timor-Leste, Portugal não tomou nenhuma medida enérgica para

modificar de facto a situação, diz a DPA.

Entretanto, em finais de Maio do ano passado, a Indonésia iniciou uma nova ofensiva militar com cerca de 14 mil homens, tanques, helicópteros e aviões.

José Ramos Horta, representante da Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN) junto das Nações Unidas, declarou à DPA que a situação no seu país é muito crítica, devido à dimensão da ofensiva, mas demonstra por outro lado que a Indonésia, depois de oito anos de ocupação e de guerra, não conseguiu neutralizar a resistência.

Indicou que a FRETILIN tem um Exército regular de três mil homens, e que luta com armamento moderno capturado às forças indonésias ou comprado no mercado negro.

Segundo Horta, entre 30 a 40 por cento do território e zona libertada, e conta com uma administração popular, escolas, centros de saúde e organizações culturais.

A frente é formada pelo povo de Timor-Leste e é a única força política cuja direcção se encontra no interior do país, clandestina, afirmou José Ramos Horta, que disse não existir nenhum movimento político que apoie a Indonésia.

Desmentiu energicamente, por outro lado, as acusações de que a FRETILIN tenha uma filiação comunista. Disse que se trata de uma frente ampla que engloba todas as tendências políticas e religiosas, dirigida na sua quase maioria por dirigentes católicos, que estudaram em seminários jesuítas.

A verdadeira razão da intervenção de Jacarta é o expansionismo da Indonésia, que invadiu a Malásia nos anos 60 e não conseguiu ocupá-la, porque a Grã-Bretanha interviu, invadiu o ocupou a Guiné Ocidental e tem problemas com a Papuásia Nova Guiné, sublinhou Horta.

A Indonésia sustenta que a sua presença foi pedida pelo povo de Timor-Leste. «Qual é o povo que convidou a Indonésia, quem é a autoridade ou entidade jurídica ou constitucional que fez o convite?», interrogou o representante da FRETILIN.

Adiantou que à luz do direito internacional Timor-Leste é território português, pelo que só Portugal poderia ter feito um convite a um país estrangeiro para intervir num dos seus territórios, baseando-se, por exemplo, num acordo de defesa mútua. No entanto, Portugal nunca formulou este pedido à Indonésia, disse Ramos Horta.

## Luta da FRETILIN será reforçada

Os partidos políticos que existiam em Timor, no momento da invasão, também não possuíam capacidade jurídica para o fazer, e o único movimento que possuía um certo estatuto internacional era a FRETILIN e não o fez, declarou.

José Ramos Horta estabeleceu algumas diferenças entre o caso de Timor-Leste e o das Ilhas Falkland/Malvinas, tendo afirmado que a Argentina possui direitos históricos e legais sobre as ilhas, porque fizeram anteriormente parte do país, durante

e após o domínio espanhol, e que os sucessivos governos argentinos continuaram a reclamar este território à Grã-Bretanha, sem abandonar a sua posição.

Pelo contrário, Timor-Leste nunca fez parte da Indonésia, nem sequer antes da colonização europeia da região.

Além disso, afirmou, devido ao facto de a Indonésia ter sido colonizada pelos holandeses e Timor pelos portugueses, não se pode aplicar neste caso o direito de «uti possidetis».

O aspecto mais grave da ocupação da ilha é o humanitário. Quase 20 por cento da sua população morreu devido à repressão indonésia ou vítima da fome e das doenças.

As agências internacionais não têm autorização do governo de Jacarta para visitarem e assistirem a população timorense e a violação dos Direitos Humanos, denunciava por várias organizações, entre as quais a Amnistia Internacional, baseada em testemunhos de exilados e permanece impune.

O fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) obteve autorização para desenvolver um trabalho não permanente na ilha, mas fez despertar os nossos protestos porque, além de colaborar com a Cruz Vermelha Indonésia, um dos seus projectos consiste no ensino da língua indonésia aos filhos de Timor, advertiu Ramos Horta.

O representante da FRETILIN sublinhou, por último, nas declarações prestadas à DPA, que a luta pela libertação do seu país será reforçada este ano nas suas três frentes: armada, oposição popular e opinião pública internacional.

*Para que Soares  
não vá para Belém...*

## Jardim defende Governo até 1985

«É um erro que alguns dirigentes do PSD abandonem a coligação por que é necessário aguentar o bloco central até 1985 para derrotar duplamente Mário Soares, isto é, o seu Governo e a sua candidatura às Presidenciais», afirmou ontem na Madeira Alberto João Jardim. Discursando no décimo aniversário do PSD-Madeira, o presidente da Comissão Política Regional dos sociais-democratas abordaria ainda outros temas da vida política nacional, seguindo o princípio de que «não somos bengala do Partido Socialista». Por isso, João Jardim considerou ser necessário «que o PSD faça as devidas exigências ao PS dentro da coligação, porque se assim não for não estamos lá a fazer nada».

Sobre a Lei de Segurança Interna e Protecção Civil, aprovada na semana passada na Assembleia da República, o presidente do Governo Regional sublinhou que «não queremos em Portugal um Estado onde haja polícia política, onde haja censura de Imprensa e campos de concentração», finalizando com um bem sonoro, e segundo dizem as agências aplaudido, «acabou o tempo de dar ordens na nossa terra». A este propósito o líder social-democrata da Madeira concluiu que nenhum serviço madeirense colaborará com as entidades previstas na Lei de Segurança Interna.

### Campanha eleitoral

*começa hoje*

## Doze lugares em disputa na Assembleia de Macau

Duas semanas de guerra eleitoral vão animar a vida política de Macau. A campanha eleitoral, determinada pela dissolução da Assembleia Legislativa, inicia-se hoje e durará exactamente 14 dias.

Na luta eleitoral estão em causa 12 deputados (sendo outros cinco nomeados pelo governador, naturalmente não disputados): seis pelos interesses (económicos, morais, culturais e assistenciais) e outros seis por sufrágio directo.

Cinco listas apresentam-se a este último sufrágio, sob as siglas «Servir o Povo de Macau», «Flor da Amizade e Desenvolvimento de Macau», «Estabilidade, Convergência e Progresso», «Alvorada» e «União Eleitoral». Nas eleições dos interesses, apenas há três listas candidatas no sector dos organismos representativos da ordem moral, assistencial e cultural, sendo que no sector económico, que elege cinco deputados só há uma lista.

*Vidreiros da Fontela "estragaram" visita*

## Soares e Mota Pinto vaiados em Coimbra

Sábado, ao fim da tarde, a nova ponte-açude de Coimbra ia ser inaugurada. Mário Soares irradiava sorrisos, Mota Pinto idem, juntamente com a restante comitiva governamental: o ministro Rosado Correia e os secretários de Estado António Campos, Eugénio Nobre, Helena Torres Marques e Calvão da Silva. Surge um «cilindro» atravessado na ponte a barrar a passagem, surge gente com dísticos e palavras de ordem: «Queremos trabalho e pão», «Soares e Pinto, rua», «Basta de fome e de miséria». O Primeiro-Ministro fica zangado e manda dispersar. Mais tarde, Soares refere-se aos acontecimentos apenas indiretamente: «Os problemas e as carências como a fome não se resolvem com manifestações de rua ou insultos».

No mesmo dia, de madrugada, haviam sido detidos pela PSP quatro jovens que faziam pichagens nas obras a inaugurar. Diziam «Soares/Pinto rua» e «Não à PIDE».

Esta foi a segunda vez este ano que Mário Soares se viu confrontado com manifestações hostis na cidade de Coimbra, precisamente aquela que o recebera de forma exuberante durante a campanha eleitoral do ano transacto. Da primeira vez, há cerca de meio ano, houve mesmo algumas prisões que acabaram por redundar num desagruiço entre Mário Soares e o juiz coimbrão que absolvera os detidos, provocando em seguida uma alteração no Código Penal. Proposta pelo Primeiro-Ministro para evitar insultos às figuras do Governo.

### «Que polícia é você?»

No sábado, o primeiro a apanhar com a irritação de Soares foi o comandante da PSP, major

Oliveira Silva. «Que polícia é você que nem rádio tem» — exclama, desapontado, o Primeiro-Ministro, quando vê o cilindro a barrar a passagem. «Não sabe o que anda a fazer?».

Insiste Soares, no seu raspante ao oficial da PSP que ficara mudo e quedo.

Efectivamente, o comandante da PSP não tinha rádio, desconhecia a existência do «cilindro» na ponte e nem teria um conhecimento total do percurso da comitiva ministerial, o certo é que Soares ameaçou-o, mesmo, com um inquérito, atitude de que acabou por ser demovido mais tarde por informações que obteve do encarregado das obras sobre o motivo do «esquecimento» do cilindro.

A ponte-açude, que constitui uma obra importante para a região, talvez mais como regulador do caudal do rio Mondego do que em termos viários, esteve para ser inaugurada no dia 4 último, Dia da Cidade, e só não o foi por falta de figura ministerial. Desta vez, vieram figuras de sobra. Como diz o povo, «não há miséria que sempre dure». O mesmo não poderão dizer talvez os vidreiros da Fontela que interpelaram o Primeiro-Ministro. Estão sem salários e sem subsídios de desemprego há cerca de dois anos. São mais de 400, embora só algumas dezenas se tivessem manifestado em Coimbra.

### Choupal: pulmão que seca

Depois da ponte, a comitiva ministerial deslocou-se à zona onde vai iniciar-se a estrada Bencanta-Taveiro, adjudicada poucos dias antes por 440 mil contos, depois de vários adiamentos. A nova via é apontada como prioritária para o desenvolvimento de toda a margem

esquerda do Mondego.

Na mata do Choupal, ponto terminal da visita: a solenidade, discursos, promessas e um protocolo que garante o apoio do Estado às obras de defesa do Centro Histórico de Coimbra. Para a mata do Choupal, um «pulmão que está a secar», no dizer do presidente da câmara, pulmão romântico diremos nós, pois para ele, prometeu Soares o apoio do seu Governo. Quando? Como? Não o disse o Primeiro-Ministro. Mas disse, isso sim, que há razões para «encerrar o futuro com esperança».

Segundo a sua análise, a recuperação económica tem vindo a fazer-se e o Governo está a cumprir o seu dever. Por isso, frisa, «não se deixa nem atemorizar pelas dificuldades que existem nem pelos incidentes que possam surgir no percurso». Mota Pinto também falou.

### A burocracia do desespero

As palavras de Mendes Silva, presidente da câmara, proferidas na mesma ocasião constituíram um autêntico libelo contra a burocratização do aparelho estatal. Permanece, disse o timoneiro da equipa socialista, a burocracia reinante, o diálogo de surdos, o labirinto como proposta, a obstrução. O poder local sente-se bloqueado pelo poder central. Mendes Silva dá um exemplo de como as coisas se passam: «Se sai a lei, falta o regulamento, se chega o regulamento está ausente a dotação, se aparece esta, escasseia o cabimento e se vem o cabimento falta a assinatura». Mas não pára aqui: «Quando procuramos a porta que se abre, esta é a porta da rua».

Quantos autarcas não dirão o mesmo?

L. H. M.

## Escassos resultados na «análise do pezinho»

A «análise do pezinho» apenas detectou em quatro anos 37 casos de deficiência, quando em Portugal nascem anualmente sete mil crianças deficientes por falta de cuidados de saúde básicos, revelou a Sociedade Portuguesa de Pediatria.

A «análise do pezinho», promovida pelo Instituto de Genética Médica com sede no Porto, destina-se ao rastreio de duas doenças de incidência extremamente rara em Portugal, a fenilcetonúria e o hipotiroidismo, «afecções das quais é lícito esperar encontrar em Portugal respectivamente 30-50 casos/ano e 10-15 casos ano, segundo um documento divulgado pela SPP».

Esse rastreio, designado pelo nome de Programa Nacional de Diagnóstico Precoce, abrangeu desde que foi implementado, em 1980, 168.777 recém-nascidos, o equivalente em 1983, a 46 por cento da cobertura total do país.

Para a implementação do programa, foi ignorado o parecer negativo da Comissão Consultiva de Pediatria da Direcção-Geral de Saúde, emitido em 8 de Agosto de 1980, e apesar do carácter de urgência com que foi pedido pelo então ministro da Saúde, Morais Leitão.

O parecer considerava que, «não estando resolvidos os grandes problemas de saúde infantil, tais como mal-nutrição, anemias, parasitoses, doenças diarreicas,

infecções respiratórias e outras, não existindo vigilância sistemática da gravidez, assistência ao parto e ao recém-nascido, os investimentos materiais e humanos devem centrar-se na resolução destas grandes causas de mortalidade e morbilidade».

Efectivamente, segundo a Sociedade Portuguesa de Pediatria, «o rastreio foi imposto em Portugal», embora se faça noutros países «onde se encontram resolvidas questões básicas de saúde materno-infantil, o que permitiu orientar parte das verbas destinadas à saúde para o rastreio sistemático da fenilcetonúria e o hipotiroidismo».

A pediatra responsável pela Direcção-Geral de Cuidados de Saúde Primários, Celsa Afonso de Carvalho, disse à ANOP que «as crianças são rastreadas não para ficarem saudáveis, mas apenas para se conseguir minorar os problemas da doença, ao passo que os investimentos em cuidados de saúde primários evitariam totalmente a deficiência em milhares de crianças».

As paralisias cerebrais resultantes de anoxias provocadas pelo parto, foram apontadas pela médica como uma das grandes causas de deficiências em recém-nascidos, frequentemente evitáveis com a existência em todos os hospitais de uma simples máquina de aspirar secreções.

## Vila Flor (Bragança) sem apoios do Governo

O presidente da Câmara Municipal de Vila Flor, Alfredo Ramalho, disse à ANOP que «há mais de seis anos que o Governo não promove na vila a construção de uma só habitação social». «Há seis anos que reclamamos do poder central a construção de habitações sociais e não temos sido ouvidos» — acrescentou o autarca.

No tocante ao ensino — sublinhou — «somos talvez o único concelho do País onde a Câmara teve de substituir-se ao Estado, adquirindo o imóvel onde vem funcionando a Escola Preparatória da vila para pôr fim ao im-

passee que durante quase sete anos os governos não resolviam».

Alfredo Ramalho precisou que «há seis anos que a Câmara vem fazendo transportes escolares nas suas viaturas, levando para a sede do concelho os jovens das aldeias e para Mirandela os que vão frequentar os cursos complementares».

Quanto ao parque habitacional, referiu aquele autarca «sofremos ainda os efeitos negativos da descolonização, recebendo centenas de retornados a quem foi necessário dar condições para uma nova vida».

## Magistério Primário de Chaves não encerra

A Escola do Magistério Primário de Chaves não será extinta em 1984/1985 e vai admitir em Outubro 50 alunos no primeiro ano — apurou a ANOP de fonte ministerial.

A extinção da Escola do Magistério Primário de Chaves havia sido aparentemente decidida pelo Ministério da Educação no decorrer do ano lectivo

1983/1984.

Esta atitude do Governo esteve na origem de inúmeras manifestações de rua e de uma contestação, por vezes violenta, dos órgãos autárquicos da cidade.

Com dez anos de existência, a Escola do Magistério Primário de Chaves formou já mais de 900 professores e tem desenvolvido assinalável actividade na formação e reciclagem dos docentes.

*Em Lisboa, durante 24 horas*

## Ministro alemão analisa cooperação

O ministro da Cooperação alemão-federal, Jurgen Wernke, efectua hoje uma visita oficial a Portugal a convite do ministro das Finanças e do Plano, Ernâni Lopes, estando previstos encontros com vários membros do Governo.

Uma deslocação inicialmente prevista no programa desta visita ao projecto hidroagrícola do Baixo Mondego e ao projecto do Porto de pesca da Figueira da Foz foi adiada devido à reunião do Parlamento alemão-federal na terça-feira.

O objectivo da visita a Portugal de Jurgen Wernke liga-se à ampliação dos financiamentos alemães-federais em projectos que contribuam para a integração da economia portuguesa na Comunidade Económica Europeia.

A cooperação luso-alemã envolve actualmente montantes de crédito de cerca de 30 milhões de contos, a taxas de juro anuais que não ultrapassam os 4,5 por cento.

O Ministério das Finanças e do Plano prevê que, de futuro, ve-

nam a ser aplicados três milhões de contos por ano em projectos de modernização da economia portuguesa.

No quadro da cooperação técnica, donativos de cerca de 50 milhões de marcos (cerca de 2,6 milhões de contos) têm sido aplicados em projectos no Vale do Baixo Mondego, na Cova da

Beira e no Algarve, com vista ao estudo de solos e das culturas mais adequadas aos perímetros irrigados.

Os fundos postos pela RFA à disposição de Portugal provêm do orçamento do Ministério da Cooperação Económica, sendo canalizados através de organismos especializados.

*Freitas do Amaral não será candidato...*

## A opção do «pai»

«Ponderadas todas as circunstâncias», Freitas do Amaral acabou por optar: «não me candidato às presidenciais de 1985!».

Acabou um ciclo de espera e, simultaneamente, a ambiguidade que caracterizou durante mais de ano e meio as relações entre «pai» Freitas e CDS «novo estilo».

A partir de agora, as amarras entre os dois estão definitivamente cortadas.

Ele, Freitas, pode tecer com cuidado e com tempo a teia da sua ainda eventual ambição de vir a ser, no final desta década, um

potencial candidato a Belém.

Ele, CDS, poderá caminhar, para a frente ou às arrecuas, sem ter que pensar no «pai», no que dirá e pensará o «pai», no que dirão os «filhos» mais presos aos encantos do «pai».

*Les jeux sont faits, rien ne va plus*, cortou-se o cordão umbilical.

Mas se Freitas do Amaral parece ter optado pela «prateleira» durante os próximos cinco anos, que razões tem o CDS para acreditar que o seu caminho é agora mais fácil?

Poucas.

No seu seio, muitos havia que aceitavam Lucas Pires apenas e tão-só porque acreditavam no regresso de um «pai» capaz de, por dentro ou por fora, pôr novamente o CDS em lugar de destaque.

Agora que o «pai» não vem — e essa decisão não é estranha à atitude da actual classe dirigente do CDS em relação a Diogo Freitas do Amaral —, ficam com as mãos livres para actuar como bem entenderem.

A demissão de Nuno Abecasis do cargo de presidente do Instituto Fontes Pereira de Melo, para o qual foi eleito ainda não há três

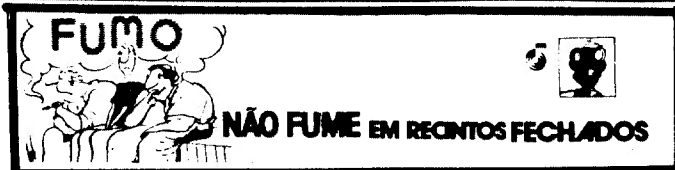
semanas, pode ser considerada como o sinal de que vai haver, no CDS, *levantamento de tropas*.

O próximo congresso do CDS, que antes da tomada de decisão de «pai» Freitas era encarado como de desenrolar «pacífico», pode vir a ser o congresso do «inesperado».

«Pai» Freitas, embora cortando as amarras, ainda continua a ser figura tutelar.

Cenário castrador para Lucas Pires, o homem das metáforas.

M.A.



*Em Portugal faltam estatísticas de confiança...*

# Crianças são cada vez mais vítimas de abusos sexuais

**Entre 250 e 750 mil crianças serão vítimas de abusos sexuais nos Estados Unidos e na República Federal da Alemanha, durante o ano corrente. Em Portugal não é possível fazer uma previsão deste tipo, mas as autoridades assinalaram uma quebra, entre 1977 e 1983, no domínio dos crimes de índole sexual.**

De acordo com números revelados pela revista alemã-federal «Der Spiegel», em cada quatro minutos uma garota é violada na RFA.

Crê-se, contudo, que os casos de abusos sexuais noticiados não ultrapassam os 10 por cento do total dos verificados, já que, as crianças são vítimas de formas de coacção psicológica e física para não denunciarem os pedófilos.

Um dos dados mais relevantes dos estudos agora divulgados revela que, em 90 por cento dos casos, as pessoas que perpetraram os ataques sexuais pertencem ao círculo familiar ou social das crianças, o que contradiz o lugar comum, segundo o qual os ataques são efectuados por desconhecidos em sítios descampados.

Os pais não biológicos — padrastos, amantes das mães — são na sua maior parte os responsáveis pelos ataques, dentro do círculo familiar, ataques que muitas vezes podem prolongar-se ao longo dos anos e só são descobertos com o crescimento da criança, que entretanto resolve queixar-se.

Os delinquentes sexuais, segundo estudos não oficiais na RFA e nos Estados Unidos, pertencem na sua maior parte ao sexo masculino, sendo as vítimas, na sua esmagadora maioria, crianças do sexo feminino.

Os pedófilos, molestadores sexuais regulares, não mantêm relações com apenas uma criança. A revista norte-americana «Newsweek» revela que a média de vítimas é de 73 crianças para os pedófilos heterossexuais e de 30 para os pedófilos homossexuais.

Estas pessoas, que na sua maioria exercem os abusos sobre as crianças no seu próprio lar, não são aquilo que se pode chamar «velhos e doentes». Os números revelados nos Estados

Unidos apontam para uma média de idades relativamente baixa, já que apenas uma pequena percentagem dos violadores tem mais de 50 anos.

Os pedófilos podem apresentar dois tipos de características: os fixados que revelam estados psicológicos e tendem a realizar atos esporádicos, e os pedófilos «regressados».

Estes são os que mais frequentemente exercem actos de violência sexual em menores. São na maioria do sexo masculino, de meia-idade, casados, que atravessam uma crise emocional, pretendendo por isso manter uma «relação amorosa» com a criança.

## Facilitar as denúncias

Estes pedófilos costumam dizer, segundo as mesmas fontes, que as crianças «não se importam» e que «muitas vezes até gostam» das relações sexuais.

Mas a verdade é que estes abusos, que podem prolongar-se por períodos de vários anos, não são relatados devido ao medo da repressão social ou de que os seus autores — familiares ou conhecidos — sejam condenados.

Os mecanismos de dissuasão podem mesmo chegar a ameaças de morte, pelo que a legislação existente nos Estados Unidos e na RFA está a ser transformada para que os casos sejam revelados mais facilmente.

Na República Federal da Alemanha, os sistemas em vigor favorecem as denúncias pelas crianças, ao permitir que os pedófilos não sejam condenados a penas muito pesadas.

As crianças, que por vezes não falavam com receio de que os seus familiares ou amigos fossem presos, serão agora mais motivadas a fazê-lo — referem os estudos em causa.

Nos Estados Unidos, uma campanha iniciada há quatro anos tornou a legislação mais simples, de modo a aumentar as probabilidades de condenação e facilitar as denúncias.

As condenações raramente tomam a forma de penas de prisão, sendo a fórmula mais usual a terapia de grupo compulsiva.

## Freud soube mas não acreditou

A questão está a levantar polémica na Europa e nos Estados Unidos, e os actuais estudos levaram à conclusão, por comparação, que 28 por cento dos adultos norte-americanos (19 por cento dos quais do sexo feminino) foram vítimas de abusos sexuais quando crianças.

Ainda segundo estudos revelados pela revista «Newsweek», dois a cinco milhões de cidadãos norte-americanos mantiveram relações incestuosas com menores.

Em declarações prestadas à revista «Time», Jeffrey Masson, um psicanalista que durante dois anos foi director de projectos dos arquivos Sigmund Freud na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, disse que Freud já em 1879 teve consciência do fenómeno, que denominou «teoria da sedução infantil».

Masson disse que Freud originalmente acreditou nos relatos dos seus «pacientes histéricos», que diziam ter sido em crianças vítimas de abusos sexuais.

Contudo, o fundador das psicanálises depressa se convenceu de que a maioria das histórias dos seus pacientes eram fantasias de sexualidade reprimida.

À luz dos dados hoje disponíveis, é de crer que estes pacientes tinham de facto razão, mas que, devido à insistência e elevado número de casos, Freud

pôs de lado a sua teoria inicial para não chocar a sociedade conservadora da época.

## Quebra em Portugal?

Os dados sobre crimes de índole sexual em crianças cometidos em Portugal entre 1977 e 1983 registaram uma quebra, segundo a Polícia Judiciária.

No entanto, a falta de informações concretas e fidedignas acerca destes crimes não permite dar uma imagem correcta da situação — segundo a mesma fonte.

Os dados parcelares indicam uma diminuição dos casos relatados às autoridades, mas tal facto não representa necessariamente um abaixamento do número desses crimes, acrescentou a Judiciária.

Em qualquer dos casos, quase não há distinção entre violações de crianças e abusos sexuais contra adultos.

Contrariando as estatísticas, a fonte da PJ contactada pela ANOP disse que neste campo, como na ordem geral da criminalidade, os casos de violação de menores estarão certamente a aumentar.

Os dados de 1977 e de 1978 fornecidos pela PJ foram recolhidos de mapas parcelares e abrangem os itens «violação e estupro», «atentados ao pudor» e «prostituição».

Segundo a PJ, nota-se uma diminuição do número de casos de «violação e estupro».

Em 1977, registaram-se 278 casos, enquanto no ano seguinte apenas foram reportados 117. Pelo contrário, os casos de «atentado ao pudor» aumentaram no mesmo período de 97 para 330.

De 1979 a 1982, os itens abrangidos já são outros: «ablação», «outros crimes sexuais», «favorecimento à prostituição» e «prostituição».

Estes dados apresentam uma

estabilização dos casos de violação — de 142 em 1979 para 130 em 1982 — e um grande número de «outros crimes sexuais»: 274 em 1977 e 214 em 1982.

Os dados disponíveis referentes a 1983 apontam para 173 casos de «violação», 117 de «outros crimes sexuais». Entretanto, são referenciados três casos de «homossexualidade com menores».

A fonte da Polícia Judiciária contactada pela ANOP referiu serem os meses de Julho e de Agosto os mais atingidos, estatisticamente, pelos casos de violação e estupro, indicando ainda que cerca de um quarto das vítimas de estupro e de um quinto das de violação eram familiares dos autores.

## Todos podem denunciar

Qualquer pessoa pode denunciar o crime às autoridades, apresentando queixa ao Ministério Público, directamente aos Juízes de Instrução Criminal ou à PSP, GNR e PJ.

Segundo o psicólogo Marcelino Mota, os pedófilos — pessoas com atracção sexual por crianças — têm desvios de personalidade e existem factores que os levam à pedofilia.

«Num ponto de vista comportamental, pode-se dizer que os pedófilos têm a fobia dos adultos. Não conseguem estabelecer uma relação social e sexual, são imaturos psicossocialmente e têm uma péssima autoimagem» — afirmou.

A pedofilia acontece sobretudo entre familiares, amigos e de família ou vizinhança e, numa pequena percentagem, com desconhecidos das crianças, adiantou Marcelino Mota, que referiu que 80 por cento das violações de crianças ocorrem em casa, 12 por cento em locais públicos e apenas oito por cento em automóveis.

O maior número de casos de abuso sexual contra crianças ocorrem em meios socialmente degradados com um elevado índice de promiscuidade e sobretudo nos meses de Julho e Agosto, informou a Polícia Judiciária.

No processo, participa activamente o Instituto de Medicina Legal de Lisboa (IMLL), por causa dos exames de peritagem que efectua a pedido das corporações policiais ou dos tribunais.

O médico Jorge Costa Santos, do IMLL, informou que relativamente ao número de exames feitos em 1983, em 118 casos apenas 26 diziam respeito a menores de 12 anos e unicamente dois apresentavam sinais evidentes de ter existido violação.

A disparidade dos números entre casos, para análise e casos efectivos de violação, deve-se, segundo aquele médico, à grande «falta de informação» das pessoas.

«Não se pode dizer que todos os casos correspondam a violação. Muitas vezes, os responsáveis, pais ou tutores das crianças, ao verem os menores a serem acariciados por desconhecidos, apresentam queixa de violação ou atentado ao pudor às autoridades, o que vem aumentar a diferença entre os casos denunciados e os casos em que houve efectivamente violação» — disse Costa Santos.

Além disso, há ainda os casos de violação efectiva que não são reportados às autoridades. As razões são diversas — vergonha de participar às autoridades, ameaças feitas pelo violador à criança, e medo do caso cair no conhecimento público.

A legislação portuguesa não distingue no plano geral a violação de menores.

A prática de incesto, a homossexualidade e a prostituição são puníveis por lei, segundo o Artigo 201 do Código Penal, caso impliquem menores e são considerados crime agravado se praticado com crianças menores de 12 anos.

# O que se passa com o Museu da Comunicação Social?

O Museu da Comunicação Social, criado por Lucas Pires, então ministro da Cultura, caiu no esquecimento, o que não é coisa inédita num País de fraca memória e mais curtas vistas.

Não se sabe o que aconteceu à comissão encarregada da criação e instalação daquele museu e a comissão instaladora nem sequer chegou a funcionar, como que numa afirmação, aliás corrente, de que em Portugal se nomeia uma comissão quando se não quer fazer exactamente aquilo para que essa comissão foi nomeada.

De resto, a criação do Museu pelo Ministério da Cultura foi feita sem prévia consulta ou qualquer contacto com o sector da tutela da Comunicação Social.

Aventou-se, então, que a instalação do Museu da Comunicação Social poderia (deveria) fazer-se no antigo edifício de «O Século» (que para isso reunia as melhores condições) ou no imóvel velho do «Diário de Notícias» (no Bairro Alto também), que foi o verdadeiro «coração» dos jornais lisboetas.

A primeira hipótese, contudo, parece condenada, uma vez que o Ministério da Qualidade de Vida se assenhoreou, aos poucos, de toda as velhas instalações do matutino fundado por Magalhães Lima, relegando

mesmo para a mansarda, o presidente da comissão liquidatária da antiga empresa.

De tal modo o «assédio» de «O Século» tem sido feito por aquele Ministério, que a Direcção-Geral da Comunicação Social tentou aproveitar as instalações do jornal que foi dirigido por João Pereira da Rosa para ali levar a efeito o 1.º Congresso dos Jornalistas, em Janeiro de 1983, e teve de desistir da ideia.

Não obstante ter chegado a estar previsto o funcionamento do museu no «Século», muitas das peças a ele destinadas estão «abrigadas» num armazém da DGCS, no Pendão.

E outras peças valiosas, algumas das quais pertencentes ao equipamento de «O Século» e ainda ali guardadas, irão ter o mesmo destino.

Aos armazéns do Pendão irá parar, dentro de pouco tempo, também uma velha máquina de grandes dimensões, que serviu para imprimir o «Correio do Minho», o que ocupava (e ocupava) uma área de cerca de 44 metros quadrados.

## A laia de inventário

Em 1983, ano em que se completou meio século sobre a criação da velha Emissora Nacional, a mudança de Governo fez gorar a intenção da RDP de

comemorar o acontecimento com uma exposição, que incluiria as «velharias» da estação emissora do Quêlhas, facto que teria dado uma boa indicação do espólio ali existente.

Sabe-se, todavia, que esse espólio é muito importante para o estudo (e museologia) da Comunicação Social em Portugal, de que existe, aliás, um levantamento feito pela própria RDP. O mesmo acontece com a Radiotelevisão Portuguesa, que tem igualmente o seu espólio inventariado, embora apenas com 25 anos de existência.

Um equipamento com um interesse histórico muito valioso é, sem dúvida, o que serviu à feitura do «Jornal do Comércio», ao longo da sua vida — chegou a ser o decano dos jornais portugueses —, sobretudo nos primeiros oitenta ou noventa anos de existência.

Com o de «O Século» e o de outros velhos jornais dos tempos heróicos da Imprensa portuguesa, daria, por certo, a justa medida da história da comunicação escrita.

Por seu turno, os jornais de província que têm ou tiveram oficinas próprias, podem igualmente dar a sua colaboração valiosa ao Museu sabido que alguns deles têm ainda as suas primeiras máquinas, algumas delas com mais de cem anos.

Do «República», outro jornal histórico português, que nasceu com a implantação do ideário republicano no País, depois da destruição de que o seu património foi vítima, pouco se sabe.

Também não seria de desprezar, por certo, o espólio do «provinciano» «Aurora do Minho», o mais antigo jornal continental português, com os seus cerca de 150 anos, ou o que resta do equipamento antigo do «Açoreano Oriental», que é o mais velho periódico nacional e dos mais antigos da Europa. Isto, no que se refere a maquinaria.

Quanto a material de arquivo e bibliografia, também um Museu da Comunicação Social instalado em Lisboa poderia beneficiar do que foi o antigo arquivo de «O Século», durante muitas décadas considerado o melhor de todos os jornais portugueses.

Este sector do velho jornal estava pouco «mexido» ainda em 1981/82, altura em que se procedeu a uma actualização e se refez um tanto das depredações a que esteve sujeito em 1975.

Além de todo um vasto material de arquivo, de consulta rápida, como convém aos jornais, havia ali, encadernados, os vários jornais diários portugueses (e outros não diários), bem como muitas das grandes revistas mundiais já desaparecidas, algumas delas com grandes tira-

gens saídas durante as duas grandes guerras que envolveram o Mundo.

Deveriam igualmente «recolher» a um Museu da Comunicação Social colecções — tantas quantas fosse possível arranjá-las — de todos os jornais de província, ou, ao menos, dos mais significativos e que tantos e tão prestáveis serviços têm prestado à informação portuguesa. Além dos próprios semanários, teriam papel relevante as bibliotecas municipais.

## Biblioteca Nacional substitui museu?

Outra grande fonte de documentação seriam os velhos arquivos e Biblioteca do Secretariado Nacional de Informação (SNI), cuja criação data de há 50 anos e que, goste-se ou não de António Ferro (para quem, diz-se, foi criado por Salazar), tem valor inestimável para o conhecimento de uma certa «informação nacional».

Estranho é que o seu património não esteja na posse da Direcção-Geral da Comunicação Social, mas à guarda da Direcção-Geral de Divulgação, para onde foi, com a biblioteca de Carlos Ferrão (comprada sob a responsabilidade de Almeida Santos, quando de dependência a Co-

municação Social), quando se cindiu a Secretaria de Estado da Comunicação Social.

Tem-se que, sem a criação efectiva (ou demorada) do museu, tanto o arquivo de «O Século» como toda a bibliografia pertencente ao Departamento Estatal da Comunicação Social, acabe por ir parar à Biblioteca Nacional, demasiado «fora de mão» para o lisboeta curioso, no entender de um responsável da Direcção-Geral da Comunicação Social.

E, assim, urgente, no entender daquele responsável, a instalação do Museu da Comunicação Social, para que se não disperse equipamento e bibliografia. E também não restam dúvidas a ninguém que o sítio ideal para o instalar era o antigo Palácio dos Lançada (a que foi acrescentada a ala Sul do Palácio de Pombal) onde, durante quase cem anos «morou» e viveu «O Século».

Ali se ajudou, com Magalhães Lima e toda uma pleiade de espíritos brilhantes, a implantação da República e ali floresceu, ao longo de largas décadas, talvez a melhor, se não mesmo a única escola do jornalismo português. Por lá passaram centenas de jornalistas portugueses e de lá saíram alguns dos mais brilhantes intérpretes do jornalismo nacional.

José Gutierrez/NP

## de ontem para hoje

### Rajadas de vento ciclónico «varreram» Castelo Branco

**R**AJADAS de vento ciclónico varreram, pelas 17 horas de ontem e durante cerca de 10 minutos, a cidade de Castelo Branco. O vento, que não provocou vítimas, partiu ramos de árvores e provocou nuvens de pó que envolveram a cidade. Pelas 21 horas, o céu estava muito nublado, com a temperatura a atingir «mais de 40 graus, com toda a certeza» — disse um habitante de Castelo Branco. «As nuvens estavam muito avermelhadas e esquisitas, nunca tinha visto nada assim» — referiu.

### Vigilante da «Securitas» morto em Almada

A GNR de Almada deteve Rufino Pascoal, de nacionalidade cabo-verdiana, acusado de ter morto na noite da passada sexta-feira, com três tiros de caçadeira, o vigilante da «Securitas», Vítor Silva Veloso Alves, de 29 anos, que deixa viúva e um filho de cinco anos. O crime foi perpetrado junto ao portão da Quinta das Laranjeiras, em Fernão Ferro, onde o autor dos disparos era guarda há dois anos. Segundo familiares da vítima, o guarda Rufino Pascoal acusara horas antes, «injustamente», o vigilante da «Securitas», de quem era amigo, de lhe ter roubado a motorizada. Os disparos, de acordo com a mesma fonte, foram feitos quando Vítor Alves fora procurar Rufino «para ter com ele uma conversa amigável». Nas declarações que fez ao juiz de Instrução Criminal do Tribunal de Almada, Rufino disse que estava muito escuro e que con-



fundira o vigilante da «Securitas» com um assaltante. O juiz não aceitou, no entanto, a sua versão, ordenando o seu envio para a cadeia do Montijo, onde irá aguardar julgamento.

### Vítima do acidente em Espanha

A sétima vítima no acidente de viação que, na sexta-feira, vitimou em Espanha uma família de emigrantes portugueses já foi identificada. Trata-se de Maria Simões, de 74 anos, também natural de Penacova, tia do condutor da furgoneta sinistrada.

### Banco assaltado em Oliveira do Bairro

A Polícia Judiciária ainda não tem pistas sobre o assalto verificado, por volta do meio-dia da passada sexta-feira, à agência do União de Bancos Portugueses, na Pádua (Oliveira do Bairro), distrito de Aveiro. Os assaltantes, três jovens mascarados e em-

punhando pistolas-metralhadoras, levaram cerca de quinhentos contos em dinheiro. Segundo a GNR do posto de Bustos, os assaltantes utilizaram um «Mini», com a matrícula NR-56-36, ao que tudo indicava falsa.

### Bar «visitado» em Alcântara

Desconhecidos assaltaram, na madrugada de ontem, um bar localizado na Praça da Armada, em Alcântara, Lisboa, levando uma televisão a cores, um vídeo, garrafas de uísque e quinze contos em dinheiro. Os proprietários do estabelecimento deram aos artigos roubados o valor de 250 contos.

### Taxista ameaçado à navalha

Três jovens foram detidos ontem à noite na Rua da Emenda, em Lisboa, acusados de terem assaltado momentos antes um motorista da Rádio Taxis, a quem sob a ameaça de navalhas de ponta-e-mola, obrigaram a

entregar-lhe o relógio, a pulseira, e todo o dinheiro que trazia consigo. Para além do mais, os três assaltantes ficaram ainda a dever ao taxista o preço da corrida entre a Calçada do Combro e a Amadora, com retorno à capital.

### Tentou saltar da Ponte 25 de Abril

Um homem, cuja identidade não foi revelada, tentou ontem saltar da Ponte 25 de Abril. O homem parou o carro na ponte, mas alguns automobilistas agarraram-no a tempo — disse um informador da Brigada de Trânsito da GNR.

### Automobilista condenado por homicídio

Um automobilista, Joaquim de Sousa Guimarães, de 34 anos, foi condenado no Tribunal de Santo Tirso em seis anos de prisão, por ter morto, em 13 de Dezembro do ano passado, e após discussão relacionada com problemas de trânsito, um outro automobilista, Augusto Ferreira Neto, de 35 anos. O réu terá ainda de pagar a indemnização de 750 contos à família de Augusto Neto, que teve morte imediata ao ser atingido com golpes de navalha no abdómen e no coração.

### Vandalismo na capela do Bom Jesus

A capela do Senhor Jesus da Boavista, na Rua Joaquim Urbano, ao Bonfim, no Porto, foi «visitada» por vândalos que destruíram imagens, altares e o próprio sacrário, quebrando ainda bancos e armários. Para além disso beberam várias garrafas de champanhe e de vinho do Porto destinadas a um leilão.

### Automobilistas não sabem o caminho

## Trânsito na baixa: aquela balbúrdia...

A baixa lisboeta registou esta manhã grandes engarrafamentos de trânsito, apesar de o movimento automóvel ser consideravelmente menor nesta altura do ano. Trata-se da consequência imediata da entrada em vigor do novo esquema de circulação com particular incidência na Rua Augusta (que foi encerrada), no Rossio e na Rua da Madalena.

A Divisão de Trânsito da PSP referiu que as bichas de automóveis começavam no Marquês de Pombal mas não chegavam a parar, embora circulassem lentamente.

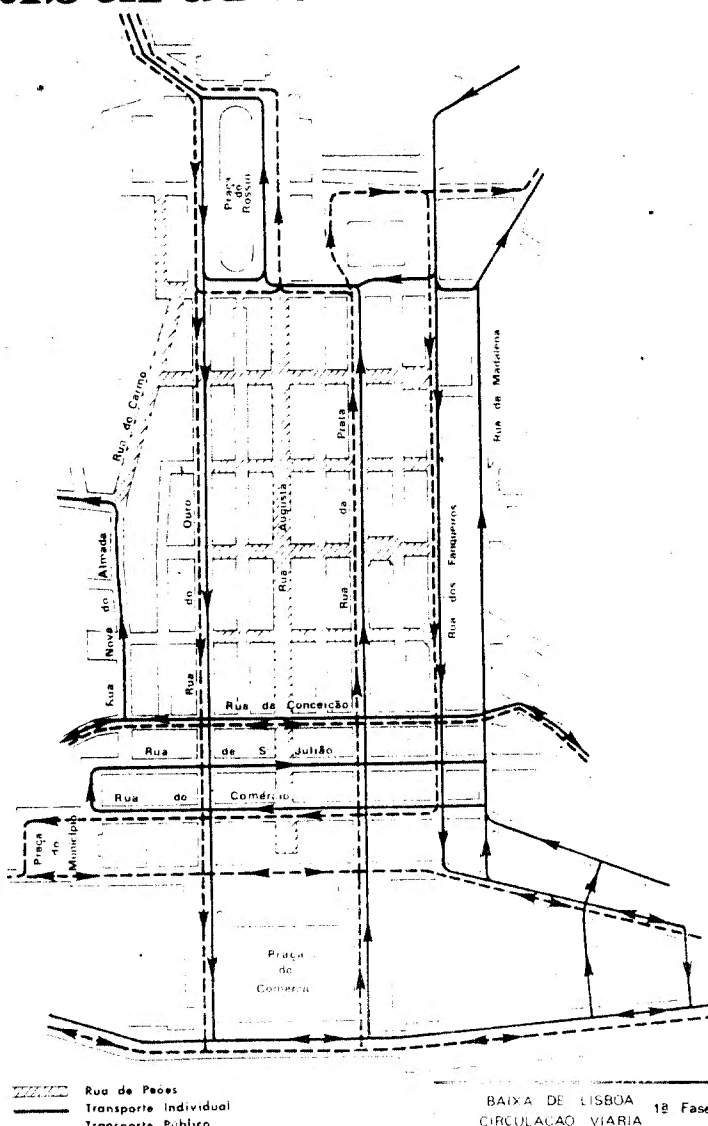
Estas bichas — acrescentou um responsável — devem-se ainda à falta de hábito e prática dos automobilistas em circular pelos novos percursos na zona da baixa.

O corte de trânsito na Rua Augusta obriga os condutores que pretendam ir para o Martim Moniz a seguir duas vias, uma das quais é percorrer a Rua de S. Julião e subir a Rua da Madalena ou descer até à Praça do Comércio, Infante D. Henrique e Rua da Madalena.

### Fumo sem fogo esta manhã no Metro

O Metropolitano esteve esta manhã paralisado cerca de 15 minutos a partir das 8 e 56, em virtude de uma carruagem de uma composição ter começado a produzir fumos entre as estações do Intendente e do Socorro.

Uma fonte do Metropolitano referiu que a circulação, já decorria normalmente a meio da manhã e que os fumos não chegaram a gerar incêndio. Não são conhecidas as razões do incidente.



### Reimplantação falhada no Hospital de Santa Maria

## Criança com braço arrancado por leão do «Circo Cosmos»

Os médicos do Serviço de Cirurgia Plástica do Hospital de Santa Maria não conseguiram, ontem à tarde, reimplantar o braço direito arrancado a uma criança de cinco anos por um leão de um circo instalado em Pedrógão, a 25 quilómetros de Beja.

O acidente ocorreu cerca das 11 horas quando o pequeno Márcio João Carapinha Martins brincava com um amigo nas

imediações da jaula do leão do Circo Cosmos. Um pássaro com que os miúdos brincavam voou para a jaula do leão e Márcio tentou apanhá-lo metendo o braço direito entre as grades. Foi então que o animal lhe deu uma sapatada arrancando-lhe o braço pela omoplata.

Márcio João foi transportado para o Hospital Distrital de Beja e dali, acompanhado da mãe e dos avós, seguiu de helicóptero para

o Hospital de Santa Maria, de forma a ser tentada a reimplantação do braço. O helicóptero aterrou cerca das 14 e 45 e às 15 e 30 o garoto começou a ser operado no Bloco de Cirurgia Plástica por uma equipa dirigida pelo dr. Apton. A operação durou quatro horas, não tendo sido infelizmente possível refazer a articulação do braço decepado com o ombro, pelo que a intervenção redundou em fracasso. O

pequeno Márcio ficou no entanto livre de perigo.

Já no Hospital de Santa Maria, e acabado de chegar do Algarve onde trabalha na indústria hoteleira, o pai de Márcio disse que soube do acidente através de um telefonema da sua mulher. Jacinto José Martins, naturalmente emocionado, condenou a «falta de segurança com que os circos colocam as suas feras à mercê da curiosidade das crianças».



### É a inspecção anual

## Elevador da Bica também faz férias

O velhote, mas bem conservado ascensor da Bica, que há mais de cem anos anda para cima e para baixo, parou a partir das zero horas de ontem, domingo.

Trata-se da habitual inspecção de revisão a que é submetido, de quatro em quatro anos, para mal dos pecados dos milhares de utentes que diariamente o utilizam.

A partir do próximo dia 1 de Setembro, o velho elevador voltará a cumprir a sua missão de noventa subidas e descidas por dia, com mais de 800 mil passa-

geiros transportados anualmente.

O ascensor da Bica funciona desde 1882 altura em que era movido a água; em 1896 passou a ser movido a vapor.

Em 1914 foi dotado de energia eléctrica, e nessa altura ocorreu um grande desastre, despedaçando-se o ascensor na Rua de S. Paulo.

O ascensor da Bica retomou a sua actividade normal em 1923. É propriedade da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, que tem também os elevadores do Lavra, Glória e Santa Justa.

Mas apenas 500 puderam assistir ao espectáculo

## Milhares de pessoas acorreram ao Festival do Convento dos Capuchos

Milhares de pessoas ficaram bloqueadas na estrada que conduz ao cabo Espichel, em Sesimbra, quando tentavam assistir a um espectáculo de bailado inserido no Festival do Convento dos Capuchos. Uma fila compacta de dois quilómetros e meio de viaturas, desde o cabo Espichel até à aldeia de Azóia, impossibilitou o trânsito automóvel e provocou a frustração em milhares de pessoas que queriam assistir ao espectáculo, executado pela Com-

panhia Nacional de Bailado, no interior da igreja local.

Simultaneamente foi inaugurada, ao pôr do sol, uma exposição de esculturas, realizadas propostamente pelos artistas, José Pedro Croft e Cristina Ataíde.

O afluxo de espectadores foi agravado pelo facto de muitos deles pensarem erradamente que o espectáculo era gratuito. A lotação era para cerca de 500 espectadores, tendo comparecido milhares de pessoas.

Todos os outros desceram

## PS impôs-se em Casais com maioria absoluta

O PS venceu as eleições para a Assembleia de Freguesia de Cascais, concelho de Tomar, com 964 votos.

Os socialistas elegem, assim, 10 elementos para a Assembleia de Freguesia, que passam a dominar em vez da ex-AD.

O PS subiu de 737 votos alcançados em 1982 para 964 votos nestas eleições, descendo todos os outros partidos.

O CDS e o PSD, que concorreram este ano separados, não conseguiram, no total, mais do que 301 votos contra os 750 alcançados em 1982 quando se apresentaram ao eleitorado como Aliança Democrática.

A APU também desceu nesta freguesia rural do concelho de Tomar, registando agora 74 votos contra os 177 verificados há dois anos.

As eleições foram repetidas ontem após a queda do executivo, pertencente à ex-AD. Foram os seguintes os resultados das eleições: inscritos, 2849; votantes, 1365; brancos, 8; nulos, 18; PS, 964 votos (737 em 1982), 10 eleitos; CDS, 175 (750 em 1982 como AD), 2 eleitos; PSD, 126 (750 em 1982 como AD), um eleito; APU, 74 (177 em 1982), nenhum eleito.

Fim-de-semana "ardente" trouxe um morto... na estrada

## Grandes destruições em matas de Castelo Branco e Monchique

Incêndios de enormes proporções destruíram milhares de hectares de floresta no distrito de Castelo Branco e na serra de Monchique (Algarve), na «abertura» da época de Verão dos bombeiros portugueses. No balanço do primeiro fim-de-semana em chamas, prejuízos materiais incalculáveis e um morto, no choque de uma motorizada com um carro de bombeiros.

Vinte e uma corporações dos distritos de Castelo Branco e Santarém estão empenhadas desde as 11 horas da manhã de ontem no combate às chamas na serra de Mougueiras, perto de Oleiros, no distrito de Castelo Branco. Esta manhã, segundo uma informação que nos foi prestada pelos Voluntários de Oleiros, continua o combate à única frente ainda não dominada, na serra da Amieirinha, onde os pinheiros continuam a alimentar as chamas.

O incêndio não provocou vítimas, mas os prejuízos materiais são muito avultados. Entretanto, há a assinalar a morte de um ciclomotorista, no choque do seu veículo com uma viatura de bombeiros.

Não há povoações isoladas, esperando-se a todo o momento que a frente de incêndio seja considerada dominada.

O comandante dos Voluntários da Lousã queixou-se de falta de meios aéreos para combater o incêndio, salientando que três pequenos aviões vindos daquela vila «apenas chegaram ao local uma hora depois do seu início». Participou ainda no combate às chamas um helicóptero da Sertá. «Os célebres C-130 da Força Aérea só começaram a trabalhar no dia 1 de Agosto, quando deveriam ter começado muito antes» — salientou.

O maior problema no ataque ao incêndio tem sido constituído pelo vento e a trovada com faíscas que se tem abatido sobre a região.

### Idanha: bombeiros já nos quartéis

Ainda no distrito de Castelo Branco, os Voluntários de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Penamacor e Fundão não tiveram mãos a medir para extinguir um foco registado na Barreira de S. Miguel (Idanha-a-Nova), que

destruiu eucaliptos, mata e hortas. Extinto este incêndio, os Bombeiros de Idanha viram-se de imediato confrontados com outro sinistro, em Proença-a-Velha.

Neste caso, apenas puderam contar com a ajuda dos Voluntários de Penamacor. Há suspeitas de fogo posto, pois, de acordo com uma informação que nos foi prestada pelos Bombeiros de Idanha-a-Nova, foram detectados dois focos em locais distintos da mata. Em qualquer dos casos, não há vítimas a lamentar, tendo apenas sido registados ferimentos ligeiros num bombeiro. Algumas casas estiveram em perigo, mas só se verificou a destruição de mata. Neste momento, todos os bombeiros desta área encontram-se nos respectivos quartéis.

Outro incêndio deflagrou ontem junto à Estrada Nacional número 8, entre Alcains e Lardosa, tendo as chamas ameaçado algumas casas e palheiros. Durante a manhã, os Bombeiros de Castelo Branco viram-se ainda obrigados a combater dois incêndios no bairro da Carapalha, perto da cidade, suspeitando-se de fogo posto.

### Monchique continua a arder

Às seis horas da madrugada de hoje, o segundo grande incêndio registado este ano na martirizada serra de Monchique era finalmente dado por extinto, depois de mais de doze horas de combate às chamas sem tréguas, reacendendo-se a meio da manhã.

Esta informação era-nos dada esta manhã pelos Voluntários de Portimão, e confirmada mais tarde pelos Bombeiros de Monchique, que nos tinham anteriormente sublinhado o perigo do incêndio se reacender, em virtude do vento que se faz sentir

com certa intensidade.

Durante o incêndio, que mobilizou cerca de 250 bombeiros de todas as corporações do Barlavento algarvio, Monchique, Portimão, Lagos, Lagoa, Aljezur, Silves e S. Bartolomeu de Messines, arderam mais de mil hectares de pinheiros, eucaliptos e medronheiros em três frentes de incêndio, uma delas atingindo no período mais intenso cerca de quatro quilómetros de extensão.

Segundo o comandante dos Voluntários de Monchique a origem do fogo poderá estar, em princípio, relacionada com uma ponta de cigarro jogada fora por um automobilista, uma vez que o começo do sinistro foi estabelecido na bermã da estrada que liga Portimão a Monchique.

Acessos muito difíceis tornaram mais lenta a progressão dos bombeiros, tardando a sentir-se os efeitos da actividade das escavadoras cedidas por diversas câmaras para a abertura de valas e outras obras de contra-fogo.

Recorde-se que este foi o segundo incêndio na serra, no espaço de um mês. Há cerca de três semanas, um outro sinistro de grandes proporções devastou cerca de cinco mil hectares de eucaliptos e pinheiros nesta região montanhosa do Sul do país.

Em qualquer dos casos, não há vítimas a registar.

### Pára-quebras incendiários em Belas

Três mil metros quadrados de eucalipto foram destruídos por um incêndio que deflagrou no sábado na Quinta da Fronteira, Casal do Brejo, perto de Dona Maria, Belas.

Segundo o chefe dos Bombeiros Voluntários de Belas, foram vistos no ar «dois pára-quebras incendiários, que provocaram o reacender das chamas».

«Os incendiários lançam uma espécie de uma barra de aço com meio metro, em cuja ponta está um cartucho de pólvora, e que cai através de um pequeno pára-quebras incorporado» — explicou.

«Conforme o vento — adiantou — o pára-quebras pode ir cair até



Um drama que se repete todos os anos, com as mesmas contas e os mesmos efeitos

vários quilómetros de distância do lançamento, provocando um incêndio».

O incêndio, que tinha sido dado como extinto cerca das 20.00 horas, reacendeu-se mais tarde devido aos pára-quebras que os incendiários deixam nas matas» tendo sido combatido por quatro corporações (Belas, Amadora, Queluz e Aqualva-Cacém).

O chefe dos voluntários de Belas afirmou ainda que foram lançados dois «pára-quebras incendiários» na sexta-feira, em Belas. «O lançamento deve ter sido feito próximo da igreja, passou por cima do quartel dos bombeiros e foi cair mais adiante» — disse.

«Não houve nenhum incêndio, porque os bombeiros viram e foram lá» — adiantou.

O incêndio de sábado não provocou vítimas nem atingiu nenhuma casa.

«É a primeira vez que aparecem por aqui pára-quebras, mas isto vai continuar», revelou a mesma fonte.

### Pequeno foco em Sintra

Um foco de incêndio registado no interior de uma propriedade da serra de Sintra foi combatido ontem à noite pelas corporações de bombeiros voluntários de S. Pedro de Sintra, Alcáideche e Sintra, que não conseguiram impedir que ardessem cerca de dois mil metros quadrados de terreno.

Segundo um informador dos Bombeiros Voluntários de S. Pedro de Sintra, foram detectados dois focos de incêndio na zona da Ribeira da Penha Longa, mas o segundo, com apenas dez metros quadrados de superfície, deve ter sido ateado por fagulhas do primeiro.

O sinistro foi combatido por um total de sete viaturas e 40 homens.

Por volta das 22 horas de ontem, o incêndio era dado por extinto, tendo-se mantido no local uma equipa em regime preventivo.

## ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM



Quatro horas de uma emissão fastidiosa. Herói foi quem resistiu ao sono. Quem não resistiu, foi sensato. Pretexto: mais uns Jogos Olímpicos da «era moderna». Na realidade, assistimos a uma grandiosa acção de propaganda dos Estados Unidos. Mais do que grandiosa: esmagadora. Não o deixava prever aquele inicial rufar de tambores, muito semelhante ao que anuncia a chegada dos saltimbancos. Mas a entrada de três bandeiras históricas deu o sinal. A partir daí, foi a citação e desenvolvimento dos mitos americanos, tudo muito pitoresco, muito estilizado, muito «casa na pradaria». Nem uma palavra para o genocídio dos índios, o primeiro dos muitos pecados mortais que amarguram a civilização do hambúrguer e do chiclete. Em contrapartida, foram umas gracinhas as carroças do Oeste e as casas em que se mudavam. Depois veio o «jazz», transformado em grande espectáculo. Lá vinha o romântico barco a descer o Mississippi, e lá começaram os negros a descobrir a sua memória africana. Aliás, todos muito alegres, visivelmente bem comidos e respeitados. A provar que essa coisa do racismo não passa de uma atoarda, uma invenção dos inimigos dos Estados Unidos. Um dos momentos mais grandiosos do programa foi a intervenção simultânea de 84 (oitenta e quatro) pianos. Um piano só, como os elefantes, mete respeito a muita gente; agora imaginem oitenta e quatro! Lembro, a propósito, aquela referência de um estudioso da maneira de viver americana. Para mostrar a diferença entre um europeu e um ianque, dizia ele que o europeu oferece uma rosa à namorada, enquanto o americano lhe oferece logo uma porção delas... Foram, pois, quatro horas em que assistimos à movimentação de grandes massas, aliás dentro das legítimas tradições hollywoodescas. Mas era como se tudo fosse um gigantesco «robot». A mecânica era só mecânica, sem nenhuma recordação da alma. De perna e de braço, perfeita sincronia. Mas nenhum lugar para um sorriso, para uma lágrima, para uma sugestão de ternura. Nem um fruto ao natural: tudo cachorro quente. Ou seja: na impossibilidade de oferecer uma rosa ao mundo, os Estados Unidos ofereceram-lhe quinhentas rosas. E de plástico.

P.S. — Bessa Tavares falou da Argentina para «membra do COI». Houve escândalo. Sem razão. O feminino existe. Veja-se em A. Feliciano de Castilho: «D. Matilde, sem ser membra do conservatório...» Outros pecados tem a RTP, membra do inferno. Este, não. — M.C.

# CICLO PREPARATÓRIO — PARALELISMO PEDAGÓGICO

EXT. SÉNECA e Sebastião da Gama, Av. Almirante Reis, 106-1.º — Tel. 82 27 76 e 82 35 31  
UM ENSINO RESPONSÁVEL ♦ UM ENSINO RESPONSÁVEL ♦ UM ENSINO RESPONSÁVEL



## 24 horas

### Novo avião soviético

A União Soviética desenvolve um avião revolucionário capaz de voar rapidamente a baixas altitudes, transportar 400 soldados com equipamento ou vários blindados e que pode desequilibrar a balança a favor de Moscou, numa guerra convencional na Europa. A notícia foi dada pelo «Sunday Times», de Londres, que indica que o avião é conhecido pela NATO pela sigla «WIG» e opera baseado no princípio da criação de uma almofada de ar sob a fuselagem que reduz o atrito e permite ao aparelho transportar até 500 vezes a carga normal.

### Cosmonautas regressaram

Três cosmonautas soviéticos, incluindo a primeira mulher a caminhar no Espaço, regressaram ontem à Terra, depois de 11 dias a bordo da estação orbital «Salyut-7» — anunciou a TASS. «Os cosmonautas Vladimir Dzhanibekov, Svetlana Savitskaya e Igor Vol,

regressaram hoje à Terra depois de terem completado o programa de trabalho a bordo da estação de pesquisa científica» — afirmou a TASS numa breve notícia. A aterragem deu-se a 140 quilómetros a leste da cidade de Dzhezkazgan, na Ásia Central soviética.

### Morreu o «coronel Rémy»

O herói da Resistência Francesa Gilbert Renault, que sob o nome de «coronel Rémy» dirigiu as forças da França livre em Londres através de um impressionante sistema de ligações, morreu ontem com 79 anos.

O «coronel Rémy», autor de numerosos livros sobre a Resistência, morreu no seu quarto de hotel em Gungamp, cidade da Bretanha, aparentemente devido a um ataque de coração. Tinha chegado ontem à região para comemorar o 40.º aniversário da resistência local.

### Escala de Samora nas Seychelles

O presidente moçambicano Samora Machel, no regresso de uma digressão de 10 dias pela Ásia, manteve conversações em Victoria, com o presidente das Seychelles, Albert René.

Durante uma escala de uma hora, os dois dirigentes passaram em revista o que um porta-

voz do Governo das Seychelles apelidou de «os estreitos laços políticos e outras relações existentes entre os dois povos».

O porta-voz adiantou que as conversações cobriram a situação na África Austral, particularmente em Moçambique, Angola e Namíbia.

### Israel-URSS

Israel recusará qualquer iniciativa de paz da URSS para o Médio Oriente, disse hoje fonte oficial israelita, a menos que Moscovo retome as relações diplomáticas bilaterais interrompidas há sete anos.

Um diplomata israelita classificou de «pouco séria» a proposta soviética sobre a realização de uma conferência internacional de paz com a participação dos Estados Unidos, Estados árabes e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), diz hoje o jornal independente «The Jerusalem Post».

Segundo esse diplomata, a URSS não pode desempenhar uma parte importante do processo de pacificação do Médio Oriente, por não manter relações com Israel e ser fornecedor de armas e assessores militares para os seus inimigos árabes.

### Cheysson na Venezuela

O ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Claude Cheysson, chegou ontem a Caracas, onde hoje inicia uma visita oficial que inclui um encontro com o presidente venezuelano Jaime Lusinchi. Cheysson, que manterá conversações com o seu homólogo venezuelano, Isidro Morales Paul, e com os dirigentes dos principais partidos políticos da Venezuela, iniciará a primeira jornada da sua visita de dois dias com a deposição de uma coroa de flores no túmulo do libertador Simon Bolívar.



Walter Mondale e Geraldine Ferraro

### A corrida à Casa Branca

## Candidatos democratas abriam a campanha

Os candidatos à presidência dos EUA pelo Partido Democrático, Walter Mondale e Geraldine Ferraro, começam esta semana a sua campanha eleitoral, tendo como cavalo de batalha os ataques à política externa e à estratégia tributária de Ronald Reagan.

O ponto de partida será o Sul dos Estados Unidos, conservador, que muitos consideram vulnerável aos candidatos democratas, devido à nomeação de Geraldine Ferraro para a vice-presidência.

Mondale disse no domingo em Minneapolis, Minnesota, que os «repúblicanos estão a planear um grande aumento de impostos para depois das eleições e planeiam esconder isso do povo americano».

As declarações de Walter Mondale reflectiram a estratégia da sua campanha, que segundo analistas políticos se centrará em ataques à política externa e aos planos de aumentos de impostos dos repúblicanos, temas em que os rivais de Reagan e Bush os consideram vulneráveis.

Uma sondagem publicada na passada semana na revista norte-americana «Business Week» mostra que a política de Ronald Reagan não está a ser bem aceite nalguns pontos, principalmente na questão libanesa e da América Central, no apoio aos anti-sandinistas e na falta de diálogo com a União Soviética.

Reagan rejeitou várias afirmações de Monale acerca do plano «secreto» de aumentos de impostos, mas deixou antever a possibilidade de aumentos, «se não se conseguirem as necessárias reduções» do grande défice orçamental.

Os candidatos democratas, estarão quarta-feira em Queens, círculo eleitoral nova-iorquino que Ferraro representa no Congresso, para depois partirem para Cleveland, Ohio, onde Mondale fará um discurso na Liga Urbana Nacional, organização activista negra.

O começo da campanha foi assinalado por acusações do reverendo Jesse Jackson contra Geraldine Ferraro.

Jackson, que disputou infrutuosamente a candidatura a Mondale, pensando agora lutar pelo lugar de senador pelo estado de Carolina do Sul, criticou Ferraro por não incluir negros no seu pessoal de campanha.

«É um actor», disse-lhe Ferraro, que assegurou já ter discutido a possibilidade de contratar pessoal negro.

### Hispânicos na mina dos repúblicanos

Os estrategos da campanha eleitoral republicana esperam capitalizar os esforços democratas para captar os eleitores hispânicos no Texas e na Califórnia, para que estes ajudem a reeleição de Reagan e George Bush.

Bob Estrada, director executivo da Assembleia Nacional Republicana Hispânica disse ontem em Houston que a atitude do Partido Democrata não o preocupava, embora a veja como uma oportunidade para os repúblicanos conseguirem os votos de que necessitam.

Estrada, ex-assessor do senador republicano do Texas, John Tower e do doutor Tiroso Junco, e Los Angeles, esperam reunir-se com mais de 200 líderes hispânicos dos sete estados do sul para lhes pedir que apoiem a candidatura republicana.

Os dois estrategos republicanos crêem que as posições de Reagan sobre o emprego, a defesa, o aborto e o reforço das leis, combinados com a mudança no tratamento dos hispano-americanos, vão contribuir para que os votos dos hispânicos se dirijam para a candidatura presidencial dos repúblicanos e para a eleição de Phil Gramm, como senador federal de Texas em substituição de Tower.

Estrada e Junco em reunião com os líderes hispânicos fizeram-lhes ver que, na realidade, são uma «minoría marginalizada» dentro do Partido Democrata facto que, segundo eles, se reflectiu na Convenção Nacional Democrata, realizada em San Francisco.

«Os próprios hispânicos democratas negaram o seu apoio na primeira votação, a Walter Mondale, pelo seu comportamento frente ao projecto de lei sobre imigração Simpson-Mozzali» — disse Junco.

Os repúblicanos esperam demonstrar aos hispânicos que os favorecem mais que os democratas, e, para isso, têm previsto que a actual directora do Tesouro norte-americana, a hispânica Katherine Ortega, pronuncie o discurso de abertura na Convenção Nacional do Partido Republicano, que se celebra no próximo mês de Agosto em Dallas, Texas.

Estrada disse que cerca de um milhão de hispânicos se recenseará nas eleições para votar na próxima eleição gerais de Novembro, mas que mais de metade está indecisa.

«A estratégia dos repúblicanos é dirigida precisamente a esses votantes para obter pelo menos 30 por cento dos seus votos, reconheceu Estrada.

## SWAPO pelo mal

A SWAPO acusou a África do Sul de responsabilidade pelo falhanço das negociações, na semana passada, em Cabo Verde e ameaçou com a intensificação dos combates, noticiou a agência oficial angolana ANGOP.

A Organização dos Povos do Sudoeste Africano (SWAPO) afirma, num comunicado emitido em Luanda e citado pela ANGOP, que o falhanço das conversações foi causado pela insistência sul-africana em ligar a independência da Namíbia com a retirada das tropas cubanas de Angola e a sua recusa em implementar o plano das Nações Unidas para o território.

«Na verdade, foi a África do Sul que recusou a oferta de cessar-fogo e do fim das hostilidades contida na proposta da SWAPO», indica o documento.

A SWAPO fez esta oferta nos termos da deliberação do Conselho de Segurança da ONU sobre a independência da Namíbia, que se inicia por um pedido da cessação das hostilidades, acrescenta.

Pretória é também acusada de não estar interessada em negociações sérias pelo comunicado.

## Ultimos 'ma deixam Bei

A última unidade de combate de fuzileiros norte-americanos no Líbano prepara-se hoje para deixar Beirute, a bordo de três veículos blindados anfíbios em direcção à Sexta Esquadra, a navegar no Mediterrâneo.

A partida dos «marines» ocorre poucas horas depois de milícias drusas e sunitas se terem guerreado durante várias horas nas ruas de Beirute Ocidental antes do Exército libanês ter imposto um cessar-fogo.

Segundo a Polícia, os confrontos originaram dois mortos, incluindo um trabalhador da de-

## Violência re

O Governo indiano enviou hoje tropas para a cidade de Hyderabad, no centro do país, para pôr

### No aniversário da independência

## Agitação no Peru

Os espectadores da capital peruana não puderam ver a transmissão directa pela Televisão da abertura dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, devido a cortes de energia provocados aparentemente pelos guerrilheiros do movimento maoísta «Sendero Luminoso».

O 163.º aniversário da independência do Peru, que se comemorou este fim-de-semana, foi marcado por dois dias de violência que causaram já pelo menos 20 mortos, 38 feridos e mais de 6000 prisões, num balanço provisório.

Cerca de 40 mil soldados foram chamados para um alerta à escala nacional, a maior prova de força do governo do presidente Fernando Belaunde Terry.

Na altura em que a equipa peruana aparecia na Televisão, grandes áreas de Lima ficaram sem electricidade, o mesmo acontecendo noutras grandes cidades do país. A Rádio acusou os guerrilheiros antigovernamentais do «Sendero Luminoso» de terem dinamitado três torres de transporte de energia eléctrica, em Huancayo. Na altura, ficaram feridas cinco pessoas devido ao tiroteio entre a Polícia e os assaltantes.

As autoridades anunciaram entretanto que, no sábado passado, mataram 19 guerrilheiros daquele movimento, numa emboscada em Ayacucho, nos Andes, e que outros 35 ficaram feridos, mas fugiram.

## Morte de importante dirigente da ETA

Um dos mais destacados e históricos membros da ETA Militar, Tomas Perez Revilla, faleceu sábado passado em França, em consequência dos ferimentos provocados durante o atentado que que foi alvo, há um mês e meio.

Perez Revilla, de 47 anos foi atingido pela explosão de uma bomba colocada por um comando do «G.A.L.» («Grupos Antiterroristas de Libertação»), num café de Biarritz.

Considerado como um elemento extremamente violento da organização separatista ETA, Revilla estava relacionado com vários casos de raptos na Espanha e esteve processado pela sua participação no atentado no qual perdeu a vida o almirante Carrero Blanco.

O atentado foi o segundo que Revilla sofreu desde que, em 1970, fugiu para França, onde vivia com carta de refugiado político.

### Cerco internacional

A morte de Perez Revilla coincide com a decisão do Conselho de Estado francês de retirar o estatuto de refugiado político a 18 exilados espanhóis que viviam no sul da França.

Esta medida política pode colocar os refugiados bascos numa difícil situação, pois é cada vez mais evidente que as autoridades espanholas estão a apertar o cerco internacional à ETA.

Salvador Omaza, um membro da ETA condenado na Bélgica por transportar munições de guerra, e cuja extradição foi consentida pelo Governo de Bruxelas, afirmou numa conferência de imprensa que «a sua extradição foi um autêntico sequestro político».

O separatista basco disse que foi obrigado a abandonar a prisão belga e metido num avião. Quando aterrou viu que estava num aeroporto militar espanhol, nos arredores de Madrid.

Salvador Omaza insistiu em que os extremistas bascos são torturados nas esquadras da Polícia e negou que na Espanha exista democracia. O juiz espanhol encarregado do seu caso decretou a sua liberdade condicional. Era acusado pela Polícia de numerosos atentados terroristas.



# PO acusa a África do Sul malogro das negociações

do que afirma serem falsas as declarações da África do Sul, segundo as quais a SWAPO recusa um cessar-fogo.

Os guerrilheiros, sublinha, não têm outra alternativa senão intensificar a sua luta.

## Diálogo vai recomeçar?

O ministro cabo-verdiano dos Negócios Estrangeiros, Silvino da Luz, disse à NP na Cidade da Praia, ser possível que a África do Sul e a SWAPO cheguem a um acordo sobre o futuro da Namíbia.

«Encaramos essa possibilidade como viável num futuro próximo».

«Posso dizer que as negociações vão ser reatadas» — declarou Silvino da Luz.

O ministro participou na reunião da passada quarta-feira entre delegações da África do Sul e da SWAPO, no Mindelo, na qual estiveram presentes como observadores representantes de Angola e dos Estados Unidos.

Sobre o papel do seu país no processo em negociação, Silvino da Luz frisou que Cabo Verde

«se limitou a sentar à mesma mesa as duas delegações, procurando ajudar a que elas cheguem a algum entendimento».

«Não somos parte interessada, embora o problema diga respeito a toda a África», esclareceu.

## Pretória acusa Moscovo

A Rádio África do Sul responsabilizou Moscovo pelo malogro das conversações entre Pretória e a SWAPO e disse parecer haver agora menos perspectivas de alcançar uma solução para a Namíbia durante este ano.

A emissora estatal sul-africana, num comentário habitual que costuma reflectir o pensamento do governo, afirmou que, por influência da União Soviética, a SWAPO recusou uma oferta sul-africana de um cessar-fogo na Namíbia.

«Parece agora menos provável que se verifiquem progressos válidos este ano, no sentido de uma solução», adiantou a Rádio.

A emissora afirmou que a União Soviética desejava minar as perspectivas de um triunfo em

política externa do presidente norte-americano Ronald Reagan, num ano de eleições nos Estados Unidos. A Namíbia, uma ex-colónia alemã, é ilegalmente administrada pela África do Sul, num desafio às resoluções das Nações Unidas sobre o território, recorde-se.

O ministro cabo-verdiano adiantou que a reunião não tinha sido um fracasso e afirmou acreditar que os contactos entre a África do Sul e a SWAPO prosseguiam «em breve e com êxito».

Referindo-se à visita que o presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, efectua a Angola, Silvino da Luz admitiu que esteja relacionada com a situação na África Austral.

«E uma visita de trabalho e surge na sequência de um convite do presidente da República de Angola, José Eduardo dos Santos», afirmou.

Aristides Pereira, que é acompanhado pelo seu ministro dos Negócios Estrangeiros, e pelo secretário de Estado da Comunicação Social, Corsino Fortes, deverá regressar na próxima quinta-feira à Cidade da Praia.

# marines' Beirute

te fesa civil, e 15 feridos, 10 dos quais civis.

O recontro armado foi o mais grave desde que o Exército libanês voltou a ocupar posições em Beirute, em 4 de Julho, no âmbito de um plano apoiado pela Líbia para pôr fim à guerra civil de nove anos.

Por outro lado, habitantes do campo de refugiados palestinos de Ein El-Hilweh, no Sul do Líbano, entraram em greve e bloquearam estradas com pneus a arder, como protesto pela morte, ocorrida sexta-feira, de

um palestino de 18 anos, por soldados israelitas.

Enquanto isso, a União Soviética voltou ontem a apelar para uma conferência internacional sobre o Médio Oriente, onde tomariam parte, além de Moscovo, os Estados Unidos, Israel e seus vizinhos árabes e a Organização de Libertação da Palestina.

Em Washington, um porta-voz do Departamento de Estado manifestou-se contra tal conferência, pois, disse, não vê até onde é que a participação soviética «poderia ser proveitosa».

# Pesqueiro japonês alvejado

Um pesqueiro japonês foi metralhado quando navegava sexta-feira passada no mar do Japão a cerca de 100 quilómetros da costa fronteira entre a Coreia do Norte e a União Soviética — anunciaram as autoridades marítimas japonesas.

O capitão do pesqueiro «Yachiro Maru», foi atingido com um tiro no abdómen e encontra-se em estado de coma — acrescentaram as mesmas fontes.

Funcionários do departamento japonês de Segurança Marítima informaram que não há contacto via rádio com o pesqueiro.

# religiosa na União Indiana

de cobro aos recontros entre hindus e muçulmanos que, em nove dias causaram 11 mortos e 170 feridos.

O recolher obrigatório continua em vigor em Hyderabad, uma cidade industrial localizada a 600

quilómetros a sul de Bombaim, onde a actual onda de violência foi gerada no passado dia 22 de Julho, quando um grupo de muçulmanos atacou uma procissão religiosa hindu.

Quinhentas pessoas foram presas, 100 delas no domingo, quando a Polícia efectuou uma rusga a casas na zona onde os conflitos estão mais acesos. O chefe local da Polícia indicou que durante a rusga foram capturadas várias navajas e outras armas não especificadas.

Entre os presos encontram-se quatro deputados estaduais — três muçulmanos e um hindu — detidos ao abrigo da lei de segurança nacional que permite a prisão preventiva sem provas até um ano. A Polícia não forneceu razões para a prisão dos deputados.

Entretanto, a primeiro-ministro, Indira Gandhi, enviou a Hyderabad, o seu ministro do Interior, a fim de manter conversações com o Governo do Estado de Andhra Pradesh, de que Hyderabad é a capital.

Por outro lado, a Polícia prendeu ontem no estado de Punjab, 400 «sikhs» que tentavam organizar uma marcha em direcção ao templo dourado em Amritsar, para protestar contra o assalto do exército indiano àquele santuário «sikh».

## «Decisão não é negociável»

# Navios atómicos proibidos de visitar a Nova Zelândia

O primeiro-ministro neozelandês, David Lange, disse ontem que a proibição decretada pelo seu governo as visitas de navios propulsionados a energia nuclear ou equipados com armas atómicas não é negociável.

Mas Lange, que concedia a sua primeira grande entrevista televisiva desde a vitória do seu Partido Trabalhista nas eleições do passado dia 14, afirmou julgar que a aliança ANZUS, na qual participam a Nova Zelândia, Austrália e os Estados Unidos, sobreviverá, apesar da decisão do Governo de Wellington.

O secretário norte-americano de Estado, George Shultz, que em meados do mês participou em Wellington na reunião do conselho da ANZUS, disse que o Tratado não poderia existir sem a possibilidade de os navios norte-americanos da esquadra do Pacífico poderem utilizar os portos neozelandeses, adiantando não estarem previstas tais visitas para os próximos seis meses.

Instado pelo entrevistador a responder se a proibição era de alguma forma negociável, Lange respondeu: «não, é uma política e uma posição declarada do meu governo».

Lange declarou que a verdadeira questão não era a das visitas à Nova Zelândia, mas as repercussões de uma tal proibição noutros países.

O primeiro-ministro neozelandês afirmou: «Vamos directos ao ponto. O problema não é o de um par de barcos vir uma ou duas vezes por ano para descanso e recreio. Não é essa a questão».

«A questão é se, no quadro das suas relações com outros países, os Estados Unidos poderão ver esses outros países dizendo: 'vejam, a Nova Zelândia resolveu-se. Agora nós também não vos queremos', declarou Lange.

Lange foi ainda interpelado acerca da promessa do governo trabalhista da Austrália de impedir o acesso a portos aus-

tralianos de navios que transportassem materiais nucleares.

«Posso dizer-lhe isto: que não tenho nenhuns planos para o fazer», respondeu Lange.

«É no interesse da segurança da Nova Zelândia e é algo que os nossos amigos compreenderão», afirmou, adiantando não esperar a visita de nenhum navio nuclear antes das próximas eleições neozelandesas, em 1987, não devendo por isso o seu governo enfrentar o problema.

O primeiro-ministro confirmou ainda a intenção do seu governo de encerrar o Consulado da África do Sul em Wellington, afirmou que ele não tem poder para impedir a deslocação daquele país, no próximo ano, da equipa de rúgby da Nova Zelândia.

Lange disse que não haverá conversações sobre o Consulado que ele será provavelmente encerrado «no espaço de meses».

## Uma previsão da OMS sobre o holocausto nuclear

# Mil milhões de mortos num primeiro impacto bélico

Num primeiro impacto, uma guerra nuclear causaria mais de mil milhões de mortos e igual número de feridos, ainda que só com a utilização de metade do arsenal disponível, segundo um estudo da Organização Mundial de Saúde (OMS).

A OMS advertiu que a Humanidade está suspensa num fio cada vez mais fino e os actuais arsenais nucleares, concentrados na sua maioria na União Soviética e nos Estados Unidos, têm uma potência explosiva milhares de vezes superior à utilizada durante a Segunda Guerra Mundial.

Além disso, os efeitos das ondas de choque e térmicas, as radiações e a precipitação radioactiva de uma explosão nuclear teriam consequências devastadoras, tanto a curto como a longo prazo.

«É evidente que não haveria nenhuma zona do Mundo onde os serviços de saúde pudessem atender devidamente às centenas de milhares de pessoas gravemente feridas pelas ondas de choque, térmicas ou pelas radiações de uma só bomba de uma megatonelada», sublinha a OMS.

Uma megatonelada equivale a um milhão de toneladas de explosivos e o desenvolvimento científico — para o belicismo — permite lançar bombas nucleares, inclusive com cabeças múltiplas, para qualquer lugar do Mundo num tão curto espaço de tempo que não haverá possibilidade de despedida.

Segundo o relatório da OMS, a detonação duma megatonelada a 1300 metros de altitude sobre uma cidade, arrasaria até com os edifícios de betão armado e provocaria um sopro mortal da ordem dos 750km/hora.

Se a bomba explodisse a 4,8km de altura, seriam destruídos a maioria das fábricas e edifícios comerciais e as pequenas casas, «habitat» tradicional do homem, ficariam reduzidas a escombros.

Mesmo a distâncias superiores, o panorama seria desolador: corpos esmagados pela onda de choque, pulmões rebentados, edifícios arrasados, chuvas de escombros ou vidros, incêndios, ruptura de barragens, inundações catastróficas, centrais nucleares a descoberto e muitas



outras calamidades mais.

O estudo indica que a emissão instantânea de calor originado por uma bomba nuclear propaga-se à velocidade da luz, pelo que seca tudo o que encontra à sua passagem.

Nem mesmo os ocupantes dos refúgios bem protegidos ficariam totalmente a salvo e as pessoas que observassem a explosão a 50km de distância ficariam cegas, pelo menos temporariamente, em consequência do intensíssimo clarão, quando da explosão.

A OMS destaca no seu estudo que os poucos médicos que sobrevivessem enfrentariam-se com a «doença das radiações» e a gravidade das suas vítimas dependeria das doses que houvessem recebido depois da explosão.

«Três síndromas surgirão como as mais comuns, uma do sistema nervoso central com a morte inevitável poucos dias depois, o gastrointestinal, que provocaria a morte duas semanas depois e o hematopático, cujo prognóstico depende das doses de radiação absorvidas», indica o estudo.

As mulheres grávidas expostas à chuva radioactiva — no período compreendido entre a oitava e a 15.ª semana de gestação — terão filhos, mas na sua maioria atrasados mentais.

Apesar de advertir que o nú-

mero de vítimas estimadas é difícil pelos diferentes factores que há a tomar em conta, a OMS calcula que a deflagração duma bomba duma megatonelada sobre Londres, a pouca altitude, causaria um milhão e 200 mil mortos e um número semelhante de feridos.

No caso duma guerra nuclear não-limitada, adverte a OMS, deflagraria em todo o Mundo 10 mil megatoneladas, 90 por cento da Europa, Ásia e América do Norte e o restante em África na América Latina e Oceânia.

Os cálculos indicam que, numa hecatombe desta natureza, haveria aproximadamente 1150 milhões de mortos e um número semelhante de feridos, o que equivaleria a que metade da população mundial seria vítima imediata.

A OMS prevê que, face às necessidades de socorro, os serviços médicos classificariam as pessoas em três grupos: as com poucas possibilidades de sobrevivência, as que poderiam responder a tratamento e as que tivessem ficado em melhores condições para aguardar assistência médica.

O comité internacional que preparou o relatório pensa que haverá sobreviventes, embora advirta para a impossibilidade de determinar por quanto tempo.

(Por C. Razhavan — IPS)



Subiu 50 em 14 meses

# O dólar já vale 150 escudos

Catorze meses e meio depois de ultrapassar a «barreira maldita» dos cem escudos, o que aconteceu a 17 de Maio de 1983, o dólar voltou, hoje, a bater outra meta psicológica, a dos 150 escudos.

Esta manhã, em Lisboa, a nota verde norte-americana foi cotada a 150,05 escudos (as notas maiores) venda, depois de no início da semana passada ter ameaçado morder os 150 escudos, com ligeiro recuo ao longo da semana. A última cotação conhecida, na sexta-feira, passava, fixava-o em 149,90 escudos.

Aliás, esta tendência está a ser sentida em todas as principais praças onde uma semana de travagem não impediu o dólar de continuar a sua rota a caminho do esmagamento das divisas europeias.

Em Zurique, onde o dólar se cotou ao nível mais alto dos últimos sete meses (2,46 francos suíços contra 2,45 na sexta-feira), fontes financeiras manifestaram a opinião de que esta valorização da moeda norte-americana é puramente especulativa e apoia-se, uma vez mais, na expectativa da subida das taxas de juro dos Estados Unidos. Outras fontes creem que a descida dos preços do petróleo provocará uma baixa do índice inflacionário dos Estados Unidos.

O actual valor do dólar representa uma desvalorização em 5,44 por cento do escudo relativamente à cotação média daquela divisa no passado mês de Junho (141,88 escudos).

Relativamente à cotação média de Julho de 1983 (119,97 escudos) em relação ao dólar, o escudo baixou em 20 por cento.

Mota Pinto revela em Oliveira dos Frades

# Juros à cabeça vão ser eliminados

Mota Pinto afirmou ontem em Oliveira dos Frades que a estabilidade política é fundamental e que todos os «que dentro ou fora dos partidos atentam contra ela estão a fazer perigar a democracia».

O vice-primeiro-ministro destacou que a estabilidade é também indispensável, «e este ponto é irrenunciável para que se ocupe o poder, fazendo-se mudanças, transformações e ultrapassando-se bloqueios que existem na sociedade e que já estão suficientemente identificados, referenciados e conhecidos e que é necessário ultrapassar».

Mota Pinto adiantou que esses bloqueios serão ultrapassados mas «infelizmente a um ritmo menor do que desejaríamos e menor do que exigem os interesses nacionais».

Anunciou para breve a aplicação da abertura ao sector público de vários domínios até agora reservados ao sector nacionalizado.

Referiu expressamente a que dentro de dias se concretizará a abertura da banca e seguros a entidades privadas.

Mota Pinto disse também que a eliminação dos juros à cabeça iria resolver muitos problemas de milhares de pequenas e médias empresas.

Advogou também a substituição do sistema de letras pela abertura de linhas de crédito.

Mota Pinto, que estava acompanhado pelo ministro da Educação, José Augusto Seabra, e pelos secretários de Estado adjunto (Calvão da Silva), das Obras Públicas (Eugénio Nobre) e do Emprego (Rui Amaral), justificou esta deslocação com a necessidade de o Governo dar atenção aos problemas do Interior.

# Terceiro Mundo: os ideais não se cumpriram

O director em exercício da Unidade de Coordenação e Consulta do Sistema Económico Latino-Americano (SELA), Carlos J. Moneta, afirmou, em declarações à IPS em Havana, que não se cumpriram «os ideais da Nova Ordem Económica Internacional».

Precisou que este incumprimento se observa no «que se refere aos seus princípios de respeito à soberania, à justiça económica, à cooperação, à luta contra a fome e outras necessidades formuladas em vários documentos e resoluções de organismos mundiais e regionais».

A situação da Nova Ordem Económica Internacional, desde a sua aprovação no VI Período extraordinário de sessões da Assembleia Geral da ONU, em 1974, mostra na actualidade um «quadro lamentável» do ponto de vista dos objectivos que o Terceiro Mundo desejava obter, acrescentou.

Disse que os resultados, desde o lançamento da carta de deveres e direitos dos Estados, em 1974 até ao presente ano, são terrivelmente negativos.

Um exemplo disso são as formas de trabalho e os mecanismos, com os quais se esperava obter êxito nos programas de produtos básicos e na nova ordem para a transferência de tecnologias, assim como no domínio dos investimentos e das regulamentações do comércio internacional.

Carlos J. Moneta foi convidado a participar no «Seminário Internacional sobre População e Nova Ordem Económica Internacional», auspiciado pela Universidade de Havana, pelo Centro de Estudos Demográficos (CEDEM) e pelo Centro de Investigações de Economia Internacional (CIEI).

## Situação de quase ruptura

A reunião que se iniciou em 3 de Julho, é preparatória da Conferência Internacional de População que se efectuará na Cidade do México no próximo mês de Agosto, após a realização de um encontro semelhante, há dez anos.

Carlos J. Moneta explicou que dez anos depois de se ter iniciado o processo de busca de uma Nova Ordem Económica Internacional, observamos hoje uma situação «de quase ruptura».

na qual prima o novo proteccionismo impante das economias dos países desenvolvidos do Ocidente, que «prosseguem apegados à bandeira do livre comércio».

Paralelamente a isto — acrescentou — sobressaem os conflitos estratégicos militares entre o Este e o Oeste, que agravam ainda mais a situação.

O proteccionismo impede o acesso aos países em desenvolvimento à mudança tecnológica e industrial, que daria lugar a uma nova estrutura ao sistema internacional, na qual continuam sem conseguir participar os países em desenvolvimento, disse Moneta.

Por essa razão, na América Latina encontramos um comércio internacional completamente restringido e que se concentra fundamentalmente na esfera Norte-Sul.

A isto, disse, deve acrescentar-se a infra-estrutura de um sistema monetário financeiro totalmente modificado para os países do Terceiro Mundo, e em particular na região latino-americana.

## Astronómica dívida externa

Afirmou que este último elemento está em função da astronómica dívida externa a que se chegou nestes últimos anos na região e que torna quase impossível a manutenção de níveis mínimos de desenvolvimento, ao mesmo tempo que transformou a América Latina em exportadora de capitais.

Precisou que esta exportação se realiza sem nenhum benefício à custa das possibilidades de desenvolvimento dos países.

O SELA — sublinhou — conta já, desde a Conferência Económica Latino-Americana, realizada em Quito, em Janeiro último, com uma espécie de desenho-quadro para encarar a concertação da América Latina no campo internacional e a promoção da cooperação entre a acção económica.

No quadro internacional — disse — devem realizar-se todas as acções que possam desenvolver-se, de forma concertada para solucionar os problemas da dívida externa de uma forma justa e necessária para a América Latina.

Também deve promover-se o comércio para erradicar as barreiras do proteccionismo e con-

seguir um processo de industrialização e transferência de tecnologias que nos permita superar o atraso actual dos países subdesenvolvidos em relação aos desenvolvidos.

Nos últimos anos — precisou o director em exercício da unidade de cooperação e consulta do SELA — «demonstrou-se dramaticamente que há uma recuperação dos centros nos Estados Unidos, Japão e outras nações desenvolvidas, enquanto a América Latina teve a sua pior crise».

Explicou que isto quer dizer que o desenvolvimento dos centros não significa necessariamente, que se transfira uma possibilidade de desenvolvimento para a América Latina.

Devemos, pois, realizar esforços conjuntos no campo das investigações tecnológicas para o desenvolvimento industrial, inclusive no aspecto interno do financiamento.

Moneta considerou que a cooperação entre os países subdesenvolvidos tem que basear-se na coordenação de esforços próprios e incluir, como componente destacada, medidas reais e efectivas de controlo sobre as acções das transnacionais, exercendo a firme soberania sobre os recursos naturais.

Também é necessário propiciar, para a área, o real funcionamento dos acordos de produtos básicos existentes, e concertar outros, lutar contra o proteccionismo que impede o acesso desses produtos aos mercados, estabelecer novos termos e prazos de renegociação da dívida, e exigir o estabelecimento de um novo sistema monetário e financeiro internacional.

Segundo disse, só uma luta constante e coesa poderá dar-nos uma solução para a crise latino-americana.

A meta do SELA — sublinhou — é conseguir avançar cada vez mais na cooperação solidária entre os países da América Latina, e a experiência destes poucos anos de vida do SELA, demonstra que muito se conseguiu.

Em tal sentido disse que a América Latina está a dar passos cada vez maiores em busca de uma acção comum, sem perder as suas identidades próprias.

NERCIDO HERÉDIA, da IPS

# Zona do escudo interessa ao Senegal

O Senegal vê na criação proposta da Zona do Escudo a vantagem de convertibilidade da moeda e da assinatura de acordos com a Zona do Franco — disse à ANOP o ministro senegalês dos Negócios Estrangeiros.

«A convertibilidade do escudo permitirá aos países africanos da Zona Monetária do Franco (CFA) comercializar, directamente, com a Guiné-Bissau e Cabo Verde e assinar acordos entre as duas zonas monetárias» — defendeu o ministro Moustapha Niasse.

Os acordos «viriam favorecer as relações económicas dos países africanos de língua oficial portuguesa com Portugal e com os outros grupos monetários de países da África» — salientou o ministro senegalês, numa entrevista concedida à ANOP e à RDP, no voo com o ministro Jaime Gama para a região de Casamansa, na fronteira com a Guiné-Bissau.

A medida da criação da Zona Monetária do Escudo, que o ministro senegalês realçou ter sido proposta em Lisboa pelo presidente guineense João Bernardo Vieira «acabaria com o enclausuramento económico e financeiro dos Estados africanos, que têm moedas locais não convertíveis».

«Se Portugal e a Guiné-Bissau e outros países africanos de língua portuguesa criarem a sua zona monetária do escudo, isso teria também outra vantagem. Portugal ajudaria a financiar os projectos de desenvolvimento da Guiné-Bissau e dos outros Estados» — sublinhou Niasse, que viajava com Gama para uma visita ao Casamansa, antigo domínio português, até ao acordo com a França, em 1885, de troca por uma faixa do actual território do Sul da Guiné-Bissau.

## Sociedades de Pesca

O Senegal também quer negociar um acordo de pesca com Portugal e constituir sociedades mistas de pesca luso-senegalesas, tendo este interesse sido manifestado sábado em Dacar pelo presidente senegalês, Abdou Diouf, ao ministro Jaime Gama.

Este país está interessado em que Portugal aqui instale pequenas e médias indústrias, de dimensão a fixar de comum acordo e com assistência técnica portuguesa — revelou o ministro Moustapha Niasse.



## PASSE SOCIAL

Uma mão cheia de **VANTAGENS**  
Uma mão cheia de **TRANSPORTES**

A venda nas bilheteiras da CP

O Passe Social representa inúmeras vantagens para o seu titular. É uma das mais importantes, é, sem dúvida, a sua validade para os mais variados meios de transporte — o comboio, o eléctrico, o autocarro, o metropolitano, a camioneta, os barcos caçilheiros. Muitos milhares de portugueses conhecem-no já. Por isso, não perca tempo. Compre, a tempo e horas, o seu Passe Social.

A venda nas bilheteiras da CP  
Linhas de Cascais, Sintra,  
Azambuja e Barreiro

## TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 15.º JUÍZO

### ANÚNCIO

Proc. 1000

2.ª Secção

Convidam-se todos os credores da sociedade CAPA — COOPERATIVA DOS ARMADORES DE PESCA DO ARRASTO, com sede na Docapesca, em Algés, Lisboa, para comparecerem neste Juízo, instalado no 8.º Piso do Palácio da Justiça, Rua Marquês de Fronteira, Lisboa, no dia 11 de outubro próximo, pelas 14.30 horas, a fim de ter lugar a reunião de verificação de créditos da dita sociedade para apuramento da situação dos seus negócios e as causas do seu estado de liquidação e de se discutirem e apreciarem os seus débitos.

Os credores que não figurem na relação apresentada, pela referida sociedade, junta aos autos podem reclamar no processo os seus créditos até dez dias antes daquele designado para a reunião; e qualquer credor nos cinco dias seguintes, pode impugnar créditos e denunciar actos culposos ou fraudulentos da devedora.

Lisboa, 12 de Julho de 1984  
**O Juiz de Direito,**  
a) Manuel Luis de Sa Ferreira

**O Escrivão Adjunto,**  
a) Luis M. Rocha Cândido

«D.L.» — 30/7/84 — 1.ª Pub.

## PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de invenção n.º 72 072, para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE FIBRAS E FIOS HIGROSCÓPICOS QUE POSSUEM UMA ESTRUTURA DE NÚCLEO/REVESTIMENTO, COM A SECÇÃO RECTA ESTÁVEL».

**TRATA: CLARKE, MODET & C.ª**  
Patentes e Marcas  
R. Castilho, 201-3.ª Esq.  
1000 LISBOA

## ENFERMEIRA REABILITAÇÃO OFERECE-SE

PARA TRABALHAR SÓ TARDES.  
RESPOSTA A ESTE JORNAL  
AO N.º 28 603

## DESPORTO

Luz: 2-1 ao Bordéus

## Benfica: para começar já vence a concorrência

Vinte e tal mil espectadores, mesmo sabendo que não poderiam deliciar-se com as habilidades de Chalana e Tigana (que não fizeram a viagem até Lisboa) estiveram ontem, no Estádio da Luz, para assistir ao embate particular Benfica-Bordéus, inscrito nas cláusulas do contrato do **pequeno genial**, agora emigrante de privilégio em terras de França.

Um gol de cabeça de Jorge Silva, um jogador regressado ao Benfica (é irmão de José Luís), ditou a vitória da turma «encarnada» frente ao Bordéus (de França) em confronto particular, no parque da Ajuda.

A partida, registou ainda mais dois golos de bom nível, por intermédio de Shéu e Audrain, aos 30 segundos e 62 minutos, respectivamente.

A nova formação benfiquista, sem Chalana, Stromberg e Eriksson (ex-treinador), apareceu sob o comando do jugoslavo Tomislav Ivic e continua a ser um conjunto de ataque, com Diamantino, Manniche e Jorge Silva a serem os principais intervenientes nas jogadas ofensivas.

O Benfica inaugurou a época de 1984-85 com um tento de Shéu, aos 30 segundos de jogo, após uma boa jogada de Diamantino do lado esquerdo, a entrar, o guardaio francês Dropsy a falhar a intercepção e Shéu a não perdoar. Animados com o tento, os pupillos de Ivic afoitaram-se mais ao ataque, com o dinamarquês Manniche a falhar (aos 17) um tento fácil frente a Dropsy, apos centro de



Vando: uma curiosa estreia.

Carlos Manuel do lado esquerdo. O mesmo jogador nórdico seria protagonista de uma jogada de bom recorte técnico (20 minutos) tendo cruzado para Diamantino que falhou o golpe final por um triz.

Aos 30, uma queda de Carlos Manuel dentro da área (em corrida com Girard) poderia ter sido sancionada com o castigo máximo, mas o árbitro Graça Oliva, perto do lance, optou pela negativa, não condescendendo com um sector da multidão, menos esclarecida em relação às 17 leis do jogo.

Alain Giresse, um dos responsáveis directos pelo triunfo da França, esteve activo no Bordéus, do 1.º tempo, com alguns lances de grande imaginação. Após o regresso das cabines, o Bordéus subiu de rendimento, tendo Audrain feito o empate (1-1), num golpe de cabeça den-

tro da área e após um cruzamento de Memmering. Momento antes, Diamantino, que rubricou uma grande exibição, tinha atirado a bola ao poste da baliza de Dropsy, com Manniche a falhar a recarga, acossado de perto por um defesa.

Com as entradas de Wando e Jorge Silva para a turma «encarnada» assistiu-se a um futebol mais vivo, com o brasileiro a servir muito bem os seus colegas pelo lado esquerdo, em cruzamentos largos para o interior da área. O 2-1 surgiu precisamente de um centro de Wando ao lado esquerdo, com Jorge Silva a aparecer de rompante e a fazer de cabeça o tento vitorioso, com Dropsy completamente batido no lance.

Nené, o mais «internacional» dos jogadores portugueses, poderia ter elevado a contagem (aos 82) quando isolado frente a Dropsy tentou o «chapéu» com a bola a rasar a barra. Mas o desfecho estava já no «placard».

Receita do espectáculo: cerca de sete mil contos. Destaques para as actuações de Giresse, Lacombe, Audrain, Diamantino, Bento, Pietra, Vando, Nunes, Jorge Silva, Shéu, Carlos Manuel e Nivaldo. O juiz internacional Graça Oliva agiu muito bem e teve classe para se enlaçar num jogo muito correcto. Curiosamente, desrespeitando a preferência do Benfica (soberano quando organiza jogos particulares) o Conselho Regional de Arbitragem de Lisboa quis indicar Francisco Passeiro para a direcção da partida, mas os dirigentes benfiquistas (que conhecem os seus direitos e deveres) mantiveram o convite a Graça Oliva e não defraudaram a plateia, permitindo que o juiz de Leiria actuasse com serenidade e levasse a bom cabo o seu trabalho.

Sob uma boa arbitragem de Graça Oliva (acompanhado por Castela Parreira e Manuel Vicente) as equipas alinharam:

Benfica: Bento; Pietra, Oliveira (Nunes 59), Bastos Lopes e Alvaro; Carlos Manuel, Shéu, José Luís (Wando 66) e Veloso (Nivaldo 66); Diamantino (Jorge Silva 78) e Manniche (Nené 58). Bordéus: Dropsy; Rohr, Spetch, Battiston e Rosseau; Girard, Memmering, Lopez e Giresse (Martinez 45); Lacombe e Muller (Audrain).



José Luis num círculo francês.

Golos por Shéu (30 segundos), Audrain (62) e Jorge Silva (77).

Torralta: vitória

A equipa B do Torralta venceu o torneio de futebol Juventude/84, ao derrotar na final o Portimonense por 1-0.

O torneio, destinado a captação de novos jogadores para a modalidade, destinou-se a jovens entre os 12 e os 14 anos, tendo participado 11 equipas com o total de 270 jogadores.

Para o 3.º e 4.º lugares, o Quarteirense derrotou o Ferragudo por 5-2.

Antes dos dois encontros de hoje, a organização prestou homenagem ao árbitro Raúl Nazaré, que deu o pontapé de saída da final do torneio.

O avançado António Luís (Quarteirense) foi eleito o melhor jogador, é Tome Mangas (do Torralta-B), o melhor marcador, apontando 21 golos em sete encontros. Nuno, da equipa vencedora, que não sofreu nenhum golo, foi o melhor guarda-redes.

Brasil: campeonatos

O Fluminense (actual campeão brasileiro) com a sua vitória sobre o Americano lidera o campeonato de futebol do Rio de Janeiro, após a 5.ª jornada. Resultados:

Flamengo - Olaria, 4-0; Botafogo - América, 0-0; Americano - Fluminense, 0-1; Vasco da Gama - Friburguense, 3-0; Bangú - Campo Grande, 1-0; Volta Redonda - Goitacas, 1-1. Classificação: 1.º Fluminense, 5 jogos, 9 pontos; 2.º Bangú, 5, 8; 3.º Flamengo, 4, 7; 4.º Botafogo, 5, 6; 5.º Americano, 4, 5; 6.º Campo Grande, 4, 4; 7.º América, 4, 4; 8.º Goitacas, 4, 4; 9.º Vasco da Gama, 4, 4; 10.º Volta Redonda, 4, 2; 11.º Friburguense, 5, 2; 12.º Olaria, 5, 1. O Palmeiras continua invicto e

lidera o campeonato de São Paulo, após a nona jornada. Resultados: Marília - Palmeiras, 0-1; Juventus - XV de Jaú, 1-1; Corinthians - Portuguesa, 5-1; Botafogo - Santos, 1-3; Guarani - São Paulo, 0-0; Santo André - Ponte Preta, 1-1; Maquiaringa - América, 1-2; Ferroviária - Comercial, 0-0; XV Piracicaba - Taubaté, 2-1; Internacional - São Bento, 2-1. Classificação: 1.º Palmeiras, 8, 16; 2.º Santos, 7, 13; 3.º Corinthians, 7, 10; 4.º São Paulo, 8, 10; 5.º América, 8, 10; 6.º Guarani, 8, 9; 7.º Botafogo, 8, 8; 8.º Internacional, 7, 8; 9.º Marília, 7, 7; 10.º Portuguesa, 8, 7; 11.º Juventus, 8, 7; 12.º Ferroviária, 6, 7; 13.º XV de Jaú, 9, 7; 14.º Ponte Preta, 6, 7; 15.º Comercial, 8, 6; 16.º XV Piracicaba, 8, 6; 17.º Santo André, 7, 5; 18.º São Bento, 8, 4; 19.º Taquaritinga, 7, 2; 20.º Taubaté, 8, 2.

Cabo Verde: campeonato

O Derby (de São Vicente) venceu o campeonato nacional de Cabo Verde, ao derrotar na final, na Cidade da Praia, a Académica (da Ilha do Sal) por 6-5, em «penalties», após 0-0 nos 90 minutos.

Foi o 1.º título para o «FDerby», que até chegar à final afastou o Sporting de Santo Antão e o Sporting da Praia.

O campeonato cabo-verdiano disputa-se desde 1952-53 e a equipa com mais títulos é o Mindelense (de São Vicente) nove vezes campeão.

O Derby sucede na lista de vencedores à Académica da Ilha da Boavista.

A Zâmbia venceu por 3-0 o Uganda, em jogo da 1.ª mão da 1.ª eliminatória do torneio africano de qualificação para o campeonato mundial de futebol de 1986.

A 2.ª mão realiza-se em Kampala, a 25 de Agosto.

## Volta a Gaia ganha por Manuel Cunha

Manuel Cunha e o seu clube (o Ovarense/Herculano), foram os vencedores da Volta a Gaia/84, competição destinada a seniores «AA» e «BB», com organização da secção de ciclismo do Coimbrões e apoio da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia e da Associação de Ciclismo do Porto. Classificação geral final: 1.º Manuel Cunha, Ovarense, 3-52-30; 2.º António Pinto, Ovarense, 3-52-47; 3.º Jacinto Paulino, Ovarense, 3-52-52; 4.º Fernando Fernandes, Lousa, 3-52-55; 5.º Alexandre Ruas, Lousa, 3-53-03; 6.º Carlos Santos, Lousa, 3-53-04; 7.º Luís Teixeira, Paços Ferreira, 3-53-06; 8.º José Passos, Paços Ferreira, 3-53-09; 9.º Raul Terebentino, Coimbrões, 3-53-10; 10.º Fernando Maia, Paços Ferreira, 3-53-14. Equipas (final): 1.º Ovarense/Herculano, 11 h 38 m 35 s; 2.º Lousa/Trinarianjús/IBA, 11-38-51; 3.º Ajacto/Morphy Richards, m.t.; 4.º Coimbrões/Café Gama, 11-39-09; 5.º Paços Ferreira, 11-39-21.

## Placard

Mirandela: hipismo

Rui Graça, montando a égua «Jessica», venceu a prova principal do Primeiro Grande Prémio Hípico de Mirandela, ao somar 51 pontos.

Bernardo Mendes (montando o «Pinguim») finalizou na 2.ª posição (50 pontos), seguido de Santos Correia (com o «Prefaire») 49 pontos.

Natação: portugueses fracos

Quatro nadadores portugueses falharam na tentativa de atingir a final das provas onde participavam no campeonato europeu da categoria de juniores, a decorrer no Luxemburgo.

Celso Ribeiro foi o único nadador português a melhorar o seu recorde pessoal nos 1.500 livres, em seis segundos (17.00.25). Nos 200 livres, Mabilho Albuquerque e Sérgio Esteves conseguiram marcas modestas, com 2.00.04 minutos e 2.00.54 respectivamente.

Ana Barros (nos 100 costas) fez 1.13.74, muito fraco tendo em conta o valor da nadadora do Algés e Dafundo.

## TOTO BOLA a chave

Concurso n.º 30/84

M'Gladbach-St. Gallen .....x  
Lingby-Bohemians .....2  
Banik-Lillestrom .....1

Liegeois-Brondby .....x  
AIK-Gornik .....2  
Magdeburgo-Nuremberga .....1

Malmoe-Sturm Graz .....1  
Karl Marx-Lucerna .....1  
Videoton-Gotemburgo .....1

Wettingen-Admira .....x  
Zurique-Austria .....1  
Ferencváros-Spartak .....1  
Oesters-Katowice .....x

Cada prémio: 6 369 396\$00.  
Previsões: 25 a 30 totalistas e 500 a 600 com 12.



Shéu: um tento de bandeira.

## Futebol: «congresso improvisado» foi «louvado»

Poucos foram os convidados da Federação de Futebol a comparecerem no seu Congresso, onde largos sectores com possibilidade de intervenção não foram mobilizados, talvez ostensivamente. Por seu lado, também alguns dos ilustres prendados com convite federativo primaram pela ausência o que (francamente) torna quase restricto ao registo da notícia o papel da maioria dos órgãos de Comunicação Social, muito especialmente os não contemplados com a gentileza dos federativos da Praça da Alegria.

Registemos pedaços de um pequeno telex da «NP»:

**Uma maior sensibili: ação para os problemas do futebol português e o auxílio do Estado na tarefa da transformação das estruturas desportivas foram as notas dominantes dos discursos de encerramento do Congresso Nacional do futebol em Lisboa. Para Raimundo Rodrigues (presidente do Con-**

**gresso, que decorreu na FIL) é necessário sensibilizar todos os responsáveis da modalidade (técnicos, dirigentes, jogadores) para as carências e a necessidade de mudança no futebol. É preciso sensibilizar a todos, inclusive o Estado e o poder político para que intervenham nessa mudança para que o futebol venha a ser reconhecido como um fenómeno social e económico revelante — frisou Rodrigues.**

O Congresso, cuja sessão de encerramento contou com a escassa presença de 50 pessoas, deliberou congratular-se com o êxito alcançado pela selecção no «Europeu», realçando o mérito de todos os jogadores, técnicos e dirigentes.

O dr. Silva Resende presidente da Federação de Futebol usou também da palavra, tendo referido que o Congresso terá de futuro de ser menos improvisado, mais amplo e as suas teses di-



Antigo presidente federativo, o dr. António Marques assistiu àquela completa desolação.

vulgadas com maior antecedência. O público que ocorre aos estádios tem também, que meditar sobre o futebol e os problemas que o afligem — afir-

mou Silva Resende, que louvou o sacrifício dos participantes no Congresso no esforço desempenhado em prol da modalidade. O presidente da FPF vincoou ainda

que o Estado tem de ter um papel importante ao lado do futebol, ajudando a modalidade a desenvolver-se e a projectar-se nos termos desejados por todos.

A sessão de encerramento finalizou com a intervenção do dr. Miranda Calha (secretário de Estado dos Desportos) que frisou a necessidade de se dar continuidade a uma cooperação estreita entre o Governo e o futebol, assim como em relação a outras modalidades. O dr. Miranda Calha sublinhou a presença muito positiva da selecção portuguesa no campeonato da Europa (em França) acrescentando que se devem limar as últimas arestas com a intenção de melhorar ainda mais o nível do futebol nacional. Há que tirar ilações da significativa e honrosa presença de Portugal no «Europeu» (disse) adiantando que o futebol deverá ter um papel de liderança no campo do desporto como desporto-rei que é.

## DESPORTO

# China e Japão: o despertar de dois grandes gigantes

Luxo, colorido, alegria, pompa, circunstância e muitas mulheres bonitas enquadraram a bela abertura dos Jogos Olímpicos de Los Angeles: um festival de juventude e compreensão humana. Um espectáculo que foi prolongamento (e continuidade) das grandes «feéries» de Hollywood, que ficou na retina de centenas de milhões, mesmo para além dos interessados que, através de 140 países, compareceram no quadrienal abraço dos melhores desportistas mundiais.

Já caíram dois recordes mundiais e três olímpicos. Portugueses entraram em cena. Algumas marcas e duelos foram fascinantes: mas a procissão ainda agora vai no adro.

### Sobe o pano

Pela 1.ª vez na história olímpica, os Jogos foram declarados abertos por um presidente (Ronald Reagan) encerrado atrás de um vidro à prova de bala. Portugal desfilou entre os 190 países participantes com um número que pode augurar uma boa presença nos 23.º Jogos: o 100.º, entre as Filipinas e Porto Rico. António Roquete foi o porta-bandeira à frente de 45 elementos (entre atletas e oficiais) da delegação portuguesa.

Vista por cerca de 90 mil pessoas que enchiam o Coliseu e por 2500 milhões de telespectadores em todo o mundo, cálculo por alto, que representa metade da população do Globo) a cerimónia idealizada por David Wolper não desiludiu os que esperavam algo de diferente. Wolper (um homem do cinema) fez com que a capital da 7.ª Arte desse ao mundo um espectáculo como os de Hollywood.

O repicar de sinos, fogo de artifício e uma fanfarra de trompetes assinalou o início daquilo que foi uma autêntica festa. Perto de mil balões dourados e brancos foram lançados para o céu antes de surgir a primeira surpresa, um «homem foguete» propulsionado por um jacto, que aterrou no centro do terreno. Ao mesmo tempo, a palavra «Welcome» (bem-vindo) surgiu no céu, escrita em fumo por aviões.

«Música da América», um espectáculo de música e de dança, maravilhou a seguir os espectadores durante 45 minutos. Ao som de temas conhecidos e por todos identificados como norte-americanos, dez mil pessoas evoluíram numa coreografia notável no centro de um gigantesco mapa dos Estados Unidos formado pela banda. Caravanas de pioneiros, um barco do Mississippi, 84 pianistas a tocarem a «Rhapsody in blue» (de Gershwin) foram detalhes ricos de um projecto cujo custo não ultrapassa afinal um por cento do orçamento dos Jogos.

No Coliseu, o público tinha os dois maiores vídeos do mundo à sua frente para poder apreciar todos os pormenores da cerimónia. Cada um dos espectadores levantou um cartão colorido previamente distribuído e apareceram as bandeiras de 55 países.

Juan António Samaranch (presidente do Comité Olímpico Internacional) entregou a bandeira olímpica ao presidente da Câmara de Los Angeles. Seguiu-se a primeira de muitas audições do «tema olímpico» composto por John Williams e que vai preceder a entrega de todas as medalhas: música viva

### Abertura: a festa

Eis alguns números sobre a cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos no Coliseu: balões, 1065; participantes, mais de 9000; pianistas, 84; elementos do coro, 1000; pombos, 2500; tambores, 150; trombetas, 120; membros da orquestra, 750 de 116 colégios; espectadores no estádio, 88 000; comentadores de televisão, 75; câmaras de TV, 21; audiência de TV, cerca de 2500 milhões de pessoas, em 140 países.

e fácil de fixar, é já um êxito discográfico nos Estados Unidos.

Numa nota mais tradicional, o desfile dos 140 países prolongou-se por uma hora e 20 minutos, com começo na Grécia e final nos Estados Unidos, cuja enorme delegação (mais de 500 elementos) recebeu, naturalmente a maior ovação. Mas houve outros aplausos especiais.

### «Gaffe» de Reagan

Particularmente vibrante foi o dedicado à República Popular da China, que no seu regresso aos Jogos foi saudada de pé.

O público também apreciou imenso a brincadeira dos canadianos que, à passagem pelas bancadas, lançaram «frisbees» (discos de plástico), e teve palmas especiais para a arquieira parapléica neo-zelandesa Neroli Fairhall. A Roménia foi recebida também de pé, com a clara explicação política de ser o único país do Pacto de Varsóvia a não boicotar os Jogos.

O chefe do Comité Organizador, Peter Ueberroth, frisou no seu discurso que os atletas representam a melhor esperança para o futuro da humanidade. E não evitou uma referência ao boicote: os nossos pensamentos vão também para os atletas que não puderam estar connosco.

Ueberroth mereceu um agradecimento especial do presidente do COI, antes de Reagan cometer a sua «gaffe», ao dizer celebrando a 23.ª Olimpíada da Era Moderna, declaro abertos os Jogos Olímpicos de Los Angeles. O que estava escrito no guião que lhe foi distribuído era: declaro abertos (...), celebrando...

O suspense criado em volta de quem acenderia a chama olímpica foi finalmente quebrado: mas, não muito depressa.

Rafer Johnson acendeu a pira

Gina Hemphill, neta do lendário

atleta norte-americano Jesse Owens, entrou com o facho olímpico no estádio, deu uma volta e, já visivelmente cansada mas ainda com todos à espera que fosse ela a subir a enorme escadaria conduzindo à pira, acabou por entregar a chama ao derradeiro estafeta. O écran gigante no estádio elucidou logo de quem se tratava: Rafer Johnson, medalha de ouro em 1960, no decatlo.

Johnson subiu os degraus, levantou a chama e, em vez de como é habitual, acender directamente com ela a pira, deu mais um toque de espectáculo fazendo o fogo acender uma calha de gás que começou por pôr em chamas os anéis olímpicos e só depois subir para a pira. Tinha acabado a odisseia de 14 400 quilómetros da chama olímpica, uma viagem muito contestada pelos aspectos comerciais que a rodearam.

O juramento de atletas (lido por Edwin Moses) e oficiais culminou com o «hino da alegria» e a canção «Reach Out».

### Como nós estivemos

Os 1070 pontos de Luís Monteiro na prova de obstáculos do pentatlo moderno foram o único resultado positivo da participação portuguesa no primeiro dia de provas. Monteiro (22 anos) obteve a 5.ª melhor marca do dia, graças a um percurso efectuado em 1.34,77 minutos apesar dos 30 pontos de penalização por derrube de um obstáculo, mas os pontos por si conquistados não tiveram semelhança com os dos seus colegas Roberto Durão e Manuel Barroso, pelo que Portugal ocupa o 12.º lugar entre 17 concorrentes.

Exceptuando Monteiro, os restantes sete portugueses em acção desiludiram. Alexandre Yokochi ficou em 34.º entre 52 concorrentes nas eliminatórias dos 100 metros (com 1.07,80, a sua melhor marca do ano, mas longe do seu recorde nacional: 1.07,14).

«Isto foi só para treinar. O que interessa são os 200 e se andar tão bem como hoje, apesar da má partida, garanto a presença na final B», afirmou, no final.

O halterofilista Raul Dinis, na sua 3.ª presença nos jogos, foi uma desilusão total. Nem sequer se classificou no grupo B da categoria dos 52 quilos, devido a um nulo no arremesso. No arranço levantou a primeira, 82,5 quilos, menos cinco que o seu máximo.

«A idade não perdoo e o Raul é muito nervoso. Esta é a explicação para o nulo», afirmou o director técnico nacional sobre a má exibição de Dinis (33 anos).

Na estreante modalidade de pistola «Sport», Maria Isabel Chitas (35 anos) obteve um razoável 15.º lugar entre 30 concorrentes (com 572 pontos) marca abaixo do seu normal. Se tenho feito o meu normal (580) ficava nos primeiros lugares e podia ir a uma medalha, mas os nervos eram muitos. Até parecia que o coração andava mais depressa, confessou a atiradora que juntamente com Dinis, concluiu a sua participação nos jogos.

Outro atirador, obteve um resultado aquém do esperado: José Jacques Pena (35 anos) foi 39.º entre 56 concorrentes (com 533 pontos) marca igualmente não concordante com o seu valor. Se tem alcançado uma pontuação acima dos 550 (como esperava) ficaria nos vinte primeiros lugares. Também no tiro, mas na especialidade de fosso olímpico (tiro aos pratos) José Casquilho Faria (27 anos) e João Rebelo (23) claudicaram, o primeiro devido aos nervos e o se-

gundo por doença e ficaram afastados de discutir os primeiros lugares. Casquilho Faria totalizou 69 pontos em 75 e Rebelo 67, tendo este último obtido um 25 (máximo) na segunda série.

### Delfim Moreira: lancetado no pé direito

No pentatlo moderno, o bom resultado de Monteiro não fez esquecer os desaires de Durão e de Barroso. Roberto Durão (25 anos) o melhor português em obstáculos e esgrima, não foi além de um modesto 29.º posto (com 918 pontos) e Manuel Barroso (21 anos) foi 35.º (818 pontos) entre 52 pentatlonistas, dos quais 13 foram eliminados.

No dia de hoje três modalidades vão estar em foco para os portugueses: natação, com João Santos nas eliminatórias dos 100 m mariposa; pentatlo moderno (com a prova de esgrima) e tiro aos pratos (fosso olímpico) com a realização da segunda das três séries.

Enquanto uns competem, outros (como Fernando Mamede, António Roquete e Maria João Falcão) treinam, e outro ainda (Delfim Moreira) recupera das mazelas. Delfim Moreira, que vai competir (dia 12 de Agosto) na maratona, foi lancetado no pé direito, já abandonou as muletas e prepara-se para iniciar a preparação, enquanto António Leitão (que chegou a Los Angeles aleijado) já recuperou e treina-se sem limitações.

O seu técnico (Jorge Ramiro) entra todos os dias na aldeia olímpica como convidado para dirigir o seu pupilo.

### China: espectáculo

A China entrou na ribalta olímpica ao conquistar as primeiras duas medalhas de ouro da sua história, mas os Estados Unidos mostraram desde o primeiro dia que vão ser reis, recolhendo seis galardões de ouro e três de prata.

Na modalidade-rainha na jornada inaugural, a natação, o «albatroz» Michael Gross (RFA), e o «golfinho» (Steve Lundquist, EUA) bateram recordes mundiais. Os Estados Unidos ganharam (de uma assentada) duas medalhas de ouro nos 100 metros femininos, com duas nadadoras a terminar no mesmo tempo. Foi a primeira vez que duas medalhas de ouro foram atribuídas por igualdade de tempos.

A entrada chinesa nos jogos foi marcada também por uma começo espectacular em ginástica masculina, mas nem tudo foram êxitos: em basquetebol e voleibol, os conjuntos chineses sofreram claras derrotas, diante dos EUA e do Japão.

Na halterofilia, os chineses mostraram a sua força quando Zeng Guoqiang e Zhou Peishuan arrebataram as medalhas de ouro e prata na classe de 52 quilos.

No tiro, a pontaria do chinês Xu Haifeng esteve afinada e valeu-lhe o 1.º lugar na competição de pistola livre (homens) primeira prova a terminar.

Aqui, a China foi inicialmente anunciada como tendo recolhido também a medalha de prata (por Wang Yifu) mas este teve de contentar-se com a de bronze por ter sido aceite um protesto do sueco Ragnar Shanaker, finalmente o 2.º classificado.

Xu, recém-chegado a um desporto que exige normalmente anos e anos de treino, conseguiu 566 em 600 pontos possíveis.

Nos exercícios obrigatórios de ginástica masculina, o chinês (de 20 anos) Li Ning conseguiu dois 10, nota de perfeição e quatro



Alexandre Yokochi: 5.º lugar numa eliminatória, ainda por cima com mau tempo nos 100 metros bruços (1m 07,80 s) não deu para nada

## Calendário para hoje

Calendário para hoje (segundo dia das provas) dos Jogos Olímpicos de Los Angeles:

- **Basquetebol** (local: The Forum), torneio feminino: Jugoslávia - Estados Unidos (9 horas locais, 17 horas em Lisboa); Austrália - China (14.30 - 22.30); e Coreia do Sul - Canadá (8 horas - 16 horas). Competição masculina, jogos preliminares, Grupo A: Itália - RFA (10.45 - 18.45); Egito - Brasil (16.15 - 0.15) e Jugoslávia - Austrália (21.45 - 5.45).
- **Boxe** (Sports Arena), combates preliminares: 11 horas e 14 horas (19 horas - 22 horas).
- **Ciclismo** (Velódromo), prova de perseguição individual de um quilómetro: Final (10 horas - 18 horas).
- **Equitação (Santa Anita), dressage: segundo dia (8 horas - 16 horas).**
- **Futebol**, jogos preliminares: Brasil - Arábia Saudita (19 horas - 3 horas), grupo D (Rose Bowl) Canadá - Iraque (19 horas - 3 horas); grupo A (Cambridge): Jugoslávia - Camarões (19 horas - 3 horas); grupo C (Annapolis) RFA - Marrocos (19 horas - 3 horas), grupo B (Stanford).
- **Ginástica** (Pavilhão Pauley), seniores, exercícios obrigatórios: 10 horas e 12.45 - (18 horas e 20.45).
- **Hóquei em campo** (East Los Angeles College), homens, jogos preliminares: Holanda - Canadá (13.45 - 21.45), grupo B: Paquistão - Nova Zelândia (15.30 - 13.30), grupo B: Inglaterra - Quênia (17.15 - 1.15), grupo B.
- **Pentatlo moderno** (Coto de Caza), esgrima: 8 horas e 20.30 (14 horas e 4.30).

● **Remo** (Lago Casitas), seniores, eliminatórias (7.30 - 14.30).

● **Tiro** (Prado Park), espingarda de pequeno calibre, final (9 horas e 16 horas (17 horas e 23 horas).

● **Tiro aos pratos**, 9 horas e 11 horas (17 horas e 23 horas), alvo móvel, 9 horas e 16 horas (17 horas e 23 horas).

● **Natação** (Piscina McDonalds), 100 metros mariposa masculinos, eliminatória (9.24 - 17.24); 200 metros femininos, eliminatória (8.54 - 16.54); 400 metros masculinos, eliminatória (9.24 - 17.24); 200 metros femininos, eliminatória (9.59 - 17.59); 4X200 livres masculinos, eliminatória (10.54 - 18.54); 100 metros mariposa masculinos, final (16.15 - 0.15); 200 metros femininos, final (16.53 - 0.53); 400 metros masculinos, final (16.53 - 0.53); 200 metros femininos, final (17.17 - 1.17); e 4X200 livres, final (17.38 - 1.38).

● **Voleibol** (Long Beach Sports Arena), competição feminina, jogos preliminares, quatro jogos: Canadá - Peru (10 horas - 18 horas), grupo B; Japão - Coreia do Sul (12 horas - 20 horas), grupo B; Brasil - China (18.30 - 2.30), grupo A; e RFA - Estados Unidos (20.30 - 4.30), grupo A.

● **Halterofilia** (Loyola Marumount University), classe até 56 quilos, grupo B (14 horas - 22 horas) e classe até 56 quilos, grupo A (18 horas - 2 horas), final.

● **Luta** (Anaheim Convention Center), luta greco-romana, eliminatórias de 48,62 e 90 quilos (12 horas e 18 horas) (20 horas e 2 horas).

companheiros de equipa foram também excelentes para dar à China vantagem sobre o Japão (294, 25 - 292,40). Mas os norte-americanos Mitch Gaylord e Peter Vidmar foram também espectaculares e os EUA comandam, com 295,30.

Os nipónicos Koji Gushiken e Shinji Morisue obtiveram também «10»: foram distribuídos dez pelas três equipas.

Na piscina, Gross (chamado de «albatroz», pela sua envergadura) estilhaçou a sua própria marca mundial nos 200 livres, com 1.47,44.

O mesmo aconteceu com Lundquist nos 100 metros, a realizar 1.01,65, bem melhor que os 1.02,13 do seu compatriota John Moffet, favorito confirmado depois de obter o melhor tempo nas eliminatórias, mas a quem uma lesão numa coxa atirou para o 5.º lugar. Nancy Hogshead e Carrie Steinseifer acabaram a par nos 100 livres (com 55,92 segundos) e mostraram-se encantadas por

ficarem cada uma com uma medalha de ouro.

Tracy Caulkins, outra nadadora dos Estados Unidos, foi a mais destacada vencedora do dia, fazendo 400 metros nos quatro estilos em 4.39,24 e deixando a quase dez segundos a perseguidora mais próxima. No sector feminino não foram batidos recordes, o que (possivelmente) teria acontecido com a presença das «sereias» da RDA.

Em ciclismo, a normal supremacia europeia foi quebrada pelos norte-americanos. Na primeira prova de estrada feminina dos Jogos (com 79 quilómetros) Connie Carpenter foi a 1.ª, enquanto entre os homens Alexi Grewal se impôs após 179 quilómetros. Grewal regressou a semana passada ao ciclismo (depois de lhe ter sido levantada uma sanção por «doping») e provou ter razão ao nunca deixar de treinar.

Na pistola «sport» (seniores) a chinesa Liu Haying, coman-

## Na RTP

|                               |       |          |
|-------------------------------|-------|----------|
| 15.00/16.30 RESUMO DA VÉSPERA | RTP-1 | diferido |
| 16.30/18.00 NATAÇÃO           | RTP-1 | DIFERIDO |
| 18.00/19.00 GINÁSTICA         | RTP-1 | DIRECTO  |
| 19.00/20.45 GINÁSTICA         | RTP-2 | DIRECTO  |
| 20.45/22.30 LUTA              | RTP-2 | DIRECTO  |
| 22.30/24.00 RESUMO DO DIA     | RTP-1 | DIRECTO  |

## DESPORTO

# Ouro californiano para os "ianques"

dante ao fim da 1.ª volta, fraquejou na 2.ª e acabou por ser batida numa série de desempate pela australiana Patricia Dench, para a medalha de bronze. A canadiana Linda Thom recolheu para o seu país a medalha de ouro, com Ruby Fox a conquistar mais uma de prata para a colecção do país anfitrião.

Doze modalidades estiveram em acção, já com alguns resultados-surpresa. O menor não foi (certamente) o empate a dois golos, em futebol, do Qatar com a França, a provar duas coisas: Os «olímpicos» franceses estão muitos furos abaixo dos campeões europeus e os ares portugueses fizeram bem ao Qatar, que escolheu Portugal para o seu estágio pré-olímpico.

## Resultados para a história

Desfechos do dia em hóquei em campo: RFA, 3-Espanha, 1; Austrália, 5-Malásia, 0 e Índia, 5-EUA, 1. Voleibol: Coreia do Sul, 3-Tunísia, 0; Argentina, 1-EUA, 3; Japão, 3-China, 0 e Itália, 3-Canadá, 1. Basquetebol: Jugoslávia-RFA, 96-83; Itália-Egipto, 110-62; Austrália-Brasil, 76-72; Estados Unidos-China, 97-49; Uruguai-França, 91-87; Espanha-Canadá, 83-82. Em pugilismo, o norte-americano Mark Breland foi o único entre cinco campeões do Mundo a competir na 1.ª eliminação. Breland derrotou aos pontos o canadiano Wayne Gordon (na categoria de leves) e confessou estar nervoso por ter sido o único norte-americano a combater em «casa». A maioria dos combates foi decidida aos pontos, mas o romeno Rudel Obreja venceu por «KO», Antoine Loungeou (da República Centro Africana) ao fim de 2.46 minutos, no 1.º assalto.

Resultados da final de natação - 100 metros livres femininos: 1.ª, Carrie Steinseifer e Nancy Hogshead (EUA), 55.92 (ambas ouro); 3.ª, Annemarie Verstappen (Holanda), 56.08 (bronze); 4.ª, Conny Van Bentum (Holanda), 56.43; 5.ª, Michele Pearson (Austrália), 56.83; 6.ª, June Croft (G. Bretanha), 56.90; 7.ª, Susane Schuster (RFA), 57.11; 8.ª, Angela Russell (Austrália), 58.09.

**100 Bruços Masculinos:** 1.º Steve Lundquist (EUA), 1.01.65, recorde mundial (Ouro); 2.º Victor Davis (Canadá), 1.01.99; 3.º Peter Evans (Austrália), 1.02.97; 4.º Adrian Moorhouse (G. Bretanha), 1.03.23; 5.º John Moffet (EUA), 1.03.29; 6.º Brett Stocks (Austrália), 1.03.49; 7.º Gerald Morken (RFA), 1.03.95; 8.º Raffaele Avagnano (Itália), 1.04.11.

**400 Estilos Femininos:** 1.ª Tracy Caulkins (EUA), 4.39.24 (Ouro); 2.ª Suzanne Landells (Austrália), 4.48.30 (Prata); 3.ª Petra Zindler (RFA), 4.48.57 (Bronze); 4.ª Susan Heon (EUA), 4.49.41; 5.ª Nathalie Gingras (Canadá), 4.50.55; 6.ª Donna McGinnis (Canadá), 4.50.65; 7.ª Gaynor Stanley (G. Bretanha), 4.52.83; 8.ª Katrine Nomstad (Noruega), 4.53.28.

**200 Livres Maculinos:** 1.º Michael Gross (RFA), um minuto, 47.44 segundos, recorde mundial, (Ouro); 2.º Michael Heath (RFA), 1.49.10 (Prata); 3.º Thomas Fahrner (RFA), 1.49.69 (Bronze); 4.º Jeff Float (EUA), 1.50.18; 5.º Alberto Mestre Sosa (Venezuela), 1.50.23; 6.º Frank Drost (Holanda), 1.51.62; 7.º Marco Dell'Uono (Itália), 1.52.20; 8.º Peter Dale (Austrália), 1.53.84.

## Coelho: um leão

Há seis anos só gostava de fazer força: agora é o melhor halterofilista português de todos os tempos. Chama-se Francisco Coelho e é sério candidato a uma

medalha nos Jogos de Los Angeles. «É um fenómeno da halterofilia mundial», diz (de Coelho) o director técnico nacional, Luís Paquete. «Quase apostamos que vai ganhar uma medalha», vaticinam os seus companheiros de viagem, Raul Dinis e Jorge Soares.

Francisco Jorge dos Santos Coelho é um jovem de 22 anos, que sempre gostou de fazer força, mas odeia as lutas. «Sou forte, desde pequeno que gosto de medir forças e nunca perdi no «braço de ferro», mas não sou violento. Sou um tipo calmo, que só muito dificilmente perde a cabeça»: assim se define Francisco Coelho, um rapagão de 1,77 m e 94 quilos. Ganha uma medalha olímpica é o sonho de qualquer atleta e Francisco Coelho não foge à regra: «Sei que posso ganhar uma medalha, tenho marcas para isso, mas tudo depende do momento e da sorte».

Os habituais vencedores de medalhas na halterofilia vão estar ausentes em Los Angeles por causa do boicote liderado pela União Soviética e, segundo diz Coelho, o representante romeno é o mais forte candidato à medalha de ouro: «para as outras lá estarão o alemão fede-

sénior, pulverizando os recordes nacionais: o ponto alto da sua carreira foi a medalha de bronze conquistada no «Mundial» de juniores (em 1982) no Brasil.

Foi um dos primeiros atletas portugueses a obter os mínimos para Los Angeles, ultrapassando mais de uma dezena de vezes as marcas impostas pelo Comité Olímpico Português: O COP fixou os mínimos em 325 quilos, contra 315 da Federação Internacional da modalidade e, ainda em 1982, Francisco Coelho chegou aos 327,5 quilos na categoria de 90 quilos. Também obteve os mínimos na categoria de 100 quilos (340), tendo alcançado por diversas vezes 342,5 quilos e chegando (inclusive) aos 380.

Quando começou a praticar halterofilia pensou nos Jogos de Moscovo, mas ficou longe: «a partir daí, lancei-me para Los Angeles e, se tudo correr como desejo, posso vir de lá medalhado», diz, (confiante), Francisco Coelho. Resta aguardar por 5 de Agosto, dia em que Francisco Coelho actua no Pavilhão Gersten, na Universidade Loyola-Marymount, de Los Angeles.

## Joana Figueiredo: nossa saltadora

Cabelo curto, quase à escovinha, olhos verdes, cara risonha,



Luis Monteiro (montando «Edge of Rio») ficou em 5.º lugar (1070 pontos) na 1.ª prova do pentatlo moderno

conseguir 450 fico bem classificada. A minha primeira meta é o apuramento para a final. Depois, logo se verá», diz Joana, referindo que o seu normal é 430-440, mas que (sublinha) «nos Jogos posso fazer mais». Sobre a sua preparação, revela que treina duas vezes por

mas nos saltos de um metro tem obtido melhores classificações. «Porque há menos competidores nos saltos de um metro», confessa Joana.

Os seus melhores resultados nos Estados Unidos foi um 5.º lugar entre 38 concorrentes nos saltos de um metro e um 14.º posto nos saltos de três metros, nos campeonatos norte-americanos.

Joana, filha de pai português e mãe escocesa, passa pouco tempo com os pais e manifestou-se encantada por eles irem vê-la competir nos Jogos. «Os meus pais estão em Houston e para a semana vêm a Los Angeles para me ver», concluiu.

## Prancha a vela: inovação

A prancha a vela faz a sua estreia este Verão nos Jogos de Los Angeles, precisamente 25 anos depois de ter sido concebida por um rapaz inglês de 12 anos. A sua popularidade (estima-se em um milhão o número de praticantes na Europa) persuadiu as autoridades olímpicas a inscrever a modalidade nas olimpíadas. Portugal está representado na prancha a vela por José Monteiro, quatro vezes campeão nacional.

Apesar da popularidade, não foi fácil a inscrição da modalidade nos Jogos, na sequência da controvérsia que desde a sua invenção tem caracterizado a curta história da prancha a vela.

A competição terá lugar durante sete dias num percurso de 16 quilómetros. Cada país só poderá estar representado por um velejador. Os praticantes usam pranchas idênticas, de uma marca que tem sido desenvolvida na República Federal da Alemanha.

# Isabel Chitas e Raul Dinis: KO ao primeiro assalto

ral, o norte-americano, o inglês e eu», afirmou.

«Posso não ganhar uma medalha mas os recordes nacionais vão cair e penso aumentar-lhes para uns 20 quilos», assegura o levantador do Ginásio Clube Português. Francisco Coelho detém os recordes nacionais na categoria de 90 e 100 quilos, com um total de 342,5 (155 + 187,5) e 380 (170 + 210) quilos, sendo este último máximo ibérico. Em Los Angeles, vai competir na categoria de 90 quilos e, segundo espera, chegar aos 360 quilos (160 + 200). «Vai ser mais fácil subir as marcas, porque tenho competidores, o que não sucede em Portugal e impede a minha evolução», sublinha.

Para chegar às marcas que possui, Francisco Coelho leva uma vida que ele próprio classifica de «estúpida»: «Levanto-me por volta das oito e meia e duas horas depois, começo a primeira sessão diária de treino, geralmente até às 13. Almoço e, às 16 volto ao ginásio, até às 19. Depois do jantar, vejo um pouco de televisão e deito-me cedo. É uma vida dura e muito cansativa mas, em contrapartida, tem o lado bom: as viagens, o conhecer novas terras e novas gentes», confessa Francisco Coelho.

Um dos grandes problemas de Francisco Coelho é a alimentação: «Não posso perder a cabeça com feijoadas ou cozidos à portuguesa. A minha alimentação é à base de proteínas (20 por cento), hidratos de carbono (60) e gorduras (20). E, até aos Jogos tenho de perder uns quilos para competir nos 90».

Em 1978, Francisco Coelho iniciou a prática da halterofilia e desde logo se notou na presença de um levantador com uma carreira prometedora. No ano seguinte, foi campeão da Europa de Juvenis (em Coimbra), e ganhou o título nacional júnior. Em 1980, conquistou os títulos de

andar desengonçado e uma telefonema numa mão é o retrato da americanizada Joana Figueiredo, que não fala português, mas vai competir por Portugal. Joana, quando se juntou à delegação portuguesa, quis logo saber como eram as suas companheiras de quarto: as ginastas Maria João Falcão e Margarida Carmo. «Elas são simpáticas?», perguntou Joana, uma portuguesa de 20 anos, nascida no Malawi, que cresceu no Zimbábue e estuda nos Estados Unidos. «Sinto-me feliz por representar Portugal e só tenho pena de não falar português, para poder compreender os meus companheiros. O meu pai ensinou-me muito pouco, apenas o bom-dia e a boa-noite, e ainda tive aulas de português este ano, mas (de facto) não sei falar português», assinalou.

Encantada com o «american way of life», Joana estuda administração e gerência de hotéis na Universidade de Houston e pratica saltos para a água desde muito nova. «Comecei no Zimbábue com o Ronald Ward (o técnico que me faz companhia nos jogos). É formidável eu estar com ele, depois destes três anos de ausência, mas o meu treinador nos Estados Unidos (Terry Falkenmeier) foi chamado para a selecção olímpica».

Joana é uma rapariga descontrainda. Enquanto fala com os jornalistas, tira os sapatos e esfrega os pés um no outro. Não se cansa de lançar os americanos «uau» e diz que é a primeira vez que fala directamente com jornalistas desde que está nos Estados Unidos. «No Zimbábue dei uma vez uma entrevista», recorda.

Diz ter ambições nos jogos. «Quero ficar nas dez primeiras», acrescentando: «Tudo depende da inspiração do momento e dos juizes». «Quem fizer 480 pontos ganha uma medalha de ouro, mas se

dia das 6 às 8 e das 14 e 30 às 16 e 30, adiando que pratica ainda ginástica e pesos. «Quando trabalho na Faculdade não é muito, treino mais, mas quero acabar o meu curso e tudo farei para isso».

Joana confessa ser boa aluna. Nos dois primeiros anos passou com distinção, de tal modo que a Universidade lhe vai pagar os estudos a partir de agora.

«O meu pai, a partir de agora, vai poupar sete ou oito mil dólares por ano», regozija-se Joana Figueiredo, que espera ir um dia estagiar num dos hotéis da cadeia Hilton, que patrocina o curso.

Joana nasceu a 18 de Dezembro de 1963 (no Malawi) e, aos três anos, mudou-se para o Zimbábue, onde fez a escola e o liceu. Foi no Zimbábue que se iniciou na prática dos saltos para a água e há três anos Terry Falkenmeier convidou-a para ir para Houston.

Os saltos de três metros são a especialidade em que vai competir nos Jogos (dia 5 de Agosto)

# Quem conquista medalhas

Quadro de medalhas ao fim do primeiro dia dos jogos:

|                  | OURO | PRATA | BRONZE | TOTAL |
|------------------|------|-------|--------|-------|
| Estados Unidos   | 6    | 3     | —      | 9     |
| China            | 2    | 1     | —      | 4     |
| Canadá           | 1    | 2     | —      | 3     |
| Alemanha Federal | 1    | —     | 3      | 4     |
| Austrália        | —    | 1     | 2      | 3     |
| Suécia           | —    | 1     | —      | 1     |
| Holanda          | —    | —     | 1      | 1     |
| Noruega          | —    | —     | 1      | 1     |
| Japão            | —    | —     | 1      | 1     |
|                  | 10   | 8     | 9      | 27    |

Na prova de natação de 100 livres femininos foram atribuídas duas medalhas de ouro e nenhuma de prata.

# Atletismo: vitória em Espanha

Foi agradável a presença de portugueses num torneio quadrangular de atletismo realizado em Madrid. Apesar de uma viagem (de autocarro) que durou quase catorze horas até Madrid, a equipa de Esperanças de Lisboa venceu folgadoamente em masculinos e femininos o encontro quadrangular com a selecção local e as de Salamanca e Valladolid (equipas até 25 anos).

Ana Oliveira (do Benfica), que bateu o recorde nacional dos 100 metros barreiras com o tempo de 14,18 segundos (antes 14,35 electrónico e 14,1 manuais), foi a melhor das nossas representantes e obteve também 6,20 metros no salto em comprimento marca que constituiria igualmente recorde nacional se o vento não soprasse à velocidade anti-regulamentar. Em condições regulamentares obteve 6,02 metros: a melhor marca nacional da época.

João Lima (Sporting) fez 14,27 nos 110 metros barreiras, que não podem ser recorde nacional porque o vento soprava a 2,55 m/s; Virgínia Gomes (Benfica) obteve 11,82 segundos nos 100 metros e ficou apenas a um escasso centésimo de segundo do seu próprio recorde nacional; Luís Cunha (Benfica), também nos 100 metros fez 10,62, que é o segundo resultado nacional de sempre. Pedro Agostinho (Sporting) confirmou a prova no «Nacional de Juniores repetindo 10,67. Realce, também, para a lanço Anabela Teixeira (Sporting), que, com 44,48 no disco, obteve o segundo resultado nacional de sempre na especialidade e o belenense Alvaro Silva, que correu os 400 metros barreiras em 2,76 (5.º português de sempre).

Novos recordes pessoais também para Ramiro Fernandes, do CDUL (53,59 nos 400 metros barreiras), João Subtil (Sporting) e Carlos Fernandes (Benfica), ambos com 14,94 no triplo salto e Lurdes Medeiros (63,04 nos 400 metros barreiras).

As classificações colectivas finais foram: masculinos — 1.º Lisboa, 278 pontos; 2.º Madrid, 217; 3.º Salamanca, 135; 4.º Valladolid, 109 pontos; femininos — 1.º Lisboa, 191 pontos; 2.º Madrid, 187; 3.º Valladolid, 100; 4.º Salamanca, 78 pontos.

## Meia-maratona: Sena vence

José Sena (Benfica) ganhou a 2.ª Meia Maratona de Pombal, cobrindo os 21 quilómetros do percurso em 1.04.06. Sena, que se isolou logo a partir do 1.º quilómetro, conservou até final da prova cerca de 50 metros de avanço sobre os seus imediatos perseguidores.

Em 2.º lugar, com mais sete segundos, classificou-se Rafael Marques (Sporting), seguido de Oscar Santos (Académico da Régua).

O campeão nacional da maratona, Manuel Oliveira (também da Régua) não foi além de um 4.º lugar, à frente do benfiquista Fernando Carvalho.

O Benfica venceu por equipas, enquanto Armando Aldegalega se impôs nos veteranos.

# MICROSCÓPIO

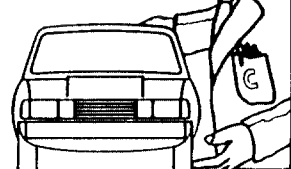
## Bilhar: «Taça de Portugal»

Alípio Jorge (FC Porto), venceu a Taça de Portugal de bilhar, às três tabelas, em compita com o campeão nacional da disciplina, Mário Ribeiro (Benfica). A final desenrolou-se na sala do Clube dos Fenianos Portugueses, no Porto, concluindo com a vitória do portuense por 50-40 em 54 entradas.



**Auto-Rádios  
e Anti-Roubo  
Philips  
Cetra**

CENTRO TÉCNICO  
DE REPARAÇÃO  
AUTOMÓVEL, S.A.R.L.  
CONCESSIONÁRIO  
PHILIPS  
PARA INSTALAÇÃO  
DE AUTO-RÁDIOS



R. Cidade de Bolama, 1-B R. Cidade  
de Bissau, Olivais Sul, 1300-115B04  
Telefs. 33 10 22 31 72 73 33 37 07



**Teatro  
Vasco Santana**



**«QUANDO A BANDA  
TOCAR»**

HOJE ÀS 21.30 h.

Texto, direcção e encenação de  
Luzia Maria Martins todos os dias às  
21.30 excepto às 2.ªs feiras. Matinée  
aos domingos.

20.º ANIVERSÁRIO  
Desconto de 50% para estudantes,  
sindicatos, comissões de trabalhado-  
res etc...  
Sub/Mont.

**MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO  
COMANDO GERAL DA GUARDA FISCAL  
CONSELHO ADMINISTRATIVO**

## ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO  
DE «EQUIPAMENTO VIDEO TAPE DO TIPO VHS» -  
PROCESSO N.º 388/84.

1. Faz-se público que está aberto concurso público  
para o fornecimento à Guarda Fiscal de «EQUIPA-  
MENTO VIDEO TAPE DO TIPO VHS».
2. Serão recebidas propostas até às 17.30 h, do dia 3  
de Setembro de 1984, procedendo-se à abertura  
às 10.00 h, do dia imediato, 4 de Setembro de  
1984.
3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho  
Administrativo do Comando-Geral da Guarda Fis-  
cal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 - 1100 LIS-  
BOA, durante as horas normais de expediente,  
podendo ser fornecido ao preço de 30\$00 cada  
exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 100 000\$00.

**MISTÉRIO CÓMICO**  
dorio fo encenação júlio costrouovo



*Circuito Maconde — Vila do Conde*

# Emoções para todos os gostos

Organizado pelo Estrela Vigo-rosa e Sport, realizou-se neste fim-de-semana, a nona prova do Campeonato Nacional de Velocidade, denominada VII Prémio Maconde/Vila do Conde. Esta prova da princesa do Ave, contou ainda para o Nacional de Velocidade de Iniciados e para os Troféus Toyota e Citroen Visa. Dentro do horário previsto como é apanágio deste clube norte-nho, o programa iniciou-se com a corrida do Grupo B, do qual saiu vencedor António Rodrigues em Lancia Rally, sem qualquer oposição dos outros concorrentes.

Os BMW M1 de António Taveira e de Mário Silva, não alinharam em virtude destes pilotos, terem protestado entre si, as mecânicas dos seus carros. No entanto, Mário Silva compareceu em Vila do Conde ao volante do Ford Escort RS e obteve o segundo lugar o que lhe permitiu, caso o protesto não tenha qualquer incidência sobre o seu BMW M1, a consagração antecipada de campeão nacional do Agrupamento B. António Campos (Vauxhall Chevette) e Carlos Rodrigues (Porsche 911 SC), discutiram volta a volta a terceira posição cabendo esse lugar ao piloto do Vauxhall.

Depois foi a vez dos concorrentes ao nacional de iniciados percorrerem as 15 voltas que compunham esta prova. Artur Mendes em Rover 3500, como se esperava, foi o primeiro classificado desta corrida. Já durante os treinos cronometrados, este jovem piloto tinha demonstrado a sua grande capacidade de condução, veio a reconfirmá-la durante a tarde de sábado. Se o segundo lugar, desde logo foi preenchido pelo Renault 5 Turbo de António Barros, o mesmo já não se passou para o terceiro e quarto lugar. Assim, Pedro Leite Faria (Ford Escort RS) na primeira volta ocupava a terceira posição, vindo a perdê-la na quarta para José Baptista Nunes, em Opel GTE. Depois, na 10.ª volta Rui Meireles (Toyota GT) retirou o quarto lugar a Pedro Leite Faria, vindo este a recuperá-lo na penúltima volta. Foi uma prova interessante, nomeadamente na luta pelos lugares secundários.

**Rui Lages  
bisa Troféu Visa**

Quanto ao Troféu Visa, poderemos considerar um espectáculo dentro do outro espectáculo. Pêquêpe, tinha sido o piloto com melhor tempo, e, como tal, o primeiro na grelha de partida, comandou a prova até à 5.ª volta, logo seguido de Rui Lages, Ernesto Portugal, Pedro Mello Breyner e Larama. Na 6.ª volta, Rui Lages ocupava a primeira posição e Pedro Mello Breyner a Segunda, deixando para trás Larama e Ernesto Portugal.

Na volta seguinte, volta-face na posição cimeira. Pedro Breyner, aproveitando um pequeno descuido de Rui Lages e de Pêquêpe, ultrapassou-os na recta da meta, vindo a perder o comando na nona volta para Pêquêpe que comandou até à penúltima volta, sendo novamente ultrapassado na curva do Castelo, por Rui Lages, que conquistou o título do Troféu Visa. Rui Lages, que tinha vencido há cerca de uma semana em Vila Real, veio a Vila do Conde confirmar a sua liderança no respectivo Troféu. É de salientar, a prova extraordinária efectuada por Rufino Fontes, que saindo da 15.ª posição, acabou num brilhante terceiro lugar. Segundo Rui Lages, vencer corridas deste tipo, não é fácil, e «isso só foi

possível, devido aos empurrões ilícitos que dei a Pêquêpe. Este piloto disse ainda que, era contra os empurrões ilícitos e como tal apelava para a CDN, para que compreendesse este tipo de condução em provas destinadas aos troféus.

Santos, despistou-se na curva do jardim abandonando a prova, pois o seu Citroen Visa Chrono, não ficou em condições de continuar a competir.

**Pressão de óleo  
trai Melville**

Araújo Pereira (BMW 323 I), que ocupava o melhor lugar da grelha (melhor tempo nos treinos), arrancou muito mal e logo as primeiras posições foram ocupadas por Christian Melville e Ferreira da Silva (BMW 323 I). Segundo Araújo Pereira, houve falsa partida, pelo que iria protestar junto dos comissários de pista e director da prova. À hora de encerrarmos a nossa edição, desconhecíamos o resultado do protesto de Araújo Pereira. Esta prova tinha uma duração de 30 minutos, onde Christian Melville, comandou durante os primeiros 28 minutos, vindo a deixar a posição cimeira a Ferreira da Silva em virtude do seu Alfa Romeo ter ficado sem pressão de óleo e a temperatura ter subido até aos 140 graus. Devido a esta anomalia, Melville teve que abrandar o seu andamento para não gripar o motor e tentar chegar ao fim para poder cheugar. Mesmo assim Christian Melville cortou a meta em segundo lugar. Araújo Pereira continuou com o azar que o vem perseguindo desde Vila Real. Depois de Tête na curva da Praia Azul com Alcides Petz, ficou apenas com a quarta velocidade na sua caixa de velocidades e ainda com a ventoinha do radiador bastante danificada o que o obrigou a ir às boxes, perdendo bastante tempo e ficando na nona posição, a 2 voltas do vencedor. Ferreira da Silva, aproveitando muito bem o abrandar de Melville acelerou ainda mais e passou da segunda posição para a primeira vencendo assim o Agrupamento N.

O melhor piloto do grupo A (até 1300 cc), foi António Baptista que tripulou um Mini 1275 GT e não teve adversários a fazer-lhe frente. Eduardo Rebelo e Alberto Rola, ambos em MG Metro, abandonaram a corrida com problemas mecânicos. O primeiro, com deficiências no carburador e o segundo com um semieixo partido.

**Aurélio Santos (Autobianchi A112) e Alberto Freitas (Morris 1275 GT) despistaram-se nos «SS» do Jardim sem consequências de maior para os pilotos.**

**Troféu Toyota  
emoção ao rubro**

Quando baixou a bandeira xadrez, uma «molhada» de Toyota Starlet, tentando ocupar a melhor posição para poderem entrar na curva da praia Azul, fez com que logo na recta da meta Miguel Lacerda fizesse «peão» seguido de capotamento, envolvendo neste acidente outros pilotos que foram obrigados a desistir e dos quais destacamos: Aurélio Veiga (problemas na direcção), Carlos Marta (transmissão), Manuel Fernandes que não conseguindo fugir à confusão, acabou também por capotar. Na 10.ª volta Ferreira da Silva, fazendo a sua travagem o mais tarde possível a fim de ganhar tempo, fez «peão» de Sande e Castro que o perseguiu de muito perto, bateu-lhe muito forte acabando por capotar. De facto, o Team Juve Brut 33, constituído por pilotos favoritos ao título, foi dos mais azarentos na pista do

Ave. Pêquêpe e António Rodrigues, com as suas trocas sucessivas levaram o público ao rubro, pois não se sabia quem seria o vencedor. Na penúltima volta, António Rodrigues aparece na praia Azul lado a lado com Pêquêpe, mas o seu escape soltou-se, o que lhe valeu a perda de alguns centésimos de segundo, o suficiente para Pêquêpe vencer o Troféu Toyota.

Como sempre esta prova foi emoção do princípio até ao fim.

Finalmente, a última prova da tarde foi destinada ao agrupamento A acima de 1300 cc, onde Carlos Rodrigues ao fim de 15 minutos dos trinta que compunham esta corrida, abandonou na curva a seguir à recta da meta, uma vez que o seu Ford Escort continuava com problemas de motor, já desde Vila Real. Sidónio Cabanelas em BMW 635 CSI, foi o vencedor da corrida-rainha, sem qualquer oposição dos seus adversários. Jorge Petiz (BMW 635 CSI) seria em princípio o piloto a fazer frente ao vila-realense, mas não compareceu em Vila do Conde, já que o seu BMW ainda não está recomposto do acidente de Vila Real.

Pedro Meireles em Rover 3500 era o segundo classificado na altura em que abandonou a prova por despiste na curva do jardim, ficando o seu Rover um pouco danificado. A partir deste momento, o Alfa Romeo GTV 6 de Rufino Fontes ocupou a posição secundária que conserva até ao final dos trinta minutos.

**Manuel Tiago**

**Classificações no Grupo B - 15 voltas:** 1.º António Rodrigues (Lancia Rally) 17,53.73 média de 535.788 k/h; 2.º Mário Silva (Ford Escort RS) 17,55.45; 3.º António Campos (Vauxhall Chevette) 18,06.10; 4.º Carlos Silva (Ford Escort RS) 18,19.38; 5.º Carlos Rodrigues (Porsche 911 SC).

**Grupos N+A+B - CNI:** 1.º Artur Mendes (Rover 3500) 18,11.00 média de 133.638 k/h; 2.º António Barros (Renault 5 Turbo) 18,22.65; 3.º José Baptista Nunes (Opel GTE) 19,06.03; 4.º Pedro Leite Faria (Ford Escort RS) 19,8.84; 5.º Rui Meireles (Toyota GT) 18,27.33; 6.º Fernando Pereira

(BMW 323 I) 18,44.40; 7.º Manuel Cabica (Ford RS) 17,47; 8.º Jorge Bezerra (Toyota Starlet) 19,24.07; 9.º Fernando Coelho (Golf GTI) 18,18.74; 10.º Fernando Gomes (Alfa Romeo) 18,39.70).

**Troféu Citroen Visa:** 1.º Rui Lages - 19,59.63, média de 121.537 k/h; 2.º Pedro Mello Breyner - 20,0.01; 3.º Rufino Fontes - 20,0.40; 4.º Pêquêpe - 20,0.81; 5.º Ernesto Portugal - 20,1.10; 6.º Joaquim Macedo - 20,8.42; 7.º João Vasco - 20,13.40; 8.º Tino Pereira - 20,21.20; 9.º António Onofre - 20,21.53; 10.º João Salavessa - 20,22.04.

**Grupo N+A (até 1300 CC):** 1.º José Ferreira Silva (BMW 323 I) 30,46.91 média de 126.308 k/h; 2.º Christian Melville (Alfa Romeo GTV 6) 30,56.90; 3.º Albino Abrantes (Alfa Romeo GTV 6) 31,30.71; 4.º José Meireles (Fiat Arath 130 TC) 31,36.55; 5.º Alcides Petiz (VW Golf GTI) 31,38.67; 6.º Gonçalo Figueiredo (Fiat Arath) 130 TC - 32,5.18; 7.º António Baptista (Austin GT) 30,48.05; 8.º Luis Domingos (Fiat 127 Sport) 31,15.47; 9.º Araújo Pereira (BMW 323 I) 31,16.94; 10.º João Vasco (MG Metro) 30,3.82.

**Troféu Toyota:** 1.º Pêquêpe, 21,20.16 média de 113.892 k/h; 2.º António Rodrigues, 21,20.36; 3.º Sena Vasconcelos, 21,38.58; 4.º Alcides Petiz, 21,38.68; 5.º Luis Almeida, 21,39.57; 6.º Fernando Santos, 21,40.48; 7.º Ferreira dos Santos, 21,41.11; 8.º Ferreira da Silva, 21,49.09; 9.º António Salvador - 21,49.74; 10.º Manuel Santos, 21,59.45.

**Grupo A acima de 1300 cc:** 1.º Sidónio Cabanelas (BMW 635 CSI), 30,36.64, à média de 141.422 k/h; 2.º Rufino Fontes (Alfa Romeo GTV 6), 30,59.46; 3.º José Peres (BMW 635 CSI), 30,00.23 a 1 volta; 3.º Gonçalo Figueiredo (BMW 528i), 30,38.88 a 1 volta; 5.º Jorge Correia (Ford Capri), 30,40.43 a 2 voltas.

## Xira-Cup: o adeus

O Desportivo de Portugal conquistou o título de juniores masculinos da Segunda Xira Cup em Andebol, ao derrotar na final (18-15) os dinamarqueses do Gladsaxe. Outros dois dos cinco títulos em disputa foram para equipas portuguesas: a selecção do Porto venceu em juvenis masculinos e o Passos Manuel em iniciados. No sector feminino (em juniores e juvenis) a selecção da Flandres (França) averbou uma dupla vitória.

Resultados das finais no sector masculino, juniores: Desportivo de Portugal - Gladsaxe (Dinamarca), 18-15; juvenis: selecção do Porto - Passos Manuel, 7-6; iniciados: Passos Manuel - Francisco Lobo, 14-13. Sector feminino, juniores: Selecção da Flandres - Selecção do Porto, 12-11; e juvenis: Selecção da Flandres - Gladsaxe, 11-9.

Classificação geral, em juniores masculinos: 1.º, D. de Portugal; 2.º, Gladsaxe; 3.º, Herlev (Dinamarca); 4.º, Selecção da Flandres; 5.º, Niagara de Olive-

las; 6.º, Comércio e Indústria 7.º, Kul (Bélgica); e 8.º, Desportivo de Runa. Juniores femininos: 1.º, Sel. de Flandres; 2.º, Gladsaxe; 3.º, Roque Gameiro; 4.º, Herlev (Dinamarca); 5.º, S. Bernardo; 6.º, U. D. Vilafrankense; 7.º, Niagara de Odiveiras; e 8.º, Passos Manuel. Juvenis masculinos: 1.º, Sel. do Porto; 2.º, Passos Manuel; 3.º, Pedro Nunes; 4.º, Sel. da Flandres; 5.º, D. de Portugal; 6.º, U. de Leiria; 7.º, S. Loures; e 8.º, Sel. da Flandres «B». Juvenis femininos: 1.º, Sel. da Flandres; 2.º, Gladsaxe; 3.º, Sel. do Porto; 4.º, CCFR Lobo; 5.º, E. S. de Alverca; e 6.º, C. P. de Muge. Iniciados masculinos: 1.º, Passos Manuel; 2.º, CCFR Lobo; 3.º, Sel. de Lisboa; 4.º, Pedro Nunes; 5.º, União de Leiria; 6.º, Olivais e Moscavide; 7.º, U. D. Vilafrankense; 8.º, S. M. da Correia; e 9.º, Bairro Olais.

Uma bela iniciativa da secção de andebol do União Desportivo Vilafrankense a que a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira fica indelevelmente associada.

## crítica de teatro

## As rãs no labirinto

«O HOMEM NO LABIRINTO», espectáculo multimedia (teatro, vídeo, música), de Jean Clarence Lambert. Música: Jean Yves Bosseur. Vídeo: Michel Moy. Participação: Martine Laisne, Jean de Coninck, Jean Loup Philippe, Djemil Geyres. Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte (Centro de Arte Moderna). Estreia: Anfiteatro ao Ar Livre, 4/6/1984.

Nem toda a gente sabe que uma das coisas mais bonitas desta cidade, em que as coisas bonitas estão a desaparecer rapidamente, são os concertos nocturnos das rãs do lago da Fundação Gulbenkian. Infelizmente, para apreciar esses concertos é preciso que se realize um espectáculo que permita a entrada no recinto. Pensava nisto e no que nos tinha acontecido, bem como a amigos que nós acompanhávamos, quando numa noite de Verão já

distante (ainda as estrelas brilhavam), nos preparávamos para assistir a um desses concertos mágicos e gratuitos, pensava nisto ao voltar a ouvir o concerto das rãs da Gulbenkian, lamentando que uns senhores e umas senhoras que tocavam, cantavam e representavam (era essa a ideia), nos impedissem de apreciar o concerto labirintico que se ouvia para além do labirinto proposto.

A história é conhecida. Um senhor francês, chamado quem nada

tenho, veio a Lisboa fazer a estreia mundial de um espectáculo integrado no Festival do Labirinto organizado pelo CAM. Ciente do labirinto em que estamos metidos, nada tenho contra a ideia e até apreciei alguns quadros da exposição respectiva, bem como teria apreciado alguns dos filmes projectados se tivesse vagar para eles.

Mas o espectáculo multimedia e tudo, meus senhores! Essa não! O arq. Pedro Vieira de Almeida até já fez neste jornal (18-7-1984) uma pertinente análise do espectáculo de Lambert que só não subscrovo inteiramente porque o articulista de «Labirintos-Labirintos» (bem achado) foi demasiado amável para com uma função que merece uma pateada mais franca. Pois este espectáculo que nos honrou com a sua pre-

sença não é mais do que uma manifestação daquele pretensionista espírito francês que está convencido que os outros povos da Europa são formados por pacóvios.

É claro que não convém dar a isto mais do que a importância que tem: esqueçamo-lo.

Seria no entanto injusto esquecer a qualidade técnica da reprodução das vozes através de microfones-emissores que permitiram que o texto chegasse até nós de forma perfeita, lamentando apenas que isso pouco adiantasse devido à falta de interesse desse texto. Uma palavra também para a eficácia das luzes dirigidas por Orlando Worm. E por fim uma palavra para a música, por momentos, único motivo de interesse de um espectáculo bem pouco interessante.

## Manzanares e Emileo Muñoz figuras de luxo no cartel da corrida da Imprensa

Larga expectativa — mesmo excitação — rodeia desde já a Corrida da Imprensa entre os aficionados portugueses.

Corrida cuja edição/84 terá lugar da arena do Campo Pequeno na noite de 2 de Agosto (quinta-feira próxima) pelas 22 horas.

Quanto à expectativa, justifica-se plenamente desde que digamos que tal espectáculo — habitualmente memorável — se pode-

rá transformar numa das mais célebres noites de toureio de que há memória através das actuações desses dois excepcionais «maestros» de arte requintada que dão pelos nomes de José Mari Manzanares e Emileo Muñoz, das mais destacadas figuras da actualidade nas praças de todo o mundo onde se pratica o toureio.

Manzanares, pelo seu preço e pela sua inacessibilidade, não foi, no decurso da sua carreira, nome frequente nas nossas praças de toiros. Revelado a Portugal exactamente através da Corrida da Imprensa, assinou em Lisboa uma actuação histórica nessa noite de apresentação quando já era nome de destaque mundial. Depois, se não erramos, participou apenas num festival de beneficência em que luziu uma vez mais a sua arte de primeira água e regressa agora para honrar uma corrida já de prestígio internacional.

Quanto a Emileo Muñoz, a celebridade rodeia-o desde que, com sete anos, se apresentou nas praças de toiros andaluzas e se revelou um autêntico prodígio da tauromaquia tendo como precedente único, «Gallito», o maior de todos em toda a história da tauromaquia.

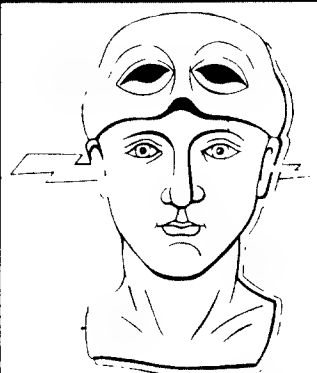
O menino-prodígio ao contrário do que é habitual, não se pulverizou mal cresceu. Transformou-se numa grande figura do seu mundo, requintando uma arte pessoalíssima e de expressão elevadíssima.

Com toiros de Rui Gonçalves — a ganaderia dos éxitos — aquelas duas grandes figuras mundiais actuarão em Lisboa com dois esplêndidos cultores do toureio à portuguesa: com esse grande clássico que é Luís Miguel da Veiga e com a grande revelação que é Afonso Lopes.

Os forçados em praça serão os amadores de Montemor, um dos «históricos» do toureio português.



José Mari Manzanares



## Filhos de um Deus menor

Mark Medoff

Teatro Trindade Inatel

Terça a Sábado as 21.30 horas  
Domingo as 16 horas  
Estreia a 12 de Julho 1984



Telefone: 320000

Encenação: MARIO FELICIANO  
Cenografia: JOSE CUNHA  
Figuras: VERA CASTRO  
Música: CONSTANCA CAPEVILLE  
Luminotécnica: ORLANDO WORM

Subsídios: Ministério da Cultura  
Fundação Calouste Gulbenkian

Patrocinus: Associação Portuguesa de Seguros  
Tabacaria  
Petrogal

Apoio: Rádio Comercial / T.S.F. Som & Imagem

se7e J1 o jornal

Com: ÂNGELA PINTO  
BAPTISTA FERNANDES  
FERNANDO JOSÉ OLIVEIRA  
JOÃO PERRY  
MARGARIDA ROSA RODRIGUES  
MARIANA REY MONTEIRO  
TERESA MADRUGA

Ensino de Linguagem Gestual  
ANA CRISTINA  
ARTUR JORGE  
Colaboração Especial  
Linguística  
ISABEL PRATA  
Terapia da Fala  
CONCEIÇÃO TORRADO

## Hoje



A RTP-1 transmite algumas provas dos Jogos Olímpicos de Los Angeles

- 15.02 Jogos Olímpicos — sumário (em diferido, um balanço da jornada de ontem), natação (em diferido) e ginástica (em diferido).  
18.45 Teleregiões  
19.05 «A Balada de Hill Street»  
20.00 Telejornal  
20.30 Tempo de Antena — PS.  
20.40 «O Bem-Amado» — episódio n.º 94.  
21.25 O Exemplo da Califórnia  
22.25 Jogos Olímpicos — sumário (em directo, um balanço da jornada do dia).  
00.00 Últimas Notícias



A RTP-2 exhibe mais um episódio da telenovela «Guerra dos Sexos»

- 18.47 Jogos Olímpicos — ginástica (em directo) e luta (em directo).  
22.30 «Guerra dos Sexos» — episódio n.º 69.  
23.15 Jornal da Noite.

## Amanhã



15.02: Jogos Olímpicos; 18.45: Teleregiões; 19.00: A Guerra Civil de Espanha; 20.00: Telejornal; 20.30: «O Bem-Amado»; 21.05: «Q. E. D.»; 22.05: Danças e Cantares; 22.20: Jogos Olímpicos; 00.00: Últimas Notícias

18.47: Jogos Olímpicos; 22.30: «Guerra dos Sexos»; 23.15: Jornal da Noite

**GRUNDIG**  
a segurança de um grande nome  
seleccionou para si...



Jogos Olímpicos  
(22.25)



«Guerra dos Sexos»  
(22.30)

## O BEM-AMADO!!

Dona Ana diz ao seu filho Emiliano que chegou um pouco atrasado porque Anita já se livrou desse caso por o rapaz não ter morrido. Percebendo que está tudo calmo, Emiliano está decidido a ficar para sempre na casa dos pais. Deixando Dirceu apalermado, Anita aceita ir almoçar na companhia de Nandinho. Teima acaba por o abraçar e continuando a mentir, Neco adianta que o Rio se rendeu a Sucupira.

Com uma arma escondida no bolso, Quelé obriga Juarez a entrar no carro de Odorico. Assustada, Chiquinha assiste a tudo e está decidida a contar a Teima. Ao saber do que se passou com Juarez, Teima pergunta ao pai onde é que Quelé o levou. Sem se impressionar, Odorico diz à filha que nada sabe.

Assistência Técnica Grundig  
**NACIONAL RÁDIO**

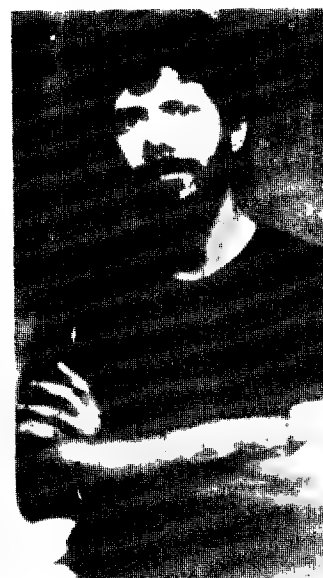
Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



# roteiro cultural



Um dos trabalhos de Henrique Pousão em exposição nas Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian.



Egberto Gismonti esta noite ao vivo no Convento dos Capuchos.

## Exposições

Centenas de trabalhos do pintor português **Henrique Pousão** estão patentes ao público nas Galerias de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian. A mostra é uma iniciativa conjunta da Fundação Gulbenkian e da Fundação da Casa de Bragança.

Na Galeria Almada Negreiros, no Ministério da Cultura, está presente ao público uma mostra de trabalhos do arquitecto **Álvaro Siza** cujo tema é «Arquitectura e renovação urbana em Portugal».

Trabalhos de **Manuel Car-galeiro**, 25 pinturas a óleo sobre tela, podem ser vistas nas Galerias das Exposições Temporárias da Fundação Gulben-

kian, em Lisboa.

No Museu Nacional de Arte Antiga, à R. das Janelas Verdes, continua aberta ao público uma exposição temporária constituída pelo **Legado Barros e Sá**.

«O Brinquedo português — do pós-guerra ao plástico» é o tema de uma exposição patente ao público no Museu Nacional do Traje.

Na Galeria de Arte do Casino do Estoril continua patente ao público uma exposição de pintura da autoria de **Jaime Murteira**. A mostra pode ser vista até ao próximo dia 5 de Agosto.

«Terra do Não Ser» é o tema de uma exposição de trabalhos de **Adérito Amor** patente ao público na Sala Tropical do Hotel Palácio do Estoril.

Desenhos e aquarelas de **Marques Cruz** podem ser vistos até ao dia 2 de Agosto na Galeria Diagonal, ao Hotel Cidadela, em Cascais.

Uma exposição de pintura de **Luisa Correia Pereira**, «Os Azuis» continua patente ao público na Galeria Alfaro, à Travessa Visconde da Luz, 7, em Cascais.

«... do outro lado do espelho» é o título de uma **exposição de pintura e escultura** de vários artistas portugueses presente ao público no Módulo-Centro Difusor de Arte, à Avenida da Boavista, 854, Porto.

Uma mostra colectiva de **pintura, desenho e fotografia**, intitulada «Tendências Actuais», continua patente na Galeria do Shopping Center Itália, no Porto.

«Uma bica com Fernando» (Pessoa) é a proposta de **Vasco**, numa exposição que estará aberta ao público até ao dia 10 de Agosto na Galeria Quarto Crescente, em Portimão.

Ainda no Algarve, mas no Hotel Montechoro, continua patente uma **colectiva de pintura** com trabalhos de, entre outros, Catarina Castelo Branco, Espiga Pinto, Mário Botas e Rui Filipe.

No Museu de José Malhoa, nas Caldas da Rainha, continua a decorrer uma homenagem a **Rafael Bordalo Pinheiro** através de duas exposições «Azulejos e Jardins das Estações Portuguesas» e «A Arte do Barro nas Caldas».

O **Centro Histórico de Setúbal** é o tema de uma exposição patente ao público na sala

de exposições de Setúbal (ex-Café Central) até final do próximo mês de Agosto.

## Teatros

Na comemoração do seu 20.º aniversário, a **Companhia Teatro Estúdio de Lisboa** leva à cena até ao próximo dia 5 de Agosto a peça de Luzia Martins «Quando a Banda Tocar». Mais uma oportunidade para ver um bom trabalho no Teatro Vasco Santana, mesmo ao lado da Feira Popular.

O **Teatro do Mundo** continua a apresentar o seu mais recente espectáculo «A Troca», de Paul Claudel, com interpretações de Manuela de Freitas, Fernanda Neves, Carlos Carvalho e Carlos Medeiros. A

função decorre na Igreja Nossa Senhora dos Cardeais, R. do Século, 123 (ao Príncipe Real) e pode ser vista todas as noites, excepto às quartas-feiras pela 21.30 h.

Esta noite, pelas 21.30, na Ribeira de Santarém, a **Companhia de Teatro de Santarém** apresenta a sua mais recente produção «Maria Emília».

No Porto, a **Seiva Trupe** leva à cena o seu terceiro espectáculo da temporada, «Mistério Cómico», baseado em textos de Dario Fo. Este espectáculo marca o reaparecimento do actor Júlio Cardoso que nos últimos anos se tem dedicado à encenação. Para dirigir esta peça o grupo português convidou o encenador argentino Júlio Castronuovo.

## Música

Na Igreja dos Salesianos, no Estoril, pelas 21.30 h, prossegue esta noite o **X festival de Música da Costa do Estoril** com um concerto da Orquestra de Câmara do Festival, conduzida por Álvaro Salazar e tendo como solista à guitarra Paulo Freitas. Do programa destaca-se para a interpretação de obras de Pires, Carulli, Corelli e Janáček.

Música Contemporânea Brasileira, com **Egberto Gismonti** e **Nana Vasconcelos** é o espectáculo que se realiza esta noite, pelas 21.30 h no Convento dos Capuchos, no âmbito do 4.º Festival de Música do Convento dos Capuchos.

Esta noite, às 21.30 h, no Mosteiro de Alcobaça haverá um concerto de Música Antiga com o grupo **La Batalla**, sob a direcção de Pedro Caldeira Cabral.

## TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DO PORTO 6.º JUÍZO ANÚNCIO

Proc. 6525

1.º Sec.

FAZ SABER que, nos autos de execução sumária, registados sob o n.º 6525, a correr seus termos pela 1.ª Secção deste Tribunal, em que é exequente, Silva Dias e Dias, Lda., com sede na R. D. Afonso Henriques, 1133 - Águas Santas - Maia, e executada, Hermenegildo A. Gonçalves Lda., que teve a sua última sede conhecida, na R. da Madalena, 133-3.ª Lisboa, e actualmente com sede em parte incerta, correm editos de trinta dias, contados a partir da 2.ª e última publicação do anúncio, citando a mencionada executada, para no prazo de cinco dias, finda que seja a diliação dos editos, deduzir oposição à execução, pagar à exequente a quantia de esc. 94 234\$00, de juros de mora vencidos à taxa legal de 6 por cento ao ano, de 28/2/82, até à data da propositura da acção, bem como os juros vencidos à taxa de 6 por cento ao ano, sobre o capital em dívida de esc. 88 900\$00, até efectivo e integral pagamento, custas e demais legal, ou nomear bens à penhora suficientes para garantir tal pagamento, sob pena de tal direito, se devolver ao exequente, independentemente de despacho, tudo conforme melhor consta do duplicado do requerimento inicial, que se encontra nesta secretaria, à disposição da citanda logo que o solicitante

Porto, 20 de Julho de 1984

O Juiz de Direito,  
a) Afonso Moreira Correia

A Escriçãoária,  
a) (assinatura ilegível)

«D.L.» - 30/7/84 - 1.º Pub.

## rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 18.00: A gaita dos sete toles; 19.00: Informação e música; 20.00: Musical; 20.25: No estúdio e no estúdio; 20.35: Música portuguesa; 21.00: Marrocos, tão perto e tão longe; 21.30: Noites de luar. Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

16.10: Sonata n.º 17, em ré menor, para piano, de Beethoven; 16.35: Sinfonia, em ré menor, de César Franck; 17.20: Trio, em si bemol maior, de Schubert; 18.05: A obra para órgão de Buxtehude; 18.30: «O Profeta», de Kalil Gibran; 19.00: Terra viva, planeta azul; 19.30: Concerto para violoncelo; 20.05: Excertos sinfónicos da ópera «Lulu»; 20.25: O canto e os seus intérpretes; 21.25: Transmissão directa de um concerto realizado nas Ruínas do Carmo, em Lisboa, pela Orquestra Sinfónica da RDP; 23.30: O Festival da Holanda 1983; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora

RÁDIO COMERCIAL

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Programa do Sport Lisboa e Benfica; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca (2 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Desporto; 23.00: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RF-OM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Um programa de José Ramos; 21.00: Jazzotone; 22.00: Café concerto. Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Clube da casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terceiro; 19.30: Horizonte; 20.30: Programa da LAR; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Ouvir e pensar; 22.00: Quando o telefone toca; 23.00: Diário 23; 23.40: Bola branca (3.ª edição); 23.55: Meditando

Rede Sul de FM

21.00: Paju; 21.30: Pentagrama

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: A Universidade na Rádio; 22.57: Boa noite; 23.00: A cor do som; 01.00: As superestrelas do FM. Noticiários a todas as horas

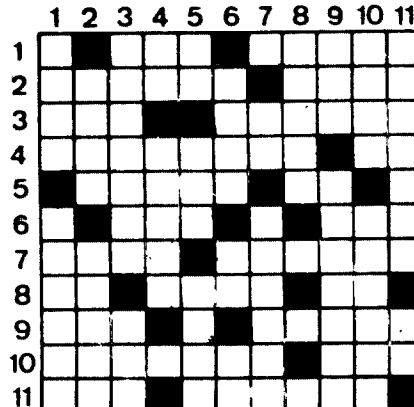
Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

## palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 098

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Animal doméstico. Cobarde.
- Ameno. Encolheriza.
- Arvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Explosivos.
- Artifice. Nota musical.
- Demónio. Sua Majestade.
- Tanto. Patrao.
- Acreditar. Erva para alimento do gado (pl).
- Alternativa. Antepassados Reis.
- Rio de Portugal. Freguesia do concelho de Penafiel.
- Ingresso. Embarcação grande.
- Triture. Peixes do Brasil.



VERTICAIS:

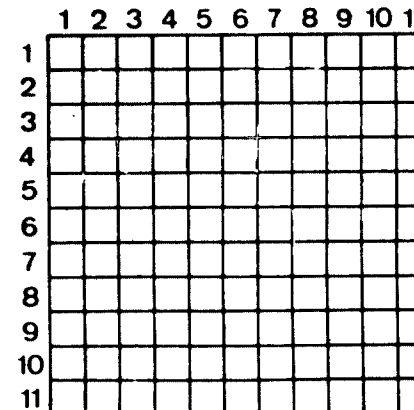
- Fadiga. Vão em socorro de alguém.
- Limpa. O mesmo que ruão.
- Nome de mulher. Freguesia do concelho de Alenquer.
- Artigo definido. Saira frequentemente à rua.
- Ondas curtas. Anel. Caminhos.
- Edifício. Rio de Itália. Quinhentos e um em romano.
- Flauta chinesa de três buracos (inv). Rio de Portugal.
- Apelido.
- Grande árvore da Índia. Mulher respeitável.
- Amanha (ant). Insectos.
- Relativo a oásis (pl). Ouro (s. q).

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o proverbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9948

HORIZONTAIS:

- Caldeirada de sumo de cana de açúcar. Jesus Cristo (abrev).
- Aldeia de índios do Brasil. Fisga.
- Emissão de voz. Indignar.
- Pessoa magra. Lê.
- Duna na Suécia. Tornos aquoso.
- Vila e concelho do distrito de Portalegre. Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas.
- O mesmo que uma (ant. e pop). Acreditar.
- Burlão. Prefixo de negação.
- Remoinhos na água. Freguesia do concelho de Arouca.
- Sentis prazer. Tempo do verbo ir.
- Gênero de palmeiras do Brasil. Fora!



VERTICAIS:

- Uma das ilhas Comores. Arbusto africano trepador.
- Era cristã. Atentou contra o pudor de
- Afrouxai. Povo antropófago que atingiu o Gabão e chegou até ao Congo
- Perfumes. Voz para fazer recuar os bois jungidos.
- Nome de jogo. Nome antigo da nota musical dó. Clima.
- Quebrar.
- Ódio. Pronome reflexo.
- Enrolou.
- Deus dos pastores. Título honorífico na Índia (inv). Esteiro.
- Liga das meias
- Cobalto (s. q). O mesmo que sarmento

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 097

HORIZONTAIS

- A. OCASIAO.
- Ra. Avls. La.
- Riamos. Ocar
- Ur. Asta. Adi
- Lear. Arrá.
- Cas. Aa.
- Apodaria. Op.
- Eramos.
- Asoto. Ode
- Al. Ratadas.
- Zurca. Amara.

VERTICAIS

- Arrulha. FAZ.
- Aire. Pé.
- Açora.
- Camadas
- Avos Samora.
- Sisto Rota
- Si. Risota
- Am.
- O Cara Sosa
- Mar. As. Tal
- LADRAO Dar
- Caria. Presa

Proverbio. A ocasião faz o ladrão

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9947

HORIZONTAIS

- Dinamarca.
- Avaro. Tau.
- Lo. Ricos
- Az. Ac
- Singapura.
- Cá. Niari. Ab
- Chancas.
- Rainhos. CC
- Mar. As. Tal
- Civa. Coso.
- Amasso. Umas

VERTICAIS

- Dalmácia. Ca.
- Mim
- Na. As Crava
- Avizinhara.
- Ma. Nial
- Areganhado
- Roi. Arcos.
- Copias. Cu.
- Ato. Tom
- Asara. Casa
- Uu. Caboclos.

## COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

|                                 |         |         |
|---------------------------------|---------|---------|
| ÁFRICA DO SUL (rand)            | 80\$20  | 86\$20  |
| ALEMANHA FED (marco)            | 51\$30  | 52\$40  |
| AUSTRIA (xelim)                 | 7\$20   | 7\$40   |
| BÉLGICA (franco)                | 2\$374  | 2\$574  |
| BRAZIL (cruzeiro)               | 304\$   | 307\$   |
| CANADA (dólar — notas de 1 a 2) | 112\$30 | 114\$30 |
| (notas de 5 a 1000)             | 112\$80 | 114\$80 |
| DINAMARCA (coroa)               | 14\$05  | 14\$45  |
| ESPAÑA (peseta)                 | 8\$69   | 8\$89   |
| EUA (dólar — notas de 1 a 2)    | 147\$55 | 149\$55 |
| (notas de 5 a 1000)             | 148\$05 | 150\$05 |
| FINLÂNDIA (marka)               | 24\$35  | 24\$95  |
| FRANÇA (franco)                 | 16\$70  | 17\$40  |
| HOLANDA (florim)                | 4\$545  | 4\$645  |
| IRLÂNDIA (libra)                | 158\$30 | 162\$30 |
| ITALIA (lira)                   | 307\$   | 308\$   |
| JAPÃO (iene)                    | \$577   | \$612   |
| NORUEGA (coroa)                 | 17\$80  | 18\$30  |
| REINO UNIDO (libra)             | 194\$25 | 198\$25 |
| SUÉCIA (coroa)                  | 17\$65  | 18\$25  |
| SUIÇA (franco)                  | 60\$10  | 61\$20  |
| VENEZUELA (bolívar)             | 8\$75   | 9\$75   |

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

## cartaz de cinemas e teatros

## ALVALADE 897480

Av. de Roma

Estreia às 14, 16.30, 19 e 21.30  
- M. 12 a.  
**A DESONRA**

## ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila 92A

Às 14.45, 17, 19.10 e 21.45  
- M. 12 a.  
Festival Cantinflas  
**CANTINFLAS O POLÍCIA 777**  
3.ª Semana

## AVIS 547153

Av. Duque de Ávila 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30  
- N. ac. men. 18 a.  
**O RALI DAS GOZONAS**

## BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30  
- N. ac. men. 12 a.  
**A EPOPEIA DO IMPÉRIO**  
2.ª Semana

## CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30  
- Para Todos  
**O HERÓI DO REGIMENTO**

## CASTIL 530194

R. Estúdio

Às 15.30, 18.30 e 21.30  
- N. ac. men. 13 a.  
**BALBÚRDIA NO OESTE**

## CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30  
- M. 12 a.  
**LAÇOS DE TERNURA**  
Às 24  
**AFRODITE**

## CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto 15

Às 14, 16.30, 19 e 21.30  
- N. ac. men. 13 a.  
**TUNICA (1.ª Parte)**

## CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30  
- N. ac. men. 18 a.  
**SONATA DE OUTONO**  
Às 24 - Int. men. 13 a.  
**OS EXECUTORES**

## CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 16 a.  
**OS COMANDOS DA NOITE**

## CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30, 18.30 e 21.30  
- M. 12 a.  
**OPÇÃO FINAL**

## CONDES 322573

Av. da Liberdade 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30  
- M. 6 a.  
**EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA**  
2.ª Semana

## 2000 2100055

Av. B. Voluntários, 113 4

Às 15.30 e 21.30 - Int. men. 12 a.  
**OS MARGINAIS**

## EDEN 320768

P. Restauradores 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30  
- M. 16 a.  
**VIVA DJANGO**

## ESTÚDIO 555134

Al. Afonso Henriques 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h  
- N. ac. men. 13 anos  
**OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS**  
106.ª Semana

## ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30, 21.30 e 24  
- Mai. 16 anos  
**IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER**  
6.ª Semana

## HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24  
- M. 12 a.  
**INFIELMENTE TUA**

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45  
- M. 16 a.  
**EM BUSCA DA ESMERALDA PERDIDA**

## IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques 35

Às 14.45, 18.15 e 21.30  
- M. 12 a.  
**LAWRENCE DA ARÁBIA**  
2.ª Semana

## LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 - N. ac. men. 13 a.  
**OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS**

## MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral 37

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30  
- M. 13 a.  
**O GRANDE FILÃO**  
Às 24 - Int. men. 18 a.  
**A BRECHA**

## NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro 42-B

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30  
- M. 12 anos  
**QUE PARÓDIA DE FÉRIAS**

## ODEON 328263/4

R. dos Condes 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30  
- M. 18 a.  
**VALE TUDO... ATÉ ISSO**  
2.ª Semana

## PATHE 821933

R. Francisco Sanches 122

Às 14.00, 16.30 e 21.30  
- Int. men. 13 anos  
**FURACÃO NO ASFALTO**



Uma cena do filme «Identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

## POLITEAMA 326711

R. Portas S. Antão 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30  
- Int. men. 18 a.  
**AS CONFIDÊNCIAS DUM LEITO MUITO ACOLHEDOR**

## QUARTETO 771378

R. Flores de Lima 16

SALA 1  
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15  
**BEM-VINDO A TERRA PROMETIDA**  
Às 23.30 - M. 18 a.  
**MULHERES APAIXONADAS**

SALA 2  
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15  
- M. 12 a.  
**JOGO DE MÃO**  
Às 23.30 - M. 18 a.  
**RAGTIME**

SALA 3  
Às 15, 18 e 21 - Int. men. 13 a.  
**STALKER**  
Às 24 - M. 18 a.  
**OS OLHOS DA TESTEMUNHA**

SALA 4  
Às 14, 16.30, 19 e 21.30  
- M. 16 a.  
**IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER**  
Às 24 - M. 18 a.  
**BREAKING GLASS**

## QUINTETO 573407

R. Actor Taborda 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30  
- M. 6 a.  
**7 NOIVAS PARA SETE IRMÃOS**  
Às 24 - N. ac. men. 13 a.  
**OS JOVENS LEÕES**

## ROMA TEL. 727778

Av. de Roma 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30  
- M. 16 a.  
**VIVER DEPRESSA**

## ROXY 548560

Av. Amiralante Reis 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30  
- Int. men. 16 a.  
**NOITES DE PAIXÃO**

## SAO JORGE 579144/5/9344

Av. da Liberdade 175

SALA 1  
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30  
- M. de 12 anos  
**VIDAS EM JOGO**  
com Jeff Bridges  
Domesmo realizador de «Oficial e Cavaleiro»  
5.ª Semana

SALA 2  
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45  
- N. ac. men. 18 a.  
**LENNY**  
c/ Dustin Hoffman  
2.ª Semana

SALA 3  
Às 14, 16.15, 18.30 e 21.15  
- N. ac. men. 18 a.  
**OS CONTOS DE CANTERBURY**

## 7.ª ARTE 730715

Av. República, a E. Entre Campos, junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19, 21.45 e 23.45 horas  
(Maiores 18 anos)  
**MONTYPYTHON'S - O SENTIDO DA VIDA**  
17.ª Semana

## STAR 804710

Av. Guerra Junqueiro 141

Às 15, 18.15 e 21.30  
- N. ac. men. 13 a.  
**O MENSAGEIRO**

## TURISM 706666

E. de Benfica 723-A

Às 14, 17.30 e 21.30  
- M. 6 a.  
**MUSICA NO CORAÇÃO**

## VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30  
- N. ac. men. 18 a.  
**KRAMER CONTRA KRAMER**  
2.ª Semana

## XENON 368480

Av. da Liberdade 1

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30  
- N. ac. men. 18 a.  
**O INQUILINO**

## outros cinemas

## Lisboa

**OLÍMPIA** - «Do Sexo ao Crime», sessões permanentes (18 anos)  
**CAPITÓLIO** - «A Corneta Infernal», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

**MUNDIAL** - «Viver Depressa», às 21.30 (16 anos)  
**CITY-CINE** - «Taxi Driver», às 21.30 (18 anos)

**TERMINAL** - «Que Paródia de Férias», às 21.30 (16 anos)  
**LONDRES** - «Carmen», às 21.30 (12 anos)

**CINE-ESTÚDIO ACS** - «Os Malucos Contra os Gangsters», às 21.30 (6 anos)  
**ZODIACO** - «O Império dos Sentidos», às 21.30 (18 anos)

**ALFA-1** - «A Epopeia do Império», às 21.30 (12 anos)  
**ALFA-2** - «Lola», às 21.45 (13 anos)

**ALFA-3** - «Porky e Il», às 21.45 (16 anos)  
**TIVOLI** - «A Epopeia do Império», às 21.30 (12 anos)

**ALFA-CLUBE** - «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)  
**APOLO 70** - «Lola», às 21.30 (13 anos)

**RESTELO** - «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)  
**PROMOTORA** - «Mais Forte que Bruce Lee», às 21.30 (13 anos)

## Linha de Cascais

**SÃO JOÃO DO ESTORIL** - Cinelândia - «A Maldição da Pantera», às 21.15 (6 anos)

**ESTORIL** - Casino - «Os Comandos da Noite», às 21.15 (16 anos)

**CASCAIS** - Impala - «A Fúria do Herói», às 21.30 (16 anos)

**CASCAIS** - Oxford - «Safari 3000», às 21.30 (12 anos)

## Outra Banda

**ALMADA** - Cine-Estúdio - «Aeroporto», às 21.30 (13 anos)

**COSTA DE CAPARICA** - Slicine - «O Escorpião de Duas Caudas», às 21.30 (13 anos)

## ALMADA - Incrível - «A Guerra de Troia», às 21.15 (12 anos)

**ALMADA** - Academia - «Laços de Ternura», às 21.15 (12 anos)

## Linha de Sintra

**CACÉM** - Cine-Estúdio Flores - «O Regresso do Cavalo Negro», às 21.30 (6 anos)

## Porto

**VALE FORMOSO** - «Cruzeiro Sexual», às 21.45 (18 anos)

**OLÍMPIA** - «Profissão: Mulher», às 14.15, 16.15, 18.15 e 21.30 (18 anos)

**RIVOLI** - «Cavalgada Fantástica», às 21.30 (13 anos)

**COLISEU** - «Massacre de São Francisco», às 21.30 (16 anos)

**ESTÚDIO** - «Anjo ou Demónio», às 21.30 (13 anos)

**CHAPLIN** - «Fuga para a Felicidade», às 21.30 (18 anos)

**TERÇO** - «Um Violino no Telhado», às 21.30 (13 anos)

**Carlot** - «Outono Escaldante», às 21.30 (16 anos)

**AGUIA** - «Aconteceu no Oeste», às 21.30 (13 anos)

**BATALHA** - «A Conspiração de Londres», às 21.45 (12 anos)

**FOCO** - «Uma Cama para Três», às 21.30 (12 anos)

**PASSOS MANUEL** - «A Epopeia do Império», às 21.45 (18 anos)

**PEDRO CEM** - «Música no Coração», às 21.15 (6 anos)

**SÃO JOÃO** - «Oficial e Cavaleiro», às 21.45 (13 anos)

**BEBE** - «Fanny e Alexandre», às 21.30 (13 anos)

**JÚLIO DINIS** - «Emily», às 21.30 (18 anos)

**TRINDADE** - «Mulher em Chamas», às 21.45 (16 anos)

**LUMIÈRE-L** - «Star 80», às 21.45 (18 anos)

**LUMIÈRE-A** - «A Educação de Rita», às 21.45 (12 anos)

## Lisboa

## PERMANENTE

**ALFAMA**: Arnali, R. Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO** - RIO SECO: Dilena, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **ALVALADE**: Sanex, Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **ARCO DO CEGO**: Providência, R. D. Filipe de Vilhena, 9-C (T. 770324); **BENFICA** - PORTAS DE BENFICA: Benfica, E. de Benfica, 678-E (T. 702532); **CAMPO D'OURIQUE**: Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **LUMIAR** - QUINTA DAS MOURAS: Matos Viegas, Av. Rainha S. Amélia, 34-B (T. 794174); **MADRE DE DEUS**: Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (T. 362470); **MARQUÊS DE POMBAL**: Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA**: Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **PICHELEIRA**: Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, 140-B (T. 880703); **PRÍNCIPE REAL**: São Bento, Contança, P. das Flores, 59-60 (T. 670404); **ODIVELAS**: Nabais Vicente, R. A. lote 19-A, loja, Urbanização Codivel (T. 9816803); **PONTINHA**: Cruz Correia, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

## REFORÇO

**ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES**: Esperança, R. Carlos Mardel, 101-B (T. 882868); **ALCANTARA**: Bairro, R. Prior do Crato, 27 (T. 661321); **ANJOS**: AO CINEMA ROXY: Guerra, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **AVENIDA DE ROMA** - BAIRRO DE SÃO MIGUEL: São Miguel, P. Francisco Moraes, 1 (T. 771469); **BAIXA**: Morão, R. da Asunção, 17-19 (T. 660700); **ENCOSTA DO RESTELO** - ESCOLA PAULA VICENTE: Belém, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **ENCARNACÃO**: Zira, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **ES-TADOS UNIDOS**: Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890463); **LAPA**: Central da Lapa, R. dos Navegantes,

10 (T. 661734); **LUZ** - 2.ª CIRCULAR: J. Ribeiro, E. da Luz, 199-A (T. 720969); **SÃO SEBASTIÃO**: Sagres, Av. Luis Bivar, 69-71 (T. 547213); **BRANDOA** - AMADORA: Correia, Urbanização Al-fornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **BURACA** - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO**: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO**: Matos, T. das Prioras (T. 794174).

## Outra banda

**ALMADA**: Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE**: Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254). Permanente; **COSTA DE CAPARICA**: Higienica, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO**: Oliveira Sérgio, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SE-SIMBRA**: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **LAVRADIO**: J. Consoledo, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO**: Macarenhas Neto, R. D. Francisco Azambuja (T. 2074446). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA**: Cardoso, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS**: Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA**: Duarte Ramos, R. de Bafatá, 11, loja 30; **SEIXAL**: Alves Velho, L. de Camões, 27, Torre da Marinha (T. 221132). Até às 22 horas; **MON-TIJO**: Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T. 231008). Até às 22 horas; **MOITA**: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS**: Guzmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCO-CHETE**: Gamelino, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL**: Mira, P. Jorge AF (T. 20427); **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Permanente; **Soromenho**, R. Machado Santos, 24 (T. 22691). Até às 22 horas.

## Linha de Cascais

**ALGÉS**: Branco, Av. Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA**: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 2191235). Até às 19 horas; **TIRES**: Guimarães, L. D. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHES**: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO**: Pereira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS**: Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (T. 242839). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA**: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS**: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Permanente; **CARCAVELOS**: Central, R. 5 de Outubro 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, Av. de Sabóia, 29 (T. 260085). Até às 22 horas; **PARADEIA**: Macau, R. José Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SASSOEIROS**: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE**: Imanil, MA-DORNA: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AM**

**DL**

PORTO PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:  
**RENASÇENÇA GRÁFICA, SARL**  
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:  
**RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA**  
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3  
Publicidade: 368740  
Serviço de noite (depois das 21):  
Porteiro 321154  
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82  
Endereço Telegráfico DIBOA  
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL  
**DELEGAÇÃO DO PORTO**  
Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO  
Telefones: 20954/5  
Distribuição: INTERPRESS  
Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA  
Telefones: 322100-322204-320784



| MARÉS DE HOJE                     |       |       |       |
|-----------------------------------|-------|-------|-------|
| PREIA-MAR BAIXA-MAR               |       |       |       |
| 4.24                              | 4.0 m | 9.54  | 0.8 m |
| 16.39                             | 4.3 m | 22.27 | 0.6 m |
| Dia 31                            |       |       |       |
| 5.08                              | 4.0 m | 10.39 | 0.8 m |
| 17.22                             | 4.3 m | 23.13 | 0.7 m |
| TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS: |       |       |       |
| VIANA DO CASTELO                  | 13°   |       |       |
| BRAGANÇA                          | 18°   |       |       |
| VILA REAL                         | 18°   |       |       |
| PORTO                             | 16°   |       |       |
| COIMBRA                           | 16°   |       |       |
| CABO CARVOEIRO                    | 17°   |       |       |
| PORTALEGRE                        | 21°   |       |       |
| LISBOA                            | 18°   |       |       |
| EVORA                             | 17°   |       |       |
| BEJA                              | 17°   |       |       |
| FARO                              | 23°   |       |       |
| SAGRES                            | 18°   |       |       |
| PONTA DELGADA                     | 20°   |       |       |
| FUNCHAL                           | 19°   |       |       |

Com quatro portugueses a bordo

## Avião desviado aterrou esta madrugada nas Antilhas Holandesas

O avião venezuelano desviado ontem aterrou às primeiras horas de hoje na ilha de Aruba, nas Antilhas Holandesas, na segunda escala de uma viagem forçada para os cinco tripulantes e 82 passageiros, entre os quais se encontram quatro cidadãos portugueses.

O aparelho, um DC-9 da companhia comercial Aeropostal, foi desviado por quatro homens quando efectuava um voo de Caracas para Curaçao, uma ilha das Antilhas, rumando de seguida para Port of Spain, na Trinidad, onde as autoridades se recusaram a negociar. Como resgates do aparelho, passageiros e tripulação, os piratas do ar

exigem o fornecimento de material de guerra no valor de dois milhões de dólares, exigência a que entretanto juntaram uma soma de dinheiro, de montante não divulgado, e um helicóptero. Estas exigências não foram, até

ao momento, satisfeitas pelas autoridades venezuelanas que, nos últimos 20 anos, sempre se recusaram a ceder aos pedidos dos 12 piratas do ar que desviaram aparelhos do seu país. Continua assim de pé a ameaça de

fazerem explodir o aparelho.

Entretanto, o Governo venezuelano decidiu enviar a Aruba, cerca de 30 quilómetros ao Norte da costa da Venezuela, uma equipa de negociadores para contactar com os assaltantes, mas anunciou já que rejeitava o pedido de fornecimento de material de guerra por ser «inaceitável». Fontes do aeroporto de Caracas informaram, por seu lado, que estão preparados três aviões para partir com rumo a Aruba levando a bordo os referidos negociadores e um grupo de agentes da polícia, especializados em acções de luta contra a guerrilha.

### Identificação dos quatro portugueses

É a seguinte a identificação dos quatro cidadãos portugueses que se encontram a bordo do «DC-9» desviado: Félix de Sousa, Maria Vieira, Maria da Luz e José Castro. Para além dos nossos concidadãos, estão no aparelho 52 holandeses, 13 venezuelanos, quatro argentinos, quatro norte-americanos, três libaneses, um haitiano e um natural da República Dominicana. Todos estes reféns, mais os cinco tripulantes do aparelho, foram entretanto ameaçados de morte pelos piratas do ar.

Envolvendo Portugal e Espanha

## Novas complicações para adesão à CEE

Portugal e Espanha poderão ver a adesão à CEE comprometida caso não se resolva a crise orçamental da Grã-Bretanha — considerou ontem a agência espanhola EFE, com base em fontes ligadas aos problemas comunitários.

Após a decisão do Parlamento Europeu de exigir ao primeiro-ministro britânico, Margaret Thatcher, a devolução do equivalente a 90 milhões de contos, referente a contribuições excessivas em 1983, Londres poderá rescindir, no próximo ano, da ratificação do aumento de recursos próprios da Comunidade e comprometer a adesão de

novos membros — adianta a agência EFE.

A possibilidade, segundo os especialistas não é assim tão remota, já que, os acordos de Fontainebleau comportavam o aumento de recursos próprios da CEE a partir de 1986 e também mecanismos de compensação favoráveis a contribuintes líquidos, como a Grã-Bretanha.

Se Bruxelas não respeitar este segundo ponto das negociações de Fontainebleau, Londres poderá contar com o primeiro e os cofres comunitários ver-se-ão impossibilitados de financiar os dois novos membros.

Eanes com remadores em Ferreira do Zêzere

## Uma tarde a pensar na juventude e nas potencialidades do interior

Os participantes dos campeonatos de remo organizados ontem em Ferreira do Zêzere, na Barragem do Castelo do Bode, tiveram com eles um espectador muito especial — o Presidente da República — que ali passou uma tarde assistindo às provas, num convívio bastante informal com desportistas e jovens adeptos de uma modalidade bastante esquecida mas que, em tempos não muito remotos ainda, deu grandes vitórias internacionais ao desporto português.

Estavam presentes os principais clubes da modalidade e muito público nas margens da Barragem. A presença de Ramalho Eanes foi uma surpresa e foi assinalada com efusivas manifestações de simpatia.

### As potencialidades do interior

Eanes, que havia aceite o convite do presidente social-democrata da Câmara de Ferreira do Zêzere e da Federação de Remo, almoçou com aquele autarca na Estalagem do Lago Azul e com outros convidados entre eles os presidentes das câmaras da Serpente e Vila de Rei e o general Pires Tavares, comandante da Região Militar Centro, que deu um importante apoio à organização, designadamente com o transporte dos barcos e a montagem de um conjunto de tendas do Exército para alojamento dos desportistas.

Apesar de não se tratar de uma visita oficial e do carácter informal que deu à sua visita, Eanes fez um pequeno impro-

viso no decorrer do almoço, chamando a atenção para as potencialidades do interior para a prática dos desportos, designadamente modalidades como esta.

Disse pensar, no entanto, que ainda há muito a explorar nesse campo, no interior, provocando uma harmonia de desenvolvimento que deve ser feito através da colaboração com o poder local e com as Forças Armadas que podem realizar tarefas que de outro modo seriam impossíveis.

Eanes considerou ainda a sua presença como um estímulo para a juventude que se entrega à prática dos desportos e a quem é preciso dar respostas, satisfazer as suas esperanças, criar projectos para o futuro.

### Um dia para a juventude

O Presidente que aqueles jovens desportistas viram ontem, que visitou o parque de campismo e por toda a parte recebe manifestações de simpatia e em mangas de camisa conversa amavelmente com as pessoas conseguiu esta coisa notável: dessacralizando o poder consegue estabelecer uma relação livre, franca e espontânea com as multidões que o acolhem de uma forma aberta e naturalmente calorosa, isenta de qualquer manifestação de subserviência perante o poder.

Neste tempo de constantes sondagens políticas, seguir os passos de Eanes, que chega discreto, sem polícias, sem es-

coltas e com reduzidas comitivas, é uma experiência que permite muitas conclusões.

Depois da visita ao parque de campismo Eanes, em mangas de camisa, tomou lugar numa embarcação da SANAS e andou longo tempo na barragem acompanhando de perto as provas no magnífico cenário da barragem.

Quando desembarcou e permanecendo ainda no pontão de atracação dos barcos para entregar uma taça a uma das tripulações vencedoras a banda dedicou-lhe música, as pessoas saudaram-no.

Já no momento da partida Eanes respondeu a algumas perguntas do «DL».

Explicou-nos que a sua deslocação fora só para assistir a estas provas. «Tive ocasião de dizer que o fazia por variadas razões, desde a razão fundamental da Federação Portuguesa de Remo ter tido a iniciativa de organizar uma prova no interior, o que para mim é significativo e também, em certa medida, ilustrativo daquilo que se pode fazer em proveito da juventude nesta área, desde que, naturalmente haja vontade e haja uma racionalização na utilização dos meios necessários que certamente não vão muito além dos meios disponíveis».

O senhor Presidente falou da juventude. Ligando isso com as recentes declarações a um jornal sueco revelando que não abandonaria a política, perguntar-lhe-ia se nas responsabilidades que a isso o obrigam, a juventude também está implicada, dada a falta de soluções

para os seus problemas?

— Isso é o que se chama dar uma série de voltas para levar o entrevistado ao sítio... Evidentemente que a juventude deve ser uma preocupação dominante para todos. Não apenas para os políticos, mas para todos os portugueses, porque se prepararmos convenientemente a juventude estamos de alguma maneira a contribuir para a preparação de todo o País.

— Quer dizer que, quando falou em responsabilidades, pensou também em responsabilidades para com a juventude?

— Como lhe disse é obrigação de todos, começando evidentemente pelos mais responsáveis, não apenas pelos responsáveis políticos, o futuro. Dai que se tenha como preocupação dominante a juventude. Isto só por si responde de uma maneira global à sua pergunta.

— Acredita na juventude?

— Não se pode acreditar no futuro de Portugal sem acreditar na juventude portuguesa. Aliás creio que um País que tem estas centenas de anos só conseguiu tê-los porque, em cada momento, conseguiu ter não apenas homens indispensáveis mas preparar também o futuro, portanto preparar a juventude.

### Caras conhecidas em Ferreira do Zêzere

Mas os contactos do Presidente não foram só com jovens e com desportistas. Entre as personalidades que o foram cumprimentar havia caras conhecidas como, por exemplo, o eng.



Eanes ontem ao embarcar para assistir às provas de remo na Barragem

Hermínio Martinho, o «leader» das movimentações para o eventual futuro partido e o eng. Olímpio de Matos, também de Santarém, outros «eanistas» convicto e activo.

A sua presença nada tinha, porém, a ver com a organização, como nos explicaria a o próprio eng. Hermínio Martinho. Vieram apenas cumprimentar o Presidente, num acto de cortesia, já que se tratava de uma visita no distrito de Santarém.

Ramalho Eanes e Hermínio Martinho encontraram-se várias vezes ao longo da tarde. Todos esses contactos, bem como a breve conversa à despedida revelaram as excelentes relações que Eanes mantém com o seu ex-mandatário de Santarém.

### Audiência de Mota Pinto

Entretanto, a audiência pedida pelo PSD por causa das declarações de Eanes a um jornal sueco ainda não está agendada. Joaquim Letria disse-nos que há-de estabelecer-se uma audiência mas «para dar explicações com certeza que não, porque o Presidente da República só dá explicações ao País e a ninguém em particular. Neste momento aguarda-se, referiu ainda Joaquim Letria, que o PSD comunique os pontos para agenda da audiência, o que ainda não fez».

Augusto Vilela

### «DIÁRIO DE LISBOA» NAS TERMAS

#### VIMEIRO

ANTÓNIO PINTO SOARES — Maceira a partir das 17 h.

#### CURIA

LÚCIO CONCEIÇÃO COSTA — a partir das 18 h.

#### LUSO

JOÃO DA SILVA ABREU — Rua Emídio Navarro a partir das 18 h.

TABACARIA LUÍSA — Rua Emídio Navarro a partir das 18 h.

#### MONTE REAL

PAPELARIA MONTERREAL — a partir das 18.45 h.

#### S. PEDRO DO SUL

MARIA DO CÉU MENDES — a partir das 18.30 h.

ANTÓNIO  
LOPES VIEIRA

Págs 4 e 5

sete  
ponto  
sete

PUBLICADO PELO "DIÁRIO DE LISBOA"

Destaque:  
HAWKES

## Um «candidato natural» desaparece da cena

**F**INALMENTE votada na generalidade a Lei de Segurança — para mais tarde poder ser refeita na especialidade — a classe política fez as malas para o mês em que se julga que tudo pára. Férias de deputados, férias judiciais... os poderes, salvo alguma eremitagem, estão a seguir para as praias.

Houve, porém, um inesperado: já no fim da semana, discretamente, um dos «candidatos naturais» às eleições do próximo ano para a Presidência da República — Freitas do Amaral — anunciou que não participará na corrida.

Freitas do Amaral, que, juntamente com Mário Soares e com Maria de Lourdes Pintasilgo, aqui consideramos, há meses, como «representante» de uma significativa zona do eleitorado nacional, independentemente de vir, ou não, a formalizar uma candidatura, era o símbolo de um sonho da direita. A direita vai agora de férias mais desapontada.

Ele deveria, se tivesse vitaminado a tempo o seu carisma declinante, ter permitido à direita agrupar-se numa espécie de movimento nacional «anti-socialista», que desafiasse a candidatura Mário Soares e a eventual candidatura «canista».

Perdedor inevitável nas presidenciais, Freitas do Amaral tê-las-ia, pelo menos, aproveitado para regressar claramente à política, liderando um reagrupamento a partir de boa parte do actual CDS. Afinal, o professor decide alongar

mais — muito mais — o «intervalo» que o afasta do jogo pelo poder.

Este facto significa provavelmente que a direita portuguesa não se vai agrupar em torno de ninguém, deixando assim mais espaço à candidatura de Mário Soares. Na ausência de Freitas do Amaral, e partindo do princípio de que o actual quadro partidário não sofrerá alterações (além da progressiva emergência dos «canistas») e de que o «regime» não soço-

brará até às presidenciais, a direita terá agora de fabricar, a partir do quase-nada, um candidato — porventura militar — que se apagará a seguir à eleição.

Depois das presidenciais de 1976, os comunistas disseram a Otelo Saraiva de Carvalho que o que ele tinha alcançado junto do eleito-  
rado «não lhe iria servir para nada». Não se enganaram. O mesmo poderá passar-se (e com muito menor expressão

eleitoral do que a então obtida por Otelo) com um eventual candidato militar especialmente apoiado pelo CDS.

Português Suave Filtro



MENSAGENS PESSOAIS NA PAGINA 8

P

A

R

A

# TV Globo, americana do Sul

• quarta cadeia mundial, 800 jornalistas, 70% de audiência



Os turistas que sobem o Pão de Açúcar não dão grande atenção aos fotógrafos que os recebem à entrada do teleférico. Ficam portanto muito surpresos quando, ao descer, meio hora depois, o seu retrato incrustado no fundo de um prato. Uma recordação que os vendedores populares lhe propõem depois de os terem facilmente identificado no seio da multidão. Invenção, rapidez, eficácia comercial. Encontram-se estas três qualidades quando se liga um aparelho de televisão.

PARA um olhar europeu, é entre as 19 e as 21 horas que o espectáculo é mais atraiante. Como não perder o pé perante esse show gigantesco em que se sucedem as imagens de actualidades dos quatro cantos do mundo, as bandas que anunciam os próximos folhetins, os comentários políticos e os flashes locais, filmados minutos antes no lugar onde se deu o crime ou um incêndio e servidos à antena, ainda sangrentos. Regra única: nem um intervalo, nem um silêncio. A dança frenética das imagens é escandida com efeitos de vídeo e inscrustações gráficas e entrecortada, claro está, por publicidades sofisticadas ao ritmo máximo autorizado pela lei: catorze minutos por hora.

A televisão brasileira é essencialmente de iniciativa privada com uma arquitectura à americana. Uma centena de estações locais ocupam, por concessão governamental, o imenso território. Mas os estados do Rio e de São Paulo representam mais de 50% dos vinte e dois milhões de receptores, visto as estações das duas metrópoles se terem tornado rapidamente as cabeças das redes que enviam os seus programas para dezenas de televisões filiadas. Primeiro através de cassetes, depois por microrondas instaladas pelas televisões nacionais, depois, há um ano, por satélite.

Assim nasceram os Bandeirantes, a Globo, Manchete, Record, TVS, as grandes cadeias nacionais do Brasil. Cada uma das quais com aventuras que se tornaram lendas num país onde o mito do Eldorado não morreu. Conta-se a

história de Sílvia Santos, apresentadora vedeta, uma espécie de Jacques Martin brasileiro, que enriqueceu o bastante para criar a sua própria cadeia, misturando habilmente o jogo televisivo e a promoção directa do comércio de electrodomésticos. Ou ainda a de Adolfo Bloch, modesto imigrante da Europa de Leste, apoiado pelo seu compatriota Juscelino Kubitschek, fazendo fortuna na Imprensa com o semanário *Manchete*, depois criando a sua televisão. E, sobre tudo a de Roberto Marinho que edita em 1925, com quarenta empregados, um jornal de quatro páginas com uma tiragem de 15 000 exemplares e que se encontra, passados sessenta anos, à frente de um império: *O Globo*, primeiro jornal brasileiro com 550 000 exemplares, dezoito estações de rádio, várias filiais audiovisuais e uma cadeia de televisão que totaliza 70% da audiência.

A rede Globo é um ponto sensível no orgulho nacional dos brasileiros, seja qual for a sua filiação política. *Os Europeus imaginam que ainda há crocodilos nas ruas do Rio*, ironiza Dias Gomes, argumentista célebre. *Falam muito e com razão das favelas mas esquecem que temos a mais poderosa cadeia mundial depois dos três «networks» americanos*, explica Roberto Ireneu Marinho, o filho do fundador da *Globo* e responsável pelas actividades audiovisuais do grupo.

Batendo com os dedos no terminal de computador do seu escritório, dá-se ao luxo de precisar qual foi a taxa de es-

cuta o mês passado: 67,2%. *Mas este número não é o mais significativo*, continua. *O que conta é o facto de todas as noites às 20 horas, 82% dos espectadores estarem diante do: seus televisores, muito mais do que acontece nos Estados Unidos ou na Europa. Este número prova que fizemos da televisão uma verdadeira cultura popu-*

lar, um instrumento de integração nacional único no seu género. Uma televisão brasileira programada por brasileiros e não uma dessas misturas internacionais sem identidade que são a maior parte das televisões do mundo.

Este êxito é antes de mais um formidável instrumento de produção. Desde 1968 que a *Globo* fez uma escolha: os filmes, os programas vendidos em dólares no mercado internacional são demasiado caros para o cruzeiro brasileiro. Era pois preciso que tratassem do caso pelos próprios meios. Dezanove anos mais tarde a cadeia produz 80% das suas vinte horas de difusão quotidiana: duas horas de ficção, isto é, o equivalente de uma longa metragem diária, três horas e meia de actualidades, treze horas de programas para crianças, uma hora de variedades, uma hora de emissão educativa, etc.

Para isso a *Globo* mobiliza 7000 pessoas, 800 das quais são jornalistas e 24 correspondentes no estrangeiro. Os programas comprados — essencialmente filmes e séries americanas — são programados no princípio da

tarde ou depois das 23 horas. O público prefere-lhes os folhetins nacionais, as novelas, orgulho da cadeia e produto de exportação vendido a 1200 contos por hora em mais de noventa países. Não falta modernidade à *Globo*. Desde 1974 que uma equipa de grafistas dirigida por um austriaco, Hans Jurgen Damm, cuida de todo o «vestuário» da cadeia com imagens de síntese, declinando uma mesma estética requintada ao longo dos genéricos, logos e cenários. Um factor de identificação visual próprio para atrair os telespectadores e que deixa longe as balbuciações das nossas antenas francesas.

Na véspera do nosso vigésimo aniversário, a Rede Globo

formação. O quarto andar do edifício Bloch, com as suas filas de boxes envidraçados que abrigam os bancos de montagem, foi concebido para explorar uma actualidade filmada por equipas pequenas, animadas por cento e cinquenta jornalistas. Uma mobilização que permitiu fazer cento e catorze horas ininterruptas durante o último Carnaval, roubando assim à *Globo* o papel de vedeta.

O jornal quotidiano de duas horas, os grandes frente a frente políticos, as recentes entrevistas com Yves Montand ou Mário Soares, conseguiram com que alguns dias a cadeia subisse para 12 a 15% de audiência. Mas Zevy Grivelder, um dos directores de *Manchete* reconhece que

«É impossível bater a *Globo* no terreno da novela com outra coisa que não seja a novela. O custo da ficção é, no entanto, demasiado importante para uma estação que acabou de nascer. Produzimos hoje, com mil pessoas quatro a cinco horas por dia em doze horas de difusão. É preciso chegar depressa aos oito ou dez horas para poder fazer face à *Globo*».

O único calcanhar de Aquiles da *Globo* é a política. A oposição sempre denunciou o conluio entre a cadeia e o poder militar. Assim, a *Globo* foi acusada de manipular a informação a fim de impedir a eleição de Brizola, candidato da oposição para governador do Rio. «Estamos entalados entre os poderes políticos, que nos dão a nossa concessão, e o poder público que é a nossa audiência», responde, imperturbável Roberto Marinho. Enquanto o poder político for o mais forte, seremos solidários com ele. Se as coisas mudarem a favor da opinião pública, também mudaremos».

Assim, durante a campanha para as eleições directas, a *Globo* mostrou as suas distâncias perante o poder. Como a censura proibisse todas as reportagens sobre as medidas de ur-

gência que paralisavam Brasília, o jornal da cadeia abriu com a seguinte declaração: «Os jornalistas protestam contra a censura... na Polónia». Informação a que se seguiu um minuto de silêncio. Semanas depois, uma sondagem realizada em São Paulo, revelava que uma forte maioria de telespectadores atribuiu à cadeia *Globo* um empenhamento em favor das eleições directas.

Esta notável faculdade de adaptação, consequência directa de um pragmatismo comercial bem compreendido, não desencoraja todos aqueles que especulam sobre uma próxima estabilização da poderosa *Globo*. Os principais adversários da cadeia estão nas fileiras do cinema que censura a televisão o ter esvaziado as salas dos cinemas, recusando a difusão de filmes brasileiros, asfixiando assim a produção. Os dirigentes do Embra-Filme, distribuidor nacional e organismo tutelar do cinema, voltam-se para o Canadá e para a França a fim de implantarem no Brasil centros alternativos de produção vídeo. Eles apostam uma nova legislação que limitaria a autonomia das redes de televisão e separaria a produção da programação.

Tais iniciativas não parecem preocupar Marinho, que exhibe um optimismo sereno: «O cinema brasileiro voltou-se para o sexo e para a violência. A censura não nos permite difundir tais filmes antes das 23 horas e a essa hora já não temos publicidade suficiente para pagar os preços pedidos pelos distribuidores. Quanto a querer separar produção e programação, isso seria uma verdadeira regressão histórica. Os próprios americanos acabam de conceder aos «networks» o direito de produzir. A televisão brasileira inventou, com a novela, uma forma de ficção e uma linguagem que agradam ao maior número de telespectadores. Em nome de quê querem opôr-se a isso?»

JEAN-FRANÇOIS LACAN

# A telenovela, uma arte popular

## ● Em caso de êxito, ela pode atingir os 170 episódios

«Baila conmigo» na TF 1, «Dancing days» e «Escrava Isaura» no Canal Plus: agora chegou a vez de os telespectadores franceses viverem, já em 1985, a hora brasileira. Depois de nós, eles vão descobrir o programa mais popular da Rede Globo: a novela. A França de Mitterrand será assim o nonagésimo segundo país, um dos últimos Estados europeus, a sucumbir ao encontro venenoso desses folhetins — «rios» que têm cento e cinquenta ou duzentos e quarenta episódios e prendem, quatro vezes por dia, diante do aparelho de televisão, a quase totalidade da população brasileira, do milionário de São Paulo ao camponês do Nordeste.

No entanto, os argumentos são muito clássicos: o triângulo do teatro de Boulevard, um pouco de amor, muito ciúme e uma permanente busca de êxito social. Tudo isto invariavelmente situado nos bairros burgueses do sul do Rio de Janeiro. «A trama é sempre convencional como no western ou no filme policial», reconhece Daniel Filho, o realizador de «Dancing days», que já realizou umas cem novelas. Os heróis encontram-se no trigésimo episódio e passam os outros cento e vinte a vencer as dificuldades que se opõem ao seu amor. Herdamos muito do melodrama cubano ou mexicano que teve êxito no folhetim radiofónico. Mas também integramos a tradição dos folhetinistas europeus do século XIX que sabiam meter em histórias intermináveis, episódios apaixonantes sem relação alguma com a acção dramática.

Programada quotidianamente na Globo, desde 1962, a novela encontra a pouco e pouco a sua linguagem específica, despojando-se das convenções cinematográficas e teatrais: cenários pequenos, longo plano-sequência, realismo dos diálogos, muito próximos da linguagem quotidiana. Ela beneficia principalmente da colaboração de uma geração de autores dramáticos afastados do teatro pela censura militar. «Encontramos na televisão um espaço de criação original», explica o argumentista Dias Gomes, espaço esse em que podíamos transpor com toda a liberdade as nossas preocupações estéticas ou morais. O cinema novo e a vanguarda teatral dos anos 60 só dizem respeito à elite da população: havia na cultura brasileira um lugar livre para a verdadeira arte popular. É essa a razão essencial do êxito espectacular das novelas». Nunca se saberá a razão por que a censura autorizou na televisão os autores que afastava do teatro. «O Brasil é feito para ser vivido e não para ser compreendido», comenta maliciosamente Dias Gomes.

A Globo difunde actualmente quatro novelas por dia, em episódios de quarenta minutos, programados às 17 horas, às 19, às 20 e 30 e às 21 e 30.

Produzir duas horas e quarenta de ficção por dia implica uma organização quase industrial. Começando numa sinópsis, longamente examinada pela direcção do marketing, prevê-se o plano de filmagem cenário por cenário. Os actores contactados trabalharão seis meses ou um ano. A maior parte das vedetas, que também vieram do teatro, têm, de resto, contrato permanente com a Globo. O mesmo acontece com os argumentistas que trabalham ao ritmo de um episódio por dia, com seis semanas de avanço sobre a difusão. Nos estúdios, as equipas de vídeo filmam por vezes com nove câmaras e realizam mais de trinta minutos úteis por dia. Na sua totalidade mil e quinhentas pessoas consagram-se permanentemente às novelas.

Contrapartida deste esforço espectacular, os spots publicitários que interrompem, de doze em doze minutos, o folhetim, são pagos a alto preço, a fim de cobrir um custo de produção avaliado em média em 25 000 dólares por episódio. Há também toda uma estratégia de produtos derivados: música e canções editadas pela própria casa de discos da Globo, acessórios, roupas. Deve dizer-se que a novela é uma formidável ferramenta de promoção. Basta que um dos personagens leia, durante um episódio, as «Memórias de Adriano», de Marguerite Yourcenar, para que no dia seguinte o livro desapareça de todas as livrarias de São Paulo. A direcção do marketing segue cuidadosamente toda a operação. Uma sociedade especializada convida regularmente grupos de telespectadores a darem a sua opinião sobre o argumento, sobre as personagens. As reuniões, filmadas, são estudadas pela produção e pelo argumentista que, eventualmente, modifica o

curso dos acontecimentos.

Porque, ao contrário dos folhetins americanos ou europeus, a novela é um produto

aberto. Actores, realizadores, argumentistas empenham-se, no princípio das filmagens, numa verdadeira aventura cuja solução concreta ignoram. Em caso de êxito, o folhetim pode ser prolongado até trezentos e setenta episódios! «Tudo pode acontecer, confia um comediante, começa-se contabilista e acaba-se aviador». Este carácter aleatório dá à novela um realismo muito particular. «Quando esteve a filmar 'Casablanca', o filme de Michael Curtiz, Ingrid Bergman não soube até ao fim se ficava com o marido ou se fugia com Humphrey Bogart», diz Daniel Filho. Foi essa incerteza que fez dele um dos mais belos filmes de amor da história do cinema.»

Mas este género de aventura audiovisual também tem os seus riscos. Por duas vezes na história da novela um actor importante morreu durante as filmagens. Da primeira vez a equipa, sob o choque afectivo, separou-se e o folhetim parou. No segundo caso, a produção encontrou uma solução original: os comediantes, agrupados diante da câmara, anunciaram ao público a morte do seu colega, apresentaram o seu substituto e repetiram o último episódio difundido a fim de assegurar a ligação. Mas este processo de criação

permanente tem por interesse principal integrar diariamente à trama do folhetim a actualidade social ou política do país. A novela fala de tudo: a contracepção, o aborto, os escândalos imobiliários, a corrupção política. Sem designar os responsáveis ou as personalidades implicadas, mas, para todo o público, as aluções são transparentes.

Porque a censura vigia. Um carro pequeno, único vestígio arcaico neste monumento de modernidade que é a Globo parte todos os dias para Brasília com as cópias dos episódios. Segundo a opinião geral os cortes exigidos são sempre imprevisíveis. Tanto a comissão faz caça ao erotismo, como se encarniça sobre as alusões políticas. Obrigados a trabalhar assim, os argumentistas brasileiros inventaram a estratégia da piranha. «Quando queremos que um rebanho atravesse um rio», explica Dias Gomes, «sacrificamos uma vaca. Enquanto as piranhas a devoram, o rebanho passa para o outro lado. O jogo consiste em inventar um episódio que concentra toda a atenção da censura. A censura faz parte da minha vida profissional desde a primeira peça de teatro que escrevi. E como uma mulher com quem vivesse contra vontade».

«Levei muito tempo a compreender que a censura aos folhetins era uma maneira de pressionar a redacção da Globo», explica Daniel Filho. Ameaça-se suspender a difusão da novela — que é uma importante fonte de lucros para a cadeia — e obtém-se mais cuidado por parte dos jornalistas. Isto deu-me a ideia de uma resposta. Em 1974 a equipa de futebol do Brasil não estava em grande forma para a taça do mundo. Declarei publicamente que, se o Brasil perdesse a taça e a censura tocasse na minha novela, haveria aborrecimentos com a opinião pública.»

Intimamente ligado à história brasileira, a novela conhece hoje uma crise, contemporânea, segundo alguns, da tímida abertura política dos anos 80. Mesmo conversando uma forte sentença, sobretudo feminina, o folhetim começa a cansar (devido aos seus estereótipos irredutíveis) uma parte do público que aspira a uma visão menos superficial da vida social. Consciente de que a idade de ouro de uma forma audiovisual não pode prolongar-se indefinidamente, a produção da Globo evolui lentamente para a mini-série. Nada a ver, no entanto, com o standard internacional. A mini-série à brasileira comporta um mínimo de vinte e cinco episódios de uma hora, difundidos mensalmente. Uma forma mais construída, mais escrita, que permite ao argumentista abordar directamente os grandes problemas da hora presente. A mais popular, «O Bem Amado», já dura há cinco anos. Dias Gomes construiu-a à volta de uma pequena cidade, microcosmo da realidade social e política do Brasil. O episódio de Abril passado dizia respeito à eleição directa do governador, apesar da oposição do poder político.

O mais surpreendente na novela é o seu sucesso internacional. Como é que uma história tão especificamente brasileira pode interessar os Americanos, seduzir os Suecos, apaixonar os Italianos, que actualmente estão a difundir três? «Um programa de forte identidade nacional domina muito claramente os produtos estandardizados e pretensamente internacionais, programados pela maior parte das televisões», diz Roberto Ireneu Marinho, responsável pela Rede Globo. Essa profissão de fé, encontra um eco inesperado na pena de Luigi Cancrini, cronista do Unità o órgão oficial do Partido Comunista Italiano: «O verdadeiro segredo do folhetim televisivo brasileiro é, na realidade, o da linguagem, familiar no sentido mais imediato da palavra. Ele utiliza a narração minuciosa dos acontecimentos mais simples. Na simplicidade extrema deste mundo da narração reside a possibilidade de apresentar personagens que estejam ao alcance da compreensão de todos».

E o jornalista conclui recomendando a utilização das fórmulas e da linguagem da novela para «melhorar a comunicação entre os diferentes sectores da esauerd italiana».



# Afonso Lopes Vieira: o nacional

Recorda-o sentado, ao entardecer, na varanda da sua casa de S. Pedro de Muel, espécie de acrópole no meio da paisagem. Belíssima mansão, sólida como uma fortaleza, que João Mário Grilo utilizou nas filmagens de «A Estrangeira». Recorda-o anfitrião, antencioso, a receber os convidados no terraço, exactamente no ponto «onde a terra acaba e o mar começa...» Recorda-o a passear de charrete, a comer ovos escalfados nos tardios pequenos almoços, a deambular pelo pinhal, a ouvir simplesmente o barulho das ondas com o cachimbo esquecido nas mãos.

...E, por vezes, interrompia a frase para esfibrar com os dedos, longilíneos, o tabaco de onça.

Disto tudo se lembra João, dono de uma «venda» nas Cortes, arredores de Leiria, que foi durante muitos anos feitor do poeta Afonso Lopes Vieira. «Era um homem miudinho, muito direito. Farto-me de pensar quem seria o senhor que fez aquele monstro de pedra... a estátua que está na cidade não se parece nada com ele.»

Enaltece-lhe as qualidades que lhe granjearam uma aureola de respeito e simpatia nas Cortes, onde possuía uma propriedade rural. «Era a bondade em pessoa. Quando me via trabalhar demais mandava-me parar. Não queria que se batesse num cão, que se piasse uma vaca, que se varejasse uma oliveira. Numa altura em que houve uma crise de fome o sr. Lopes Vieira ordenou que se fizessem panelões de sopa para alimentar o povo.»

Descreve-o como habitualmente se vestia, em férias, e o pintor Eduardo Malta o retratou: camisa aos quadrados, no estilo dos pescadores nazarenos, com botões de madrepérola. «Quando estava nas Cortes passava o dia na cama. Levantava-se já de noite e, depois de comer qualquer coisa, ia para a sala ler e escrever. O sustento dele eram ovos escalfados que lhe deram cabo do figado. Um dia perguntou-me porque é que eu me tinha casado tão cedo... Vinha aqui de vez em quando mas preferia S. Pedro de Muel onde vivia de Maio a Novembro. Só regressava à residência de Lisboa no princípio do Inverno.»

Cuidava-lhe do lagar de azeite, das vacas leiteiras, da criação, da batata, do milho, do feijão. Das culturas, regadas pelo rio Lis e que chegavam a dar mais de mil alqueires. «Como teitor, ganhava nesse tempo, 500 escudos. Era um bom ordenado.» Do patrão sabia, vagamente, que despreciava Salazar e que numa ocasião estivera preso. Coisa de dias. «Quando saiu deiámos uma salva de foguetes...» Desconhecia, no entanto, que ideologia perfilhava, embora o visse frequentar a Igreja, o que para si, homem santanário e crente, era um costume muito positivo.

Com 72 anos, João Pereira Maneta continua sendo mordomo da festa da Senhora da Gaiola, padroeira das Cortes. «Foi uma promessa que fiz quando estive doente. Nós, os mordomos, mandamos cozer dez mil pães para distribuir pelo povo. Compete-nos, ainda, levar ofertas de bolos: uma pertence à Igreja e a outra ao Menino Jesus... Tenho fé e a fé

vale muito.» De acordo com a lenda, na época da invasão moura, na Península, os cristãos viram-se obrigados a esconder as imagens. Ao que consta foi o que os habitantes das Corcas fizeram. Até que um dia os pastores, que apascentavam os rebanhos numa mata, descobriram no tronco de uma árvore a imagem da Virgem. Ajoelharam e construíram-lhe uma cabana de ramos parecida com uma gaiola. Daí o nome de Senhora da Gaiola.

«Para quê?» — a estreia literária de Afonso Lopes Vieira. A capa do livro era um tan-

ca podia pô-lo a vadiar comigo, de braço dado pelos campos, ressuscitando em nós os colegiais, pela razão de não saber se isso estava nos seus hábitos, na índole do seu tratamento para comigo...»

A data desta carta, Aquilino ainda não era visita da casa de S. Pedro de Muel, não obstante manifestar desejos de tal... Pois eu não renuncio a ver o mar do seu terraço, a ouvir-lhe os versos inéditos ou prosas inéditas mais recentes. Quando? E finalizava a missiva com a promessa de aparecer e mostrar-lhe, curioso do seu juízo, a sua «Estrada de

## LOURDES FÉRIA

to espaventosa e imitava as imperfeições de tipografia antiga. Bem... aquilo denunciava uma nota de pedantismo irritante. Todavia, a crítica elogiou, desde logo, a obra. «Raros livros exalam um lirismo de tanta suavidade, na sua tristeza doce, magoada...» (Alexandre de Albuquerque). E houve logo quem comparasse o jovem poeta a Cristóvão Falcão, autor de «Crisfal».

## Anarquista

Aos vinte anos, poeta lírico inspirado em António Nobre ver-se-ia também seduzido por um anarquismo tostoiano. Essa inclinação, talvez fortalecida por uma paixão que teve em Paris pela sobrinha de Kropotkin, levou-o mais tarde a traduzir o folheto «A gente Nova» do anarquista russo. Contudo, nunca afeiçoou daquela ideologia o que nela há de subversivo e radical mas somente o seu agudo sentido de justiça. Era uma forma de afirmar a sua nobreza, assumir a aristocracia intelectual contida nas teses daquele revolucionário.

Anarquista — o que é para Lopes Vieira? «Uma forma protoplásmica de generosidade mental. O nosso coração na mocidade da vida precisa duma fórmula ardente e ofereciam-me aquela... com o tempo despidimos as roupagens absurdas da utopia e fica apenas a essência, o humano. Desta maneira continuo a ser anarquista.» Respondeu a Aquilino Ribeiro, com quem manteve uma amizade cerimoniosa mas verdadeira.

É o que se deduz da correspondência que trocaram. Em 1922, Aquilino escreve-lhe de Pedrógão, onde estava de veraneio: «O Manso celebrou a nossa vizinhança interpretando a seu jeito. Por muita vaidade que eu tenha na sua camaradaria e estima — sendo o sr. bastante exclusivo das suas relações, ao que me consta, e o príncipe dos poetas — eu nun-

Santiago». Seguiram-se os anos e o poeta nacionalista ofuscou o anarquista. No seu discurso as ambiguidades apontavam para laivos de reacção. As críticas à República podiam induzir a juízos de valor, provavelmente injustos, mas admissíveis. «Desde a revolução liberal não houve mais revoluções neste país. O que tem havido são simples movimentos de caserna que se limitaram a um desperdício de metralha, seguindo-se uma mudança de mandões no Terreiro do Paço... Nunca entre nós foi mais premente de místicas certezas a manhã de nevoeiro.» Há, todavia, duas leituras nesta posição, digamos, sebastiânica.

Para Afonso Lopes Vieira o povo português procurava a sua identidade — a Alma perdida em Alcácer-Kibir. O simbolismo de uma esperança que nunca morreu nem morrerá. «Alma minha gentil que te partiste» (Camões). É o regresso dessa Alma que se aguarda com Saudade. «O mito do Encoberto não é a loucura apática de um povo que ainda esperasse o seu rei perdido há séculos nas plagas traiçoeiras de Marrocos...»

## Verde

Verde — cor da esperança era uma das suas cores predilectas. De verde mandou pintar as estantes da sua biblioteca, trazida intacta da residência de Lisboa, no Largo da Rosa, para o edifício onde funciona a Câmara Municipal de Leiria e a Biblioteca Pública. Cerca de 12 mil livros legou o poeta à cidade, para proveito dos estudantes que os consultem. Do espólio doado, que não abrange apenas os livros mas inúmeros objectos pessoais, sobressai a famosíssima camisa à pescador, de flanela, formando quadrados pretos, vermelhos e cinzentos.

«Penso às vezes como depois de eu morto/Certos objec-

tos do meu uso/Hão-de chorar um dia por mim...» Expostas numa vitrina, o medalhão com uma fotografia sua emoldurada entre pedras semipreciosas (julgo que são minas novas), o porta-papéis de tartaruga com as suas iniciais gravadas a ouro, o cachimbo e o monóculo, complementos de um visual em que sobressaía também um relógio de marca suíça. Havia ainda o diploma do curso de Direito, o Código Civil (por onde estudou) e uma edição dos «Lusiadas», em que colaborou com o prof. José Maria Rodrigues. Aquela da Imprensa Nacional, que salvo erro custava 12 escudos — uma edição popular — e que reproduzia, na capa, uma iluminura de Goa.

Lopes Vieira tinha por Camões uma ferverosa admiração. «Um poeta de sempre e para sempre», dizia. Este acontecimento editorial motivou um almoço de homenagem ao poeta, a bordo de uma fragata atracada no Tejo, em frente da Torre de Belém. Seguindo os jornais da época, foi

logo nos conduz para juízos, talvez errados, mas sugestivos no que parecem conter de um certo conservadorismo elitistas.

Aliás, como se depreende desta observação que visava Guerra Junqueiro: «...Como ele pagou caro e por fim lhe mete horror o haver sido o Camões dos logistas republicanos. E depois o seu exarcebado portugalismo — ilha a que acostou. Já em estudante, na Universidade de Coimbra, as suas leituras incidiam, quase exclusivamente, nos clássicos portugueses.»

Entre os eleitos — os preferidos — Camões, Cristóvão Falcão, Bernardim Ribeiro, todos homens obsecados pela Saudade. Na sua biblioteca, diz Alberto Pinheiro Torres, seu companheiro de quarto em Coimbra, «...nada havia que não fosse português. Com excepção de Balzac, um autor por quem Lopes Vieira manifestava uma curiosidade gulosa.»

## Amizade

Se, por um lado, foi amigo de

reaportuguesar Portugal. Mas não sei em que medida se poderá avaliar um homem com base nestes parâmetros. Assim, sem mais nem menos, reacção? Se o era, António Sérgio parece não se ter incomodado muito com isso, como se vê nesta amável carta de Boas-Festas.

Copiemos: É ocasião de lhe desejar boas-festas, de lhe pedir notícias do Amadís — de lhe agradecer a muito boa tarde que me quis proporcionar outro dia levando-me ao «atelier» de Luciano Freire. Este quis, está bem de ver, é rola que leva água no bico. Elucidando: aquele rapzinho não sei quê de Bragança, aliás muito simpático, teve a virtude de me estragar os nervos, com a sua mania de declarar frases esteriotipadas, indiscretas, e ainda por cima injudiciosas, perante e diante de cada tábua que se lhe submeteu à crítica (realmente os quadros eram de paus!). Depois que saiu levando o moço readquiri a calma porque suspirava; mas faltou-me a sua pessoa. Arte, para mim, exige um ambiente de serenidade, sim-



«Onde a terra acaba e o mar começa», olhando o mais longe possível

esta a ementa: canja de galinha, peixe do rio, caldeirada, pato assado, arroz doce, pastéis de Belém, queijo da Serra, fruta da estação, vinho de Alcobaça e do Porto, café de África e chá da Índia. Mais nacionalista do que isto não podia ser!

Admissível, no poeta, uma componente conservadora? «As palavras Passado e Saudade simbolizam uma grande parte das suas musas inspiradoras» («Diário de Lisboa» — 28/4/21). Era, antes, na apreciação de Henrique Vilhena, um gentil-homem, preso ao Portugal quinhentista e seiscentista. «...Exilado do tempo, em seu solar, carpindo as saudades da distância do Além que viram e descobriram os seus antepassados e em que labutaram, sofreram e criaram.»

Reagiu verbalmente contra a 1.ª República, apodando-se de «calamitoso período da vida nacional», o que desde

António Sardinha também mantinha relações amistosas com António Sérgio, Raul Brandão, Abel Manta, Viana da Mota, Teixeira Lopes, Keil do Amaral e outros intelectuais de pensamento declaradamente progressista. Com todos trocou correspondência e todos foram visitas da sua casa de S. Pedro de Muel.

Que belas coisas tem o meu amigo dentro da alma! (Teixeira Lopes) Na sua letra miudinha Raul Brandão agradece-lhe, em carta datada de 18 de Março de 1922, a oferta do livro «Em Demanda do Santo Graal». Exactamente nestes termos: e um livro grande porque é dum poeta, que de mais a mais, pensa e escreve maravilhosamente a nossa língua.

Invoca-se muito aquilo a que chamam uma «tendência reacçãoária» na poesia de Lopes Vieira; aponta-se a limitação da sua religiosidade e dá-se como suspeita a ideia que defendia de

ples, recolhida e sincera, entre bons amigos... Comunico-lhe que também penso estampar um livro; e saiba que um livro soberbo (já adivinhou que não foi escrito por mim) a não ser o prefácio) Trata-se da obra esquecida de um grande mestre: maravilhas incógnitas que tive a ventura de desencantar. Para o punir de não aparecer na Biblioteca não lhe direi já o que é — primeiro castigo: e não deixarei de infringir, a seu tempo, a leitura de uma parte, pelo menos do prefácio, para lhe pedir o conselho e a apreensão — segundo e pombalino castigo! — (Sincero Amigo — Sérgio)

Daqui se conclui que a opinião de Lopes Vieira era altamente tida em conta e disputada nos meios literários. Colaborador da revista: «Águia» — onde Teixeira de Pascoas acolhia os seus textos com alvoroço: para mim o seu último livro é sempre o melhor — e da «Scara Nova»,

G

E

M

# lista ofuscou o anarquista

o poeta desdobrava-se na certeza de que a sua voz tinha uma certa autoridade. ...Acabo de ler as «Canções do Vento e do Sol», que ficaram a ressoar no meu espírito, como nos seus búzios as ondas do mar. (Teixeira de Pascoaes).

## Paixão

Por costume, Lopes Vieira escrevia, ao cair da tarde, na sua casa de S. Pedro de Muel. Uma casa simples, de arquitectura tradicional, que, por vontade do escritor, é agora de colónia de férias dos filhos dos operários vidreiros e guardas florestais da Marinha Grande. Parte da vivenda foi adaptada a essa função. Restam, contudo, duas dependências, tal como o poeta as deixou. Na mesma também se mantém a capela, concebida à maneira rústica e pescadora, com a fachada coberta de conchas. Pouco o atraía a propriedade paternal da região vergiliana, banhada pelo Lis, no sítio das Cortes, perto de Leiria. (Raul Lino, arquiteto da casa de S. Pedro).

E acrescenta: com desgosto

*muito meiga, toda fada do lar, que recebia maravilhosamente os amigos dele que transmitia, aos que com ela privavam, um muito bom estar.*

Gostava Lopes Vieira de dissertar sobre a paixão. Sobre os amantes que morreram por amor. Que se perderam por ter bebido esse filtro. Não escreveu ele «A Paixão de Pedro o Cru»? Não guardava num relicário os fios dourados do cabelo de Inês de Castro? Trata-se de um trabalho de Lourenço Chaves de Almeida, o ferreiro-artista, autor do «Lampadário da Batalha». Numa entrevista diria: *é a minha única jóia* — uma minúscula do sarcófago da rainha com quatro anjos góticos e a divisa: *até ao fim do mundo*. Está no Museu de Coimbra esta peça rara que contém (?) madeixas de cabelo daquela que foi rainha depois de morta e que despertou uma enorme paixão.

De todos os seus livros há quem prefira «País Lilás, Desterro Azul». Porém, Lopes Vieira distinguia, entre todos, «Ilhas de Bruma», provavelmente por ser o que melhor definia o seu temperamento. *Tenho aqui muitos livros; não encontrará os meus. Não é que os não tenha. Compreende que não os julgo ainda. Talvez que «Em Demanda do Santo Graal» venha para aqui...* Diz, em conversa com um jornalista na sua casa do Largo da Rosa, junto ao Castelo de S. Jorge.

Na sua fase derradeira passava longas temporadas em Lisboa. Eram os amigos, a tertúlia da Bertrand, a Biblioteca Nacional, o Chiado que subia e descia todas as tardes — os pontos de interesse que o prendiam. *Das coisas inanimadas que em vida rodeiam os homens, talvez sejam as casas de habitação as que melhor reflectem a personalidade de quem nelas vive.* Veja-se o palacete do Largo da Rosa que Artur Portela mencionava numa entrevista no «DL»: *Descemos as escadarias e há uma porta verde que se abre. A meio de uma mesa tem um relicário que Chaves de Almeida forjou em ferro de Coimbra e que guarda os cabelos de Inês de Castro; lacre roxo, um lápis, vermelho; outro azul, algumas folhas de papel onde em heráldica, se abrem dois búzios...*

Nesse dia, Lopes Vieira vinha da tipografia, preocupado com um dos seus livros. *Não faço versos quando quero... são os versos que vêm bater ao meu espírito... e trabalho, cuido-os muito.* Fala ao jornalista, com a sua voz macia. Com palavras directas, que não se transviam do objectivo em vista.

*...Tenho reparado que um homem do povo que não sabe ler ao pé de outro que o sabe, exprime-se sempre melhor. A língua é mais pura, mais rica. Se ele não sabe ler? Mas não me assusta... teria mais pena se não soubesse cantar.*

Aliás, dedicou «Em Demanda de S. Graal» aos portugueses que não sabem ler. Mas a dedicatória estende-se também por uma outra área; à dos portugueses construtores, aqueles

*que nesta hora de ruína, vão edificando a sua Arte. Queria dizer: os artistas, os que leram tudo e, por isso, sentem o exílio na Pátria amada.*

## Morto

O Outono de 1946 foi tristíssimo para alguns intelectuais portugueses. Nesse ano Artur Lopo de Campos estava inconsolável, nem lhe apetecia voltar a S. Pedro de Muel, onde desde a infância passava férias com Afonso Lopes Vieira. Morreu o poeta. A sua biografia completava-se num resumo que ia da redacção de um jornaleco, aos 12 anos, manuscrito e distribuído pelas famílias e amigos em que eram postos em evidência os acontecimentos da praia, até à consagração nacional do escritor.

Entretanto um narrador consciencioso deveria referir que o poeta aos quinze anos publicara o seu primeiro livro «Sete Estrelas», feito numa tipografia de Leiria, que foi aluno do professor Leite de Vasconcelos com quem aprendeu literatura... e que reuniu uma extensa obra repartida entre a poesia, histórias para crianças e prosa. *Na milícia dos escritores portugueses, querendo comparar Afonso Lopes Vieira eu só conheço uma figura apta para sofrer confronto. E sofre-o, não no seráfico, melífluo jeito de retratar finezas ou distender conceitos. Porque me refiro ao nosso bom Bernardes, excluo a candura e a oratória... Os vocábulos, nas obras de um e doutro, são como ideias cunhadas, intangíveis valores em que não ousamos bulir como nos vasos sagrados.* É o que Vitorino Nemésio escreveu, sintetizando a existência literária de Lopes Vieira. Praticamente de 45 anos — o compêndio da sua obra.

Apagou-se, logo a seguir ao final da Segunda Guerra Mundial. Poeta nacionalista, poeta humanista (no entender de Hernâni Cidade), poeta maior ou menor — o que se quiser. A verdade é que ficou, para sempre, poeta.

Homem que João de Deus evoca assim: *Parece que o vejo ainda na sua atitude habitual, sempre nobre e discreta, caminhando a passo cadenciado, de ritmo religioso, como se fora debaixo de um pátio, em recolhida solenidade.* Homem que gostava de cinema, razão que o leva a realizar um filme sobre um conto popular português.

Homem que amava as crianças e nelas pensou em toda a sua vida. Homem que quatro pintores retrataram. Sousa Lopes, António Carneiro, Eduardo Malta e Columbano imortalizaram-lhe o rosto — esse rosto de narinas dilatadas, queixo proeminente, cabelos ralos e escorridos iluminado por uma luz que lhe vinha do olhar.

Um olhar marítimo, aquático.

\* O livro «Canções do vento e do Sol» foi recentemente editado pela «Ulmeiro».



Sobre a praia, um pouco abafada por construções posteriores, ergue-se a casa de S. Pedro de Muel



S. Pedro de Muel: nesta sala de trabalho escreveu o poeta muitos dos seus livros



A casa em Cortes, a três quilómetros de Leiria

do pai, que julgava a atmosfera costeira inadequada à constituição do filho, ignorando que a saúde dos poetas é regida por leis mais subitas e que não constam dos tratados de fisiologia.

Com efeito o poeta tinha um aspecto frágil, delicado. Isto desde a juventude, como se verifica na fotografia de adolescente vestido à marujo. Ou na de caloiro coimbrão que nos mostra um belo jovem de olhos garços. Era um romântico e o físico condizia com a sua maneira de ser. Da mulher também criou uma imagem ditada pelo espírito cavalheiresco que o animava. *Verdes e tristes olhos, donde veio / Este amor que a mim do me tomou / Já não fujo de vós porque já sou / Senhora minha, deles todo cheio.* Eis um soneto inspirado por sua mulher, Helena Aboim. Uma mulher, digna representante do feminino, que nos é descrita pela bibliotecária do espólio do poeta como uma senhora

S O C I E D A D E

Eles são um pouco como astronautas

# Os Bebés-Rãs

PATRICK FRANCÉS



A norte da Sardenha, em face da Córsega, um templo do ano 2000 dedicado às férias. Uma arquitectura audaciosa, toda ela em terraços e cascata de betão descendo em escada para um mar salpicado de velas coloridas. Um cenário californiano. Três piscinas sob um céu azul. Vento forte e tempo excelente. Ouve-se a água. Os olhos piscam. Os corpos estão bronzeados. Ruído do gelo nos copos. Quatro, cinco, seis vezes por dia o culto do aeróbico. Torturas «disco» para «look» de sedução. Narcisismo de grupo, hedonismo de massa. À beira da piscina, Simon de 9 anos. Barbatanas nos pés, sério, um pouco tenso. Quase tenso. «Sentes-te bem? Confortável?» A voz tranquila de Jérôme, o monitor. «Dentro de água não se pode falar, então fazem-se sinais, assim.» «Quando é que subo?» pergunta Simon, prudente. Jérôme aligeira a atmosfera, brinca, graceja: «Vamos fazer cócegas no pé da senhora.»

A máscara, as garrafas. Simon respira. «É fácil», constata antes de mergulhar. Uma vez, duas vezes, depois afasta-se e desaparece. Pânico? Dissemos «pânico»? Sim, talvez o do pai que, de repente deixa de ver o garoto, só vê uma estrada de bolinhas de ar. «Mergulhador-canhão», comenta, admirativo, Jérôme, antes de ir buscar o intrépido jovem. Angústia do monitor. «Gostaste?» «Gostaste?» Simon não fala muito. Falam por ele os arrepios e a pele de galinha. «Tens frio? Estás a tiritar. Vamos embora!» Embrulhado na toalha, Simon só consegue dizer: «É super!»

Paris, Praça da Bolsa. Visivelmente orgulhoso com o papel positivo exercido no domínio desportivo pelo Clube Mediterrânico, Jeff Bynens, responsável pelos mergulhos e pelo ski náutico, entrega-nos, com um sorriso, um texto novo em folha da federação francesa de desportos submarinos. Em lugar importante o relatório do dr. Duvallet perante a comissão médica e de prevenção. Um documento que afirma que se não houver «risco de pânico nem de superpressão pulmonar, não há actualmente nenhum argumento médico sério que possa fazer crer que o mergulho das crian-

cas apresente mais riscos psicológicos do que o dos adultos.»

Para os responsáveis do mergulho no seio de um clube que sempre se apresentou na vanguarda, a constatação assim formulada tem um valor de caução e encoraja a continuação numa via já explorada há dois anos em Eleuthera, nas Bahamas, e depois em Fort Royal, no Guadalupe, e também em Santa Teresita. A partir de uma análise hoje confirmada, o problema do mergulho das crianças não é um problema médico, mas sim um problema de material e enquadramento adaptados, e de técnicas de mergulho compatíveis com a pouca idade dos praticantes.

Cabelo encaracolado, parecido com o actor Pierre Richard, Michel Lendrin, conhecido por «Banane», tem 49 anos, 24 dos quais foram passados no clube. Ele lembra-se da época em que trabalhou em garrafas de segurança destinadas aos tankistas (em caso de dificuldade na travessia de um rio), a fim de permitir que seu filho Bruno, então de 3 anos, desse o seu primeiro mergulho. Desde então, como houvesse muitos pedidos, os fabricantes produzem, como a «Spritotecnique», mini-garrafas de 4 litros, que asseguram

uma autonomia durante cinquenta minutos. Juntamente com a pequena máscara e as barbatanas em modelo reduzido, elas constituem, para o mergulhador aprendiz, uma panóplia miniatura quase completa.

É certo que ainda fazem muita falta pequenos fatos que permitiriam às crianças enfrentar, com todo o conforto, as águas bastante frias do Mediterrâneo. «Um grande obstáculo», reconhece «Banane», quando não se tem possibilidade de ir para os paraísos submarinos das águas quentes tropicais. Um obstáculo que o clube podia no entanto solucionar oferecendo aos bebés-rãs piscina aquecida e fatos à sua medida.

Nomeado monitor nacional em Setembro de 1962, chefe de centro em 1964, chefe do mergulho em todo o clube, em 1965, Michel Lendrin, hoje conselheiro técnico e responsável pela segurança dos planos de água da zona americana, explica assim a política seguida pelo clube em matéria de mergulho de crianças: «Trata-se de fazer compreender à criança que ela pode ver debaixo de água e mover-se sem receio, respirando normalmente e deslocando-se graças às barbatanas. E fazê-la

também descobrir bem cedo o prazer do mergulho submarino.» Sem por isso ter ilusões. «Para os mais pequenos, — reconhece — trata-se antes de mais de um jogo, de uma brincadeira. Estão-se nas tintas para o ensino, fastidioso. O que querem é brincar, ao passo que o adolescente, esse apaixonado ao descobrir o prazer de evoluir em três dimensões para, um dia, acabar por ir no barco dos apaixonados por este desporto, que diariamente leva os mergulhadores para o largo.»

«O importante», insiste «Banane», é fazer compreender que esta actividade está ao alcance de todos, e a verdade é que hoje toda a gente mergulha, dos 7 aos 77 anos, do porteiro ao director de empresa.»

Uma constatação que faz, no entanto, com uma certa pena na voz. Com efeito nem sempre é fácil para um purista aceitar essa desmistificação, essa democratização, essa invasão, tão bem simbolizadas pelos neófitos americanos «que gastam 400 dólares para se equiparem, autênticas árvores de Natal — e que recebem um brevet de mergulhados depois de os termos metido em 5 metros de água. Isto não é sério», diz «Banane» que não esconde a sua preferência pelos mergulhadores europeus, «os que ficam aborrecidos se não os descemos a 40 metros».

Igualmente encaracolado mas com a cara redonda cortada por um grande sorriso que o vacina contra a nostalgia, Jérôme, 24 anos, monitor de mergulho em Santa Teresita, não conhece esses estados de alma. Ele constata, e é tudo, dois estados de espírito efectivamente muito diferentes, duas «escolas». De um lado a francesa, que considera o mergulho como um desporto difícil, reservado a gente sólida, valente, e que gosta dos mergulhos profundos (logo de duração limitada) e que permitem, dizem,

que nos ultrapassemos. Quase um desporto de combate, um desporto de luta contra um meio hostil. De certo modo o alpinismo ao contrário. Do outro lado a escola americana para quem o mergulho é sem perigo nem dificuldade. E com razão. Limitam-se a 20 metros, o que permite mergulhos de longa duração de um professor encarregado, não de salvar os mergulhadores de um problema, mas de lhes abrir as portas deste sexto continente. Desporto de elite, por um lado, «negócio» e tempos livres de massa, por outro, tendo como resultado, constata Jérôme «quinze vezes mais licenciados nos Estados Unidos do que em França».

Para além desta querela dos antigos e dos modernos, surge finalmente uma visão do desporto consagrado como parte integrante da civilização dos tempos livres. «Ao permitir ao maior número de pessoas que pratiquem uma actividade relativamente dispendiosa, simplificando-lhe o acesso, mudamos o sentido do mergulho», observa Jeff Byens que constata que, devido a regras demasiado estritas «tínhamos passado para o lado do mergulhador em férias. «Tínhamos muito simplesmente esquecido a dimensão «tempos livres» do mergulho».

Como fazer triunfar melhor esta dimensão do que favorecendo, hoje, o acesso das crianças a um universo que, já o tinham compreendido ao ver o famoso folhetim «Flipper o del-fim» talvez não fosse unicamente reservado aos adultos. E como compreendê-la melhor do que ao escutar Jérôme falar desse pequeno mundo que ele observa quotidianamente com curiosidade, finura, calor e cumplicidade?

«Para nós, no clube, trata-se de fazer mergulhar o maior número de crianças com o máximo de

segurança. Daí a escolha da piscina porque aqui a criança não corre nenhum risco. Os candidatos ao baptismo» devem ter pelo menos 4 anos e saber nadar um pouco. Com efeito, o importante não é poder nadar mas não ter medo e estar à vontade dentro de água. A garrafa, mesmo pequena, parece-lhes bastante pesada. Mas, uma vez na água, ficam muito ocupados a olhar para o fundo da piscina. Quando voltam à superfície, já não querem largar a garrafa. O que surpreende é a sua facilidade. A total ausência de apreensão.

Dizemos-lhe: aqui está a máscara, respiras por aqui. «OK!», respondem. E atiram-se. Nunca há pânico. Têm confiança. Nós somos as pessoas que lhes ensinam uma coisa que julgavam reservada aos pais. Depois dizem-nos dez vezes «olá» durante o dia. Somos quem os levou para debaixo de água. É como se tivessem ido à Lua!»

É importante dizer que a descrição de Jérôme é, sobre tudo válida, no Clube, para os «Rollers» (8-90anos) ou os «Smurfers» (10-11 anos).

Os mais novos, os «Schtroumpfs» (4-5 anos) e os «Jedi» (6-7 anos) limitam-se, com efeito, a um simples «baptismo», isto é, uma imersão de alguns segundos, suportada com mais ou menos entusiasmo.

Estranha cerimónia que decorre em presença da multidão reunida e convidada a celebrar, em alegria, essa entrada no reino dos grandes. Anuncia-se o baptismo como os hamburgers na MacDonald. «Um baptismo, um!» Sob o olhar dos pais que dificilmente escondem o seu orgulho... ou a sua decepção.

«Que vergonha!» Exclama uma mãe despeitada. Tu que no mar metes a cabeça debaixo de água!»

«É a primeira vez», responde, raivosa, a garotinha, que não é muito fácil.

## L I T E R A T U R A

## John Hawkes:

## «Sou um romancista cómico»

John Hawkes nunca conseguiu impor-se verdadeiramente deste lado do Atlântico. Maurice Nadeau, que publicou sete dos seus romances, em francês, confessa: «Aquilo que posso orgulhar-me de ter conseguido com Malcolm Lowry, Witold Gombrowicz ou Leonardo Sciascia, devo reconhecer que não o consegui com John Hawkes» (1). Quais as razões deste fracasso? Sem dúvida o romancista americano, muito ligado ao trabalho sobre a escrita e a língua exige muito dos seus leitores. A dimensão onírica e paródica das suas narrativas concede-lhe um colorido particular. John Hawkes surge assim como um escritor do imaginário. Mas de um imaginário completamente transformado, dominado. Essa preponderância da forma valeu por vezes ao autor ser comparado aos romancistas europeus pela crítica americana.

Aos cinquenta e nove anos, John Hawkes pode ser considerado um dos mais importantes romancistas actuais. Sinal dos tempos, as grandes editoras, que de início não se tinham interessado muito por ele, abriram-lhe as suas portas. Assim, Harper and Row publicou As duas Vidas Virginie, e Simon and Shoster comprou os direitos do próximo romance de Hawkes, que surgirá nos Estados Unidos no ano próximo.

(1) In John Hawkes: A palavra cortada, de Pierre Gault. Ed. Klincksieck

BERNARD GÉNIES

— Quando se aborda o romance americano moderno ficamos surpreendidos com a posição que você ocupa. Não é um autor de vanguarda nem um romancista «tradicional». Os críticos situaram-no muitas vezes na área do novo romance francês. Uma tal filiação não lhe parece um pouco abusiva?

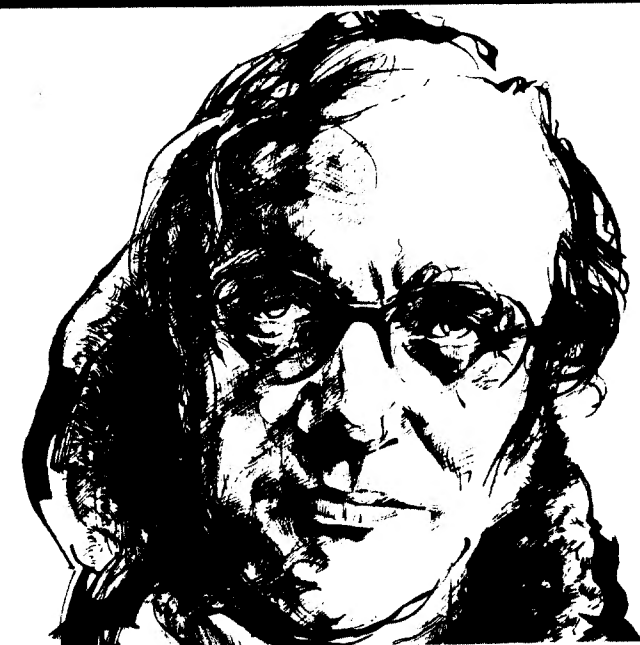
— O novo romance nunca me influenciou. Publiquei o meu primeiro romance, *O Canibal*, em 1949. Na altura não me interessava nada saber se a minha ficção era ou não realista. Também não me preocupava com a teoria. O que me importava antes de mais era a questão do imaginário e da língua. De resto, de princípio sentia-me, mais atraído pela poesia, que estudei em Harvard. Entre os estudantes que seguiam essas aulas encontrava-se John Ashbury, que se tornaria um grande poeta. Quanto a mim, depressa compreendi que essa forma de expressão não me convinha.

Quanto ao novo romance, só o descobri no início dos anos 60. Lembro-me de ter lido então *O «Mirone»* de Robbe-Grillet. Claro que fui sensível a esse tipo de narrativa, mas nunca me ocorreria escrever nada semelhante. Para mais, ao contrário de Robbe-Grillet, acredito em metáfora. Por outro lado, um romance como *l'Etranger* de Camus seduziu-me muito: é uma narrativa que nada tem de metafísico, que é pura, e cuja linguagem é muito pura também.

— Camus parece tê-lo influenciado em certa medida. Provam-no as suas alusões a «A queda» no seu romance.

— «Influenciado» não é a palavra exacta. Penso que Camus escreveu para todas as pessoas que sobreviveram à guerra e aos seus horrores. Em 1944 passei nove meses na Europa. Trabalhei em ambulâncias em Itália e depois na Alemanha. Foi dessa experiência que saiu *O Canibal*. Ao escrever este livro tentei adoptar um ponto de vista alemão desses violadores que se tinham tornado vítimas.

Lembro-me de um pátio de escola onde tinham amontoado



feridos alemães, todos eles amputados. Havia ali soldados, mas também mulheres e crianças. Eram a encarnação da dor, tal como os detidos que acabavam de ser libertados dos campos de concentração. Ainda vejo, numa estrada, uma fila de prisioneiros, de pijama, que tinha quilómetros de extensão.

— A violência ocupa um lugar importante nos seus romances. Atrai-o?

— Tudo depende daquilo que se entende por violência. Há

dias vi na televisão americana o anúncio de um filme particularmente horrível. Confesso que sou alérgico a este tipo de espectáculo: o seu aspecto trivial impede-nos de compreender a realidade da dor. Um dos problemas da nossa sociedade é ela desumanizar a violência. Uma coisa é evocá-la num plano artístico, outra é apresentá-la sob um ângulo unicamente espectacular. Veja a televisão.

Entre dois anúncios de creme de barbear, mostram-nos ima-

## A palavra «cortada»

OM «John Hawkes: La parole coupée», Pierre Gault convida-nos para um pequeno passeio no seio do universo «hawkesiano». Presidiram a esse empreendimento três influências principais: «A nova crítica e os seus prolongamentos semióticos, a linguística e, finalmente, a psicanálise».

Digamos desde já que a legibilidade de Hawkes não sai daqui aumentada. Pierre Gault entrega-se mais a cortar em pedaços os principais romances do americano do que a situar a sua obra. Apesar de uma leitura muito atenta e de notas muitas vezes pertinentes, o autor parece ter hesitado em se meter nos meandros de um universo complexo, mas, apesar disso, transparente. Essa *Parole coupée* surge pois como uma espécie de guia de leitura que revela as astúcias e os jogos a que Hawkes se entrega. Um Hawkes que é animado, nota muito justamente Pierre Gault «por uma preocupação constante: associar o leitor à sua empresa e assegurar-se até ao fim da sua participação».

John Hawkes; *La Parole Coupée*, de Pierre Gault. Prefácio de Maurice Nadeau. Ed. Klincksieck.

gens atrozes filmadas em Beirute. Este tipo de apresentação autoriza todas as manipulações, que podem engendrar, por sua vez, uma certa apatia. Não é a violência em si que é interessante, mas sim aquilo que a subentende. Creio que os traços mais negros da psicologia humana têm a ver com algo de extraordinário, de surpreendente, e que, a seu modo, é belo.

— Não há uma dimensão paródica na maneira como trata a violência ou a sexualidade?

— Claro que sim. Direi mesmo que todos os meus romances são cómicos. Entendo por isso que há em cada um deles um aspecto satírico, paródico. Violência e sátira não se excluem obrigatoriamente: veja Swift, Celine, o romance picaresco espanhol...

— Cita sempre romancistas europeus. Não será por isso que a crítica americana o apresentou muitas vezes como um autor do Velho Continente?

— Creio que há aí uma confusão. A maior parte dos meus romances passa-se na Europa. Mas é uma Europa que pode ser imaginária. Um dia, quando falávamos disso, Bernard Malamud, um escritor que muito admiro, disse-me: é ridículo. O lado sombrio dos seus romances coloca-os inteiramente na linha dos de Melville e de Edgar Poe.

— Falava há pouco da televisão. Vivemos, diz-se, numa civilização em que a imagem impõe cada vez mais os seus diktats. Será que isso tem repercussões na criação romanesca nos Estados Unidos?

— Penso que a situação actual é muito paradoxal. Vemos grandes grupos do audiovisual, como a RCA apoderar-se da edição, mas também assistimos à criação de grande quantidade de pequenas editoras que publicam por vezes autores muito interessantes. O outro paradoxo é que as grandes editoras publicam agora autores de quem me sinto muito próximo, como John Barth ou Donald Barthelme. Creio que conseguimos, a pouco e pouco, «infiltrar» o grande público.

— Quer dizer que a literatura não está ameaçada?

— Não é o romance que está ameaçado, é a leitura. Actualmente, o iletrismo é muito elevado nos Estados Unidos. Na televisão e no cinema os indivíduos exprimem-se numa espécie de gíria completamente redutora. Muitos romancistas voltaram-se para o cinema. Eu creio mais no valor da palavra escrita. Quando lê, o leitor cria o seu próprio romance. Pelo contrário, o espectador da imagem fica inteiramente passivo. Arriscamo-nos a assistir a uma espécie de desintegração espiritual.

— Como não se situa realmente numa corrente, como se apresentaria a um leitor que nunca o tivesse lido?

— Diria que sou um romancista existencialista. Ou um existencialista romântico. No fundo estou fora de moda.



● A semana passada o encontro foi entre dois grandes pianistas. Esta semana ele será entre dois grandes guitarristas: o argentino Roberto Aussel e o português Carlos Paredes. O concerto realiza-se amanhã, às 21 e 30, no Teatro S. Luiz e integra-se no X Festival da Costa do Estoril. São aliás os Festivais actualmente a decorrer os responsáveis pelos muitos e variados momentos de boa música. Esta noite, os brasileiros Egberto Gismonti e Nana Vasconcelos estão no convento dos Capuchos. Na quinta-feira, o pianista Yuri Egorov, de Kazan e radicado em Amesterdão, interpreta no Palácio de Queluz, Seis Momentos Musicais de Shubert, Três Nocturnos e Sherzo n.º 2 de Chopin e Burt Blunt Blaetter de Schumann. Às 21 e 30.

● Na sexta-feira, o violoncelista António Meneses e a pianista Cristina Ortiz (brasileiros) encerram, às 21 e 30, no palácio de Queluz, o Festival de Sintra, interpretando as três sonatas em ré maior de Mendelssohn, as três sonatas em si menor de Rachmaninov e as três de Chopin. Na quarta, às 18 e 30, é a vez do jazz representado pelo Quinteto de Maria João, no anfiteatro ao ar livre da Fundação Gulbenkian.

● «Os jovens leões», de Edward Dmytryk, com Marlon Brando e Montgomery Clift, é o filme que à meia-noite de hoje pode ver no Quinteto. Também hoje, mas no jardim de Silves, tem a oportunidade de rever «American Graffiti», de George Lucas. Na televisão, em «Cinema Lumiar», veja na quarta-feira um dos primeiros Spielberg: «Something Evil», feito quando o realizador tinha apenas 23 anos. Também no pequeno écran mas na quinta-feira, às 21 e 10, uma surpresa na TV para os «furiosos» de Chandler, e igualmente para o grande público: trata-se do primeiro episódio da série Marlowe, realizada por David Wickes. A televisão presta, assim, homenagem ao escritor que os portugueses conhecem através da «Vampiro» e que tanto trabalhou para o cinema, redigindo «scripts» para Hollywood ou ajudando a adaptar romances seus.

## doces crónicas

meu caro violador de correspondência... não!! Caro senhor violador de correspondência! não!! tem de ser menos impessoal!! Violador de Correspondência eu sou a Lenita, uma admiradora tua!!

Sei que vais ler esta minha carta carita, por isso aqui estou a escrever-te!!

Como não sabia a tua morada resolvi enviar esta carta ao major Otelo!! Sei que assim tenho grandes hipóteses que ela te chegar

Olha Violador não tenho laçre que e para te não complicar a vida!! O perfume, não te assustes, não é Lieto, e Rosas!!

Agora vou ter de acabar Violador querido, porque estão a bater na porta, deve ser o senhor das Buscas Domiciliares!! Mas não quero terminar esta carta sem te pedir um grande favor!! Escutas Telefónicas, pede-lhe desculpas minhas de falava a minha mamãe, sei que foi

## Profissões do futuro: uma imensa «classe média»

Algumas das profissões do futuro serão talvez um pouco aborrecidas mas pelo menos não ocuparão muito tempo — diz Marvin Centron, presidente de uma firma norte-americana de prognósticos de ocupações. Ele publicou, recentemente, um livro sobre as 500 melhores profissões da década de 90. Não inclui muitas surpresas. Abundam palavras relacionadas com genética, robótica e video-textos.

Um grande número destas profissões implica apenas o sentar-se perante a um computador que prepara toda a informação.

«Pode não ser muito interessante mas há uma maior disponibilidade para passatempos e viagens. Será mau de todo?» pergunta Centron, que parece bastante optimista quanto às novidades do ano 2000. No seu entender a sociedade americana tornar-se-á uma imensa classe média, uma massa homogénea», declarou entusiasticamente e acrescentou: «Trabalharemos menos, viveremos mais e seremos mais saudáveis».

A solução para os actuais problemas do trabalho está, segundo a opinião de Centron, na redução do horário semanal de trabalho para 20 horas.

Os computadores e os robots aumentarão tanto a produtividade que as empresas poderão conceder aumentos aos trabalhadores embora estes trabalhem menos — diz Centron.

Em «Profissões do Futuro», Centron e Marcia Appel, os

dois autores do livro, consideram que é urgente que os trabalhadores adquiram uma boa educação básica e que só em seguida se especializem.

A educação é necessária mas por si só não é suficiente. É preciso que haja um treino para que se formem bons profissionais de computadores», afirma Centron.

Uma das questões mais pertinentes sobre este livro é «por que é que não existe um capítulo destinado às profissões das mulheres?» Centron responde a esta questão afirmando que já não existem profissões exclusivamente femininas.

No ano 2000 a única profissão a que as mulheres ainda não têm acesso será a de padres da Igreja Católica.

Por volta do ano de 1990 cerca de 20 por cento das profissões relacionadas com as indústrias serão ocupadas por mulheres.

Centron acrescenta que em mais de metade dos casos norte-americanos actuais as mulheres também trabalham. No final do século esta percentagem atingirá os 75 por cento, mas a redução semanal do horário de trabalho faz com que os dois membros do casal juntos completem 45 horas de trabalho.

No futuro, as profissões mais valorizadas serão as que estão relacionadas com as artes, «os escritores, os escultores e os actores não podem ser substituídos por robots» — conclui o autor.

SAI DE UMA SÓ VEZ EM CADA SEGUNDA-FEIRA

Responsável de edição, João Mendes

Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

# sete MENSAGENS PESSOAIS sete

### Reportagem de guerra

Dois repórteres fotográficos «freelancers», com experiência, pretendem patrocínio para desenvolver uma reportagem em zona quente do Globo a combinar. Contactar: Parque Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 9, 1.ª-A — 2780 OEIRAS.

### Clube de leitores

Em organização. Promoção de leitura, música, iniciativas culturais de convívio. Aceitamos inscrições, sem compromisso, de pessoas interessadas em participar, mesmo na província. Damos todas as informações. Escreva-nos, indicando as suas motivações e gostos, para: Cardoso — Apartado 1332 — 1009 LISBOA CODEX.

### Motocicleta

Vendo Casal — 50cc, 5 vel. Contactar: José Luís, Tel. 749628.

### Coleccionadores

Vendo: colecção de copos gravados (marcas e firmas); 200. Todos ou por unidade — alguns já raros — Dictionaire Géographique Universel (1842), raro, bom estado, 2000 pág. — Bruxelles. — A. M. Araújo — Tel. 9240712 — Rua Alexandre Herculano, 10 — 2735 CACÉM.

### Apartamento

Em São João de Caparica, Torre A2, aluga-se em Agosto e Setembro. Resposta Telefone 783138.

### Loja — vende-se — urgente

Vendo loja, trespasso ou alugo urgente, facilidades de pagamento. Livraria, papelaria, valores selados, Lotaria, etc. Contactar no local — Centro Comercial — Quinta Nova — loja 24 em Sacavém ou 801189 depois das 20 horas.

### Açoteias

«Aldeia Açoteias», apartamento 1-A, completamente mobilado, bem situado, perto praia, vende-se. Informa telefone 2900906, entre 19 e 21 horas».

### Andar na Caparica

Vendo por preço acessível, com 3 d., 1 hall, 2 c. banho, marquise e quintal. Av. do Oceano 65 r/c E.º (S.º António). T. 2901150 ou 557791.

### «Abat-Jours»

Fabrico e restauro. Bons preços. Se preferir traga o seu próprio tecido. Adapto a candeeiros peças diversas. Desconto aos leitores deste jornal. Av. do Brasil, 182 — traseiras. Fácil estacionamento. Tel. 881937 — 1700 Lisboa.

### Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.